



Destaque PÁGINA 15-17

Pergunta à Tina

SMS
email

90 441

averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA



Areeiro: o progresso
que ignora vidas

Sociedade PÁGINA 05



Diálogo de surdos
=
guerra da paridade

Democracia PÁGINA 11



Colecção
de ouro

Música de
MOÇAMBIQUE

Plateia PÁGINA 26

Editorial

averdademz@gmail.com

É fácil morrer na guerra dos outros

Empurrado para uma guerra que não quer, não compreende e, quiçá, julga injusta, um polícia de 21 anos foi morto em sede de um conflito que exigiu o seu sangue, mas discute os direitos de uma minoria. As manifestações de repúdio inundaram as redes sociais e agora não se trata de mais um mero dado estatístico. Não é mais um para engrossar as fileiras dos mortos da paridade. É um jovem que auferia menos de 3.500 meticais e que nas horas vagas, livre da farda, se transforma num cidadão comum. Um pobre como os outros. Com os mesmos dramas, dívidas, sonhos e frustrações.

Imediatamente – ao contrário do que é suposto ouvir quando se fala de baixas do lado do Governo – o polícia tornou-se humano, ganhou nome e alguma dignidade. Dignidade essa que a farda nunca lhe conferiu.

Descobrimos então que se tratava do filho de uma família ou mesmo um pai que pagava as suas contas religiosamente. Amaldiçoamos a guerra e tudo o que ela representa.

Não sabemos, no entanto, se é pelo facto de ser polícia que lamentamos a sua morte ou se foi pelo facto de este incidente ter despertado, na nossa consciência colectiva, a dimensão do ser humano. Ou seja, não sabemos se compreendemos agora que a farda esconde um homem como outros. Homem, esse, que muitas vezes dispara contra o povo a contragosto. Homem que veste a camisola da FIR ou das FADM e até da PRM e até da Renamo, mas, mal despe o fardamento com o qual nos oprime e restringe os direitos também ele, por sua vez, é oprimido pelo transporte, pela guerra que também não lhe permite visitar parentes e pelo salário de miséria que lhe é igualmente pago para proteger um sistema que o (nos) marginaliza.

Esse mesmo sistema de injustiça e enriquecimento de uns poucos que lhe retira, regra geral, a dimensão humana e o transfigura no maior inimigo do povo. Esse mesmo povo que sofre tudo enquanto os governantes tomam whiskys e andam de carros topo de gama nas artérias de um país que sangra pelos poros. Foi preciso uma morte para – do nosso ponto de observação – conseguirmos compreender que o polícia é um cidadão. Que foi um irmão que tombou. Que a guerra, seja qual for o motivo, não deve beber o sangue das vítimas da arrogância dos donos do país. O poder não pode custar a vida de cidadãos que nem sequer têm onde cair depois de exaustos.

Agora compreendemos que esse polícia é tão vítima como nós. Aliás, ele é duas vezes vítima. O homem afinal não dispara porque quer, mas porque jurou proteger um poder que não lhe liga patavina.

E morrem todos os dias, por causa dessa guerra estúpida, militares, guerrilheiros, polícias e civis. Contudo, o que nos mata, enquanto povo – sem generalizações – é a nossa mania de seleccionar o repúdio e definir os nossos amigos por trás das armas que nos tiram a vida. Quem levanta uma arma não pode, de forma alguma, ser tido como inocente no meio da história. Os que matam camponeses precisam de ser julgados, mas também aqueles que tiram a vida a um mero polícia de 21 anos.

Esse que é, como dissemos, duplamente vítima. E o pior é que não sabe e jamais saberá de que valeu a sua morte...



Boqueirão da Verdade

“Definitivamente o país de hoje não é de ontem. O principal argumento que se vive por agora é o político. Toda a gente tem uma opinião, posicionamento ou preferência política. Outros nem é por perceberem, mas sim porque a nossa sociedade se guia pela política, e quem não entra (com as armas que tem) fica fora do jogo”, Américo Matavele

“Assim, as conclusões são aos magotes, e cheias de incongruências, completamente viradas para uma espécie de anarquia e de má educação social, onde a patologia é levada no colo da virtude. Os sábios esfregam as mãos de contentes, e riscam mais uma tarefa cumprida na estupidificação da sociedade”, Idem

“Tal como se fez contra os raptos, eu gostaria de ver Alice Mabota à frente de manifestações contra os ataques da Renamo contra civis. Há muito que não via moçambicanos na fila para receber tendas, salvo em tempos de cheias. O silêncio é também sinal de cumplicidade”, Eusébio Gwembe

“A confrontação armada constitui a grande preocupação. Quando o Exército, por um lado, e os homens armados, por outro, iniciaram a troca de tiros, constituiu um indicador de que há guerra no país”, Moisés Mabunda

“É momento de se abordar o problema político-militar com franqueza. Se é a paridade que a Renamo quer, então vamos a ela. Não se perde nada. Na minha opinião deve-se discutir esta proposta de modo a encontrar-se consenso em torno dela. Também se devem discutir todas as outras propostas com a devida serenidade”, Idem

“Muitas vezes não são os encontros das lideranças que resolvem os problemas mas sim dos seus mandatários que, depois de várias discussões na busca de consenso, encontram saídas que satisfaçam as partes. O encontro entre os líderes seria o momento para se fechar todos os consensos alcançados pelos emissários”, Ibidem

“A Renamo já está a atingir uma parte dos objectivos que ela traçou que é o efeito psicológico. As pessoas, hoje, estão a olhar para a Renamo com maus olhos, mas também estão a olhar com maus olhos para o Governo. Nesta situação, a responsabilidade cai mais para o Governo do que para a Renamo, a qual, de todo, hoje está mal para as pessoas, pois elas não concebem que 21 anos depois se vá de novo para a guerra. (...) A saída para tudo isto é, primeiro, olhar para a mesa do diálogo ou das negociações e trabalhar-se no sentido de se realizar um diálogo sério e honesto para a busca de soluções para os problemas existentes”, Calton Cadeado

“Quem queima sedes de outros partidos políticos e impede as actividades políticas dos outros que afinal pretende? Quem se intromete e instrumentaliza a PRM julga que isso será aceite como facto consumado para todo o sempre? Quem partidariza a olhos vistos o aparelho do Estado, condicionando o seu funcionamento,

nomeando e demitindo em função da filiação partidária será que espera apreço ou revolta pelos negativamente afectados? Quem se apossa de todas as possibilidades de progressão económica e resume o seu acesso a um núcleo restrito de pessoas que espera?”, Noé Nhantumbo

“Contrariamente às outras organizações democráticas, o partido Frelimo assaltou o Estado e transformou-o num sistema de exploradores e explorados. Colocadas as coisas desta forma, é naturalmente estatutário que os exploradores se achem donos de tudo e todos e com credenciais até para destruir o país. É igualmente normal que os exploradores assumam todo um povo como uma legião de pacóvios pouco dados ao raciocínio, porque também se assumem como fontes da divina sabedoria. E no caso em concreto, convencionou-se que o cidadão Amando Guebuza é detentor de uma sabedoria equiparável à do Rei Salomão citado nas sagradas escrituras. Só que contrariamente ao Rei Salomão, e para nossa desgraça, o Rei Guebuza é portador de uma invulgar sabedoria típica das castas com vocação para o paternalismo destrutivo”, Matias Guente

“A situação de guerra civil na qual o país está mergulhado é o resultado das doses dessa porção de sabedoria destrutiva. Vinte e um anos depois somos obrigados a ficar indispostos com informações de mortos e de milhares de deslocados e desesperados por causa da guerra. Voltam agora os cidadãos a ficar apreensivos quando chega a hora dos telejornais e dos jornais para ficarem a saber por onde a tragédia se abateu. Da Gorongosa, agora é Homoine onde as pessoas que já se tinham esquecido dos horrores da guerra e estavam a organizar as suas vidas são agora obrigadas a serem refugiados de guerra num país em que o “Sábio Rei” diz estar a caminhar imparavelmente rumo ao progresso”, Idem

“(…) Aliado a este cenário, existe um elemento chamado “paridade”, que é o centro dos desentendimentos entre as partes beligerantes, o Governo e a Renamo. Paridade esta que é entendida como o igualar das circunstâncias de concorrência dentro do esquadrão eleitoral, caso concreto na composição numérica da Comissão Nacional de Eleições, que é o órgão de gestão do processo eleitoral. Paridade esta que é desconhecida por um grosso número da população moçambicana, mas que continua a ser ela a grande causadora das matanças que ceifam vidas de filhos de moçambicanos e não do Governo, nem da Renamo”, Dércio Tsandzana

“Não é de mediadores que o país agora precisa. É de interlocutores e esses não são só a Renamo e o Governo, mas sim todas as forças vivas e devidamente organizadas da sociedade. Há muito que o Governo devia ter convidado o MDM – como partido com assento na Assembleia da República – a fazer parte dessas “negociações”. Há muito que o Governo devia ter insistido num convénio nacional como a melhor plataforma de diálogo para corrigir o que está errado na nossa ordem constitucional”, Elísio Macamo

OBITUÁRIO:

Ariel Sharon
1928 – 2014
85 anos



Morreu o antigo Primeiro-Ministro israelita, Ariel Sharon, no último sábado, aos 85 anos de idade. O ex-chefe do governo estava em coma há oito anos, desde 2006, na sequência de um AVC.

Ariel Sharon, um general reformado, muito acarinhado pelo povo israelita, morreu devido a insuficiência cardíaca, sendo que o seu estado se tinha deteriorado na última semana, com os órgãos vitais do ex-líder israelita a começarem a falhar.

Nascido a 27 de Fevereiro de 1928, em Kfar Mahal, aldeia a norte de Tel Aviv, Ariel Sharon provinha de uma família de sionistas russos, que emigrou para a Palestina nos anos 20 do século XX.

Aos 14 anos, alistou-se no batalhão paramilitar de juventudes, tendo ingressado na academia militar, onde concluiu o curso de oficial.

Com a formação do Estado de Israel, Sharon foi nomeado comandante de uma companhia da infantaria, tendo ingressado na guerra contra os árabes com apenas 21 anos de idade, tendo depois passado para os serviços de inteligência militar.

Em 1952 inscreveu-se para a licenciatura de Direito, tendo concluído o curso em 1966, altura em que passa a chefiar o Departamento de Instrução do Exército. No ano seguinte é promovido a general de brigada e comanda a divisão que conquistou Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza.

Liderou a captura do Terceiro Exército do Egipto, em 1973, pondo fim à Guerra do Yom Kippur. Em 1975 torna-se conselheiro do Primeiro-Ministro Menachem Begin e dois anos depois concorre contra ele para a presidência do partido Likud.

Após a derrota, cria o seu próprio partido, o Shlomo Zion, entrando assim para o Parlamento israelita. Depois das eleições de 1977 funde os dois partidos e ascende a ministro da Agricultura, assumindo, em 1981, a pasta da Defesa.

É já em 2001 que é eleito Primeiro-Ministro de Israel, depois de se tornar líder do Likud. Em 2002, na sequência de uma onda de atentados palestinos, Sharon decide reforçar os colonatos e confinar Yasser Arafat em Ramala, mesmo contra a comunidade internacional.

Foi em 2006, aos 79 anos de idade, que sofreu uma série de acidentes cerebrais que o deixaram em estado vegetativo até o último sábado, dia da sua morte.

Sharon casou-se com Magalit, com a qual teve um filho, que morreu em 1967, vítima de um tiro accidental de um amigo. A esposa falecera em 1962, num acidente de viação tendo Sharon casado então com a sua irmã mais nova, de quem teve dois filhos.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.



Armando Artur

Esta semana, o ministro da Cultura, Armando Artur, lidera a lista dos Xiconhocas. Motivo: Armando Artur é daqueles dirigentes que tem como trabalho ficar simplesmente sentado no escritório e ver o tempo passar. Nos últimos anos, pouco ou quase nada fez em prol da cultura moçambicana. Na verdade, desconhecem-se as suas obras. E, nesta semana, ele perdeu uma oportunidade de mostrar que se interessa pela cultura do nosso país, ao não reagir no caso da pintura do mural da Praça dos Heróis Moçambicanos, um trabalho que decorre sem o consentimento do autor.

Absalão Siweia

O candidato derrotado da Frelimo pelo município de Nampula, Absalão Adolfo Siweia, deve estar a passar por problemas sérios de falta de auto-estima. Numa atitude que devia corar o indivíduo de vergonha, Siweia recusa-se a devolver uma viatura que lhe foi emprestado durante a campanha eleitoral. O Xiconhoca, intencionalmente, esqueceu-se de que o veículo não é propriedade do seu partido, mas sim trata-se de um bem público que lhe foi cedido de forma ilegal e promíscua pelo actual edil, Castro Namuaca, e o seu elenco. Xiconhocas!

G-40

Para garantir “pão e água” às suas respectivas famílias, um grupo constituído por 40 indivíduos cuja sanidade mental se desconhece submete-se a um exercício deprimente de “ajeitar a gravata” do Chefe de Estado, Armando Guebuza. O conjunto conhecido por G-40 é, na verdade, uma vergonha nacional, pois a única tarefa que sabe exercer, diga-se de passagem, com mestria, é promover a desinformação. O objectivo é simples: limpar a imagem encardida de um Presidente da República que, durante dois mandatos, se preocupou em ampliar o seu património pessoal. É a velha arte de vender peixe podre. De facto, o ser humano é um mistério inescrutável!

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Mural da Praça dos Heróis

Os trabalhos de reabilitação do mural da Praça dos Heróis estão a ser realizados sem o consentimento do artista plástico, João Bruno Craveirinha, o autor da primeira obra de pintura do muro. Os nossos leitores consideram a decisão uma grande Xiconhoquice, pois é um insulto à pessoa que idealizou os primeiros traços, além de se tratar de um património cultural que deve ser respeitado.

O facto de ser um património público não tira mérito ao autor. Não é necessariamente obrigatório que seja ele a fazer os retoques do mural, mas os mesmos deviam ser feitos com o seu consentimento. Os autores dispõem de conhecimentos relacionados com as obras por si desenvolvidas, sendo que os rectificadores se encarregam de fazer pequenas alterações. Uma falha no processo de rectificação poderá desfigurar a obra original. Um património tem de ser respeitado, pois ele representa a cultura de um povo, a história de um país e a identidade de uma nação.

Intimidação a Alice Mabota

Intimidar a presidente da Liga Moçambicana dos Direitos Humanos (LDH), Alice Mabota, é uma Xiconhoquice de proporções gigantescas. Desde quando defender o respeito aos direitos humanos foi uma incitação à violência e desobediência civil? Já não temos dúvidas de que vivemos num país onde as pessoas são obrigadas a “ver, ouvir e calar”. A liberdade de expressão e a manifestação de repúdio a aspectos que não dignificam uma sociedade são uma miragem no nosso país.

Um grupo de agentes da Polícia de Investigação Criminal (PIC) foi visto nas instalações da Liga dos Direitos Humanos, em Maputo, onde entregou uma notificação passada pela PIC a solicitar a presença de Alice Mabota para prestar declarações alegadamente por incitação à violência e à desobediência civil.

Os leitores entendem que a LDH está a cumprir com o seu papel que é de contribuir para a criação e consolidação de uma sociedade educada em relação aos direitos humanos e as respectivas obrigações fundamentais.

Raptos voltam a criar pânico

A situação de raptos protagonizada contra os cidadãos, na sua maioria, de nacionalidade estrangeira dava a entender que era assunto do ano de 2013. Engana-se quem assim pensou. Os sequestradores voltaram na máxima potência e continuam a fazer vítimas. No primeiro mês de 2014, os malfeitores raptaram cerca de cinco pessoas. A título de exemplo, um cidadão de ascendência hindu, Subshash Chandra, foi raptado por cinco indivíduos desconhecidos munidos de uma arma de fogo. Na altura, usavam uma viatura de marca não registada.

Outro cidadão também de ascendência hindu, Kishoor Chootalal, dono da “Casa Pandia”, especializada na venda de capulanas, foi vítima de rapto na última sexta-feira (10). No domingo, um grupo composto por indivíduos cujas identidades não foram apuradas, sequestrou um cidadão de nome Nasser Momad, no município da Matola. Será que não existe uma medida para travar estas situações? É caso para dizer que a Polícia moçambicana anda metida nesses sequestros, pois espanta-nos a ousadia dos meliantes e a indiferença dos agentes da Ordem e Segurança.

Uma mulher tirada da rua torna-se caridosa

Aos cinco anos de idade, Maria Augusto Massingue, natural de Maputo, foi raptada algures em Boquisso, no distrito de Marracuene, por um bando de homens armados para a guerra, em 1981. Ela recorda, com muita mágoa, os episódios do último conflito armado que durou 16 anos em Moçambique, o qual só cessou, em 1992, depois de o país ter ficado dilacerado. Por causa disso, não estudou, ficou traumatizada devido ao conflito armado e quando foi restituída à liberdade não voltou a ser uma pessoa completamente normal, pois sofria de alguns desequilíbrios mentais. Por falta de tratamento, viveu na rua até o dia em que encontrou a salvação.

Texto & Foto: Redacção

Aos 38 anos de idade, Maria Massingue, faz parte de uma associação de voluntários destinada a causas humanitárias, sobretudo para ajudar os enfermos, deficientes físicos e órfãos. A sua profissão, como gosta de dizer, é ajudar o próximo.

Ninguém da família de Maria Massingue acreditava que ela estivesse ainda viva. Era dada como morta, mas, por milagre, conseguiu localizar os parentes e recomeçar a vida, pese embora tenha enfrentado várias dificuldades para se inserir normalmente na sociedade. As imagens da guerra não abandonavam os seus pensamentos. Estava espiritualmente abalada e era conhecida como uma mulher extremamente agressiva. Não conseguia dialogar com ninguém, muito menos manter uma relação de afecto com os homens, pois agredia-os fisicamente.

Ao @Verdade, Maria Massingue contou que durante vários anos levou uma vida de perturbações e sem rumo. “Não encontrava a paz em mim mesmo e as imagens sangrentas da guerra inquietavam-me constantemente, o que me tornava anti-social e agressiva.”

A vida da nossa entrevistada mudou drasticamente no dia em que ela, deambulando pelas ruelas do bairro de Maxaquene, encontrou, por acaso, Denise Tsai – uma mulher twainesa que representa a Tzu Chi Foundation (uma organização de caridade que existe em todo mun-



do e que prega o amor pelo próximo) – e cumprimentaram-se. Depois de uma conversa, a senhora convidou a nossa interlocutora a conhecer uma fundação de voluntários naquele país. Mesmo sem entender precisamente do que se tratava, Maria Massingue viajou para Durban e os custos da deslocação e hospedagem foram suportados pela senhora que a convidou.

Na África do Sul, a moçambicana foi apresentada a pessoas que padeciam de várias enfermidades e devia ajudá-las voluntariamente a superar esse mal. Para quem levava uma vida desregrada, andava na rua sem eira nem beira por causa de um choque dos efeitos da guerra, era normal que sentisse uma repulsa devido ao estado deprimente em que alguns doentes se encontravam. Todavia, não foi o caso de Maria Massingue. Esta mulher, apesar das dificuldades que enfrentou num país cuja língua desconhecia, aprendeu a amar pessoas de diferentes origens e as que sofriam por diversos motivos.

Maria Massingue disse que cuidou de pessoas em extrema vulnerabilidade que nunca antes havia pensado encontrar na sua vida. “Paulatinamente senti que eu estava a mudar, comecei a apegar-me às pessoas, descobri o amor. Passei a amar o próximo de uma maneira especial.”

Em Durban, a nossa entrevistada ficou apenas uma semana, mas, ainda assim, ela acredita que teve lições positivas para uma vida inteira. Daquele país regressou a Moçambique e passou a viver sem preconceitos, além de ser solidária.

Com o auxílio da Tzu Chi Foundation, na casa da sua mãe, Maria Massingue montou uma espécie de um “paraíso” para quem a esperança de vida já não existia. A senhora e a progenitora acolheram, pela primeira vez, um velho doente abandonado pela esposa e pela família, agoniado e à beira da morte depois de passar uma semana inteira sem uma única refeição. “Acolhemos o doente, começámos a tratar dele e, paulatinamente, começou a recuperar. Sentimos que podíamos ajudar outras pessoas.”

O passo a seguir foi albergar na casa todos os indivíduos que precisavam de ajuda e mais pessoas ficavam sensibilizadas com a iniciativa; por isso, uma semana depois, o irmão de Maria Massingue também abraçou a causa. Difundiram pelo bairro a vocação deles para cuidar de gente sem condições para sobreviver e anunciaram que estavam abertos a todos os que necessitassem do apoio de voluntários.

Volvido algum tempo, a casa que já funcionava como um lugar de recuperação e reabilitação de pessoas quase à beira da morte ganhou a consistência de uma associação destinada ao efeito. Aliás, graças ao apoio da Tzu Chi Foundation já albergava 15 doentes, que padeciam de várias enfermidades, num espaço exíguo que a cada dia se mostrava insuficiente para suportar a demanda dos serviços da senhora a que nos referimos.

Para além da ajuda de vários voluntários, a Igreja Doze Apóstolos de Maxaquene, na qual a mãe da nossa interlocutora reza, disponibilizou um espaço para albergar mais indivíduos que precisavam de cuidados.

Foi assim que no bairro de Maxaquene “A” a “D”, Maria Massingue e a Tzu Chi Foundation Moçambique, representada por Denise Tsai, fundaram uma associação que já conta com mais de 600 voluntários distribuídos pelos bairros de Matendene, Zimpeto, Magoanine, Albazine, Mahotas, Laulane, Guava, Hule-ne, Ferroviário incluindo o distrito de Moamba.

A nossa entrevistada dedica todo o seu tempo e esforços a causas humanitárias; por isso, considera que a sua profissão “é amar o próximo incondicionalmente.” Ela sonha expandir as acções de caridade a todo o país e, neste momento, iniciou, com a ajuda de Denise Tsai, contactos que visam abrir uma associação na cidade de Maxixe, na província de Inhambane, onde já tem 58 voluntários. Actualmente Maria Massingue viaja constantemente para a África do Sul com o intuito de colher mais experiências sobre a actividade que desenvolve.

Em Novembro último, ela esteve em Twain com outros voluntários daquele país asiático, onde conheceu o fundador da Tzu Chi Foundation, de 79 anos de idade, que criou, há 47 anos, a associação na qual a nossa entrevistada dedica-se a amar o próximo e que existe em mais de 80 países. “Lá, aprendi que o amor não tem fronteira nem raça.”

Apesar de todos os avanços conseguidos, ainda há muito mais por fazer. Há muito mais gente a precisar de auxílio, mas não tem sido possível abranger todos os necessitados por falta de meios financeiros. Para a construção de instalações próprias, uma das apostas da organização de Maria Massingue é a compra de um sistema de som para palestras, uma vez que tem sido difícil trabalhar sem esse instrumento. “Ainda temos muitas dificuldades, mas é inegável que melhorámos muito em pouco tempo. Se antes um voluntário devia cuidar de quatro ou cinco doentes, hoje dois voluntários estão para um doente.”

Refira-se que, Maria Massingue e Denise Tsai ofereceram, no dia 31 de Dezembro passado, uma carrinha de rodas a uma jovem de 24 anos de idade, no bairro do Bagamoyo, que sofre de deficiência física. Para se locomover, a rapariga identificada pelo nome de Orlanda Magaia, cuja mãe morreu há anos e o pai está em lugar incerto, arrasta-se pelas nádegas.

Orlanda Magaia depende da tia, que sofre de paralisia, para sobreviver. A família está a passar por necessidades extremas e já perdeu a fé em Deus devido a tanto sofrimento a que está votada, pese embora insista que Orlanda vá à igreja. Entretanto, para aliviar essa dor, Denise Tsai e Maria Massingue comprometeram-se a prestar ajuda e o primeiro passo já foi dado. É que, para além da carrinha de rondas, o irmão de Orlanda, que frequenta o ensino primário, recebeu algum material escolar.

Saibreira gera conflitos em Marracuene

A extracção do saibro – uma composição de argila e areia para a construção civil – destinada às obras da Estrada Circular de Maputo está a gerar confusão entre os residentes do bairro 29 de Setembro e o governo do distrito de Marracuene, na província de Maputo, devido à ameaça que a saibreira representa para as famílias que se encontram à volta do local.

Texto: Redacção • Foto: Reginaldo Mangue

A saibreira em alusão é antiga mas esteve encerrada durante dois anos por perigar a vida da comunidade local e por se localizar a cerca de 200 metros da Estrada Nacional número Um (EN1). Entretanto, desde meados do ano findo, a construtora CRBC-China Road & Bridge Corporation extrai no local o saibro, uma acção que concorre sobremaneira para o aumento da extensão e profundidade da cova abrangendo algumas residências. Por conseguinte, no passado, pelo menos 23 famílias foram removidas e reassentadas no bairro de Mapulango, em Marracuene.

O governo daquele distrito pretende proceder da mesma forma com vista a evitar problemas que resultem, por exemplo, da derrocada de casas, uma vez que mais quantidades de saibro serão extraídas do sítio para o projecto em causa. Contudo, há um braço-de-ferro entre as estruturas e alguns moradores do bairro 29 de Setembro, os quais, pese embora estejam aprensivos devido ao perigo que correm por as suas habitações estarem a escassos metros da cova e recusam-se a ser deslocadas para lugar seguro.

O secretário da zona, João Fernando Mitine, de 73 anos de idade, disse ao @Verdade haver desentendimento entre a comunidade e o governo de Marracuene. Determinadas pessoas pedem o encerramento da saibreira, outras querem ser transferidas para outros bairros, mas impõem como condição a criação, primeiro, de infra-estruturas sociais básicas de que um ser humano necessita para sobreviver sem grandes privações.

Na tentativa de se encontrar uma solução para o problema que opõe as partes, em Novembro último, a administradora Maria Vicente reuniu-se com a população para auscultar as suas preocupações, mas não houve entendimento, os ânimos subiram e a regedora abandonou o encontro em debandada por ter dito que a extracção de areia vai continuar e certas famílias serão transferidas e reassentadas em Cumbeza, sem que ela tenha avançado datas nem os montantes para o efeito.

“Há, de facto, um impasse entre a população e o governo local: uns acolhem a ideia de reassentamento mas outros não querem abandonar a zona, por isso, a última vez que os técnicos tentaram demarcar as casas que serão removidas, no quarteirão 01, foram expulsos pela comunidade. Saíram de lá a correr e não sabemos quando e qual será o destino das pessoas que se encontram nas proximidades da cova. O que me choca, como secretário do bairro, é o facto de as autoridades distritais não nos respeitarem. O exemplo disso é ter-se autorizado a empresa CRBC-China Road & Bridge Corporation a abrir outra saibreira no campo de uma escola secundária sem nos informarem. Isso causa indignação e fúria na população”, disse João Mitine, ao @Verdade.

O ancião explicou-nos igualmente que a saibreira, sita no bairro 29 de Setembro, concorre para a existência do crime. Há dias, um homem, que se presume ter sido vítima de malfeitores, morreu na mesma cova, acto que, relacionado com outras mortes que aconteceram no mesmo local, até hoje gera uma insatisfação generalizada.

Em relação às pessoas que aceitaram ser removidas, parece haver demora por parte das autoridades do governo de Marracuene. Marta Magombe, residente na zona, no quarteirão 01, há 10 anos, vive em frente da cova e, com as lágrimas no rosto, a senhora pede, desesperadamente, para ser transferida para uma área mais segura mas tudo indica que a sua súplica é ignorada.

“Estamos em risco e o governo disse que nos iria tirar daqui, mas não estamos a ver acções concretas nesse sentido. Já não



suporto mais este lugar. Os meus filhos vivem em constante perigo e há meses uma menor morreu na saibreira em consequência de uma queda. A poeira alastra-se durante a extracção da areia e cobre a minha casa, não posso cozinhar nem estender roupa em paz e não sei o que será da minha família, nos próximos tempos, porque a saibreira está, cada vez mais, a aumentar de extensão e profundidade”, disse Marta Magombe.

Num tom de revolta, Salomão Cháúque afirmou que a sua família não pretende abandonar aquele sítio onde se encontra há 30 anos. “Eles (a construtora e o executivo de Marracuene) devem encerrar a cova. Nada poderá pagar o amor que temos por este lugar.”

Bruno Savanguane, outro jovem daquele bairro, considerou que as autoridades locais são também responsáveis pela confusão instalada na medida em que ninguém diz concreta-

mente quando é que as pessoas serão deslocadas para uma área segura nem há acções para o efeito.

Noé Paulino Muchate, director do Serviço Distrital do Planeamento de Infra-estruturas (SDPI) em Marracuene, explicou ao @Verdade que a população e o governo daquele ponto estão desavindos porque há pessoas que não entendem que o saibro extraído é para um bem de interesse comum. E há realmente necessidade de deslocar algumas famílias para se ter o saibro. Para evitar conflitos pensou-se em abrir muitas covas no distrito, mas, devido a questões ambientais, é difícil fazer a gestão dos buracos que forem abertos; por isso, decidiu-se expandir a área de exploração da actual saibreira.

“Na comunidade existe desentendimento, uma vez que uns aceitam sair para outra zona, outros negam mas a saibreira deve continuar para alimentar um projecto que é de utilidade pública. Parcelámos a zona de Cumbeza e estamos em processo de identificação das famílias que serão reassentadas, das quais 33 já foram registadas. Pretende-se abranger quatro hectares da área de extracção do saibro incluindo a área da reserva que é de 50 metros”, explicou-nos Noé Muchate.

“Sobre a segunda cova, acho que há um mal-entendido. Aquela é uma área de trabalho da empresa construtora da Estrada Circular de Maputo, creio que todos sabem que por ali passará a via e será erguida uma ponte que fará um nó entre a secção 2 e a secção 4. Esta é a EN1 e a primeira é a estrada que liga o bairro Costa do Sol a Marracuene”, esclareceu o nosso interlocutor.

Em relação a este assunto, algumas agremiações, tais como a Associação dos Naturais de Marracuene e a Associação dos Veteranos de Marracuene, reivindicam igualmente o encerramento da saibreira na origem do descontentamento dos moradores do bairro 29 de Setembro, principalmente por suspeitarem que algumas estruturas se aproveitam da situação para tirarem proveito próprio. “Já não temos um campo sequer para a prática do desporto em Marracuene”, disse Horácio Piúza, um dos agremiados.

Vítimas de fuzilamento em Murrupula exumadas

Na sequência da execução sumária perpetrada pelos agentes da Força de Intervenção Rápida (FIR) contra quatro supostos homens armados da Renamo, que se saldou em três mortos e um sobrevivente com ferimentos graves, nas matas do povoado de Nthipuehi, posto administrativo de Gazuzo, em Murrupula, a Liga dos Direitos Humanos de Moçambique moveu um processo-crime contra o Estado moçambicano. Face a esta situação, a Procuradoria Provincial de Nampula ordenou a exumação dos restos mortais enterrados numa vala comum daquele ponto do país.

Texto: Júlio Paulino • Foto: Arquivo

Apesar de ter sido uma ordem da Procuradoria Provincial de Nampula, não foi fácil convencer os moradores do povoado de Nthipuehi a exumar os três corpos que jaziam numa vala comum, vítimas de uma acção bárbara protagonizada por homens da FIR, alegadamente por aqueles indivíduos pertencerem às fileiras da Renamo. Tudo porque os populares afirmaram tratar-se de uma situação que foge à normalidade naquele ponto do país.

Para a concretização do acto, a Procuradoria Provincial de Nampula teve de criar uma comissão multisectorial encabeçada pelo magistrado do Ministério Público, Cristóvão Mondlane, e o seu assistente, dois juristas da Liga Moçambicana dos Direitos Humanos (LDH) - delegação regional norte, uma médica legista e um enfermeiro.

Segundo informações em nosso poder, chegados a Gazuzo, a equipa dirigiu-se ao gabinete do chefe da localidade, tendo para o efeito apresentado a agenda de trabalho, cujo objectivo principal era a deslocação ao povoado de Nthipuehi, onde foram sepultadas as vítimas de fuzilamento. Estranhamente, o chefe da localidade distanciou-se das execuções sumárias, alegando desconhecer o registo daquele acto macabro na sua área de jurisdição.

“Solicitámos a presença da Polícia e da chefia da localidade, mas estes recusaram-se alegando não terem recebido autorização da administradora do distrito de Murrupula. Apesar disso, tivemos de avançar para o local sem a presença deles”, disse um dos integrantes da equipa multisectorial que pediu para não ser identificado.

No povoado de Nthipuehi, a equipa confrontou-se com uma série de dificuldades impostas pela população local, supostamente por questões relacionadas com os hábitos e costumes da região. “Tivemos que dar gorjeta



que, segundo a cultura local, é apelidada xirove, no valor de dois mil meticais a quatro homens. Com a ajuda do assistente da médica legista, foram exumados os restos mortais da vala comum”, contou a fonte.

A presença da equipa multisectorial naquele local não foi bem-vinda para a população do Nthipuehi, porque guarda más recordações do passado dia 5 de Dezembro.

Não foi possível avançar detalhes sobre o processo de investigação em curso, alegadamente por se encontrar ainda em instrução preparatória mas, na devida altura, serão divulgados todos os contornos do macabro assassinato.

@Verdade soube ainda que no processo de exumação dos três corpos foram convidados os familiares de uma das vítimas, mas devido a questões financeiras não foi possível estarem presentes no local, uma vez que residem no distrito de Mogovolas.

Domingos Talapua, um dos sobreviventes da operação macabra que, presentemente, se encontra fora de perigo depois de várias intervenções cirúrgicas, contou que, dos três homens fuzilados pela FIR em Dezembro último, um era seu cunhado, desconhecendo-se a origem das outras duas vítimas. Talapua confirmou ainda que eram indivíduos que se dedicavam à caça furtiva no distrito de Mogovolas.

LDH exige à Polícia os nomes das vítimas para identificação pelos familiares

Tarcísio Abibo, delegado regional norte da Liga dos Direitos Humanos, disse que, uma vez identificados os familiares de um dos finados, a sua instituição vai nos próximos dias persuadir o governo a autorizar a Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula a facultar os nomes das outras duas vítimas, com vista a localizar a família.

Por outro lado, o nosso interlocutor disse que, mesmo que ainda seja prematuro, a LDH vai intentar outro processo civil e administrativo contra o Estado para que possa indemnizar os familiares das vítimas. “Tratando-se de homens

adultos, estes eram chefes de famílias e deixaram filhos, esposas e outros dependentes à deriva. O Estado moçambicano, além de ter violado o nº1 do artigo 56 da Constituição da República em vigor no país, deve-se responsabilizar na criação de condições para que estes dependentes tenham uma vida melhor”, disse Abibo.

Mais homens da Renamo poderão ter sido fuzilados

No ano passado, a PRM recusou a visita da LDH em carta com a referência 273/CPRM/NPL/2013, com as seguintes transcrições: “Estamos sensibilizados da missão e o trabalho que a LDH tem levado a cabo, para que o homem seja digno, respeitado, garantido os seus direitos e liberdades fundamentais à luz da Constituição da República, as celas pelas quais se pretende visitar, estão detidos os antigos guerrilheiros da Renamo e outros participantes nos crimes militares de assassinato a populações indefesas, saques de bens, na estrada Rapale-Cuamba

. Como se pode notar, estes actos macabros deixam de ser classificados como crimes de natureza comum para militares, aconselhamos que a LDH aguarde a melhor oportunidade tendo em conta as investigações e buscas em curso”.

@Verdade soube ainda que, em Dezembro último, depois do encontro entre a delegação da Renamo chefiada pelo respectivo secretário-geral, Manuel Bissopo, com o comandante provincial da PRM e Procurador-chefe em Nampula, pelo menos 21 indivíduos viram a sua prisão legalizada, pese embora ainda estejam detidos nas celas do comando da PRM, e sete foram soltos por insuficiência de provas, de um total de 45 supostos homens armados detidos. Refira-se que se desconhece o paradeiro de outras 17 pessoas, aventando-se a hipótese de estas terem sido fuziladas.

Chuvas deixam famílias na miséria

Texto: Redacção

Desde Outubro passado, a chuva que cai um pouco por todo o território moçambicano, acompanhada por descargas atmosféricas e vendavais, devastou 3.000 casas, deixou 15 mil pessoas sem tecto e 200 salas de aula destruídas nas províncias de Maputo, Nampula e da Zambézia, de acordo com o balanço do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC), que pode não ilustrar a dimensão dos estragos no terreno se for visto de forma agregada.

Só nos distritos de Moma, Angoche, Mossuril, Lalaua e Eráti (Nampula), 136 salas de aulas e 2.191 casas, na sua maioria de construção precária, foram total e parcialmente destruídas pelas últimas chuvas e ventos fortes. Murrupula foi o ponto mais afectado, com 1.091 residências arruinadas, 102 salas de aulas, das quais 29 de construção convencional, 1.321 livros e 42 computadores danificados.

Em Lalaua, mais de 200 famílias residentes nos povoados de Namachilo A e B, na vila sede do mesmo distrito, foram desalojadas e 13 pessoas contraíram ferimentos entre ligeiros e graves. Felizmente, ninguém morreu. Virgínia Malauene, delegada provincial

do INGC em Nampula, disse que a instituição já está a intensificar as acções de ajuda às vítimas.

Nos últimos 15 dias, no Búzi (Sofala), uma pessoa perdeu a vida em consequência do desabamento de um celeiro, na localidade de Grudja, além de centenas de hectares de milho e arroz devastados, bem como 27 hectares de batata-doce. Enquanto isso, em Tete, nas regiões do planalto de Angónia/Marávia, que abrange os distritos de Angónia, Chifunde, Tsangano, Macanga, Marávia e Zumbu, a circulação está condicionada.

Tomé José, administrador de Búzi, disse que nas regiões de Chicumbua e Move, na vila sede, Inharongue, Mada, Matire, Patarucue, Cherimónio, Bunha e Fumo, na localidade de Inharongue, Guara-Guara, Chindo e Manheche, na localidade de Guara Guara, Macua, Bawa, Inhamita e Munamicua, na localidade de Bândua, e nas regiões de Estaquinha Sede, Chibumo e Begaja, no posto administrativo de Estaquinha, um total de 1.528 hectares de culturas alimentares foram afectadas, além de 10 casas de construção precária devastadas. Na localidade de Inharongue, cinco habitações, também de construção precária, na zona de Mandire, ficaram parcialmente destruídas.

Entretanto, o batelão voltou a funcionar – pese embora manualmente por causa de uma avaria no motor – 15 dias depois de estar fora da circulação devido à subida do caudal do rio Búzi, em consequência das chuvas intensas, as quais abrandaram e o governo distrital garante estar em condições de fazer a manutenção da rede rodoviária nas localidades de Chissinguana, Bândua,

Inharongue e dos postos administrativos de Estaquinha e da Nova Sofala. Neste último localiza-se um dos maiores santuários do mundo designado Munhemucuru, que ainda atrai vários visitantes.

Na estrada Tica/Búzi, que estava intransitável, as viaturas de grande tonelagem já circulam, apesar de a degradação persistir. Nos próximos dias, aquele troço vai ser alvo de manutenção, de acordo com Tomé José.

Os operadores de “chapa”, com 30 lugares, que haviam paralisado as suas actividades no troço Búzi/Beira e vice-versa, por causa da degradação da via, também retomaram o trabalho. Entretanto, neste momento, continua intransitável a rodovia da região de Ampara para a vila sede e Inhamuchindo/Guara-Guara.

Mototaxistas desapontados com a FIR em Vunduzi

Mais de 80 transportadores de passageiros e bens no distrito de Gorongosa estão desapontados com a Força de Intervenção Rápida (FIR), alegadamente por esta estar a impedi-los de exercer a actividade nos postos administrativos de Vunduzi e Kanda, sobretudo em Santhudjira, alegadamente porque podem levar homens armados da Renamo para as localidades.

Texto & Foto: Fernando Cerveja

Alguns jovens que se dedicam ao serviço de moto-táxi, entrevistados pelo @Verdade, asseguraram que o problema acontece desde finais do ano passado, em consequência da tomada da base de Santhudjira, a 21 de Outubro, pelas Forças de Defesa e Segurança, as quais indicam terem desalojado Afonso Dhlakama, que há um ano se encontrava naquele ponto.

Aliás, além dos depoimentos das pessoas a que nos referimos, na semana passada, aquando da nossa deslocação a algumas localidades abandonadas pela população naquele distrito, por causa da presença de homens armados da Renamo e das forças governamentais, as quais são acusadas de protagonizar desmandos, constatámos que não há transporte de pessoas e bens para Vunduzi.

Para quem chega à vila municipal de Gorongosa, pela primeira vez, fica com impressão de que os mototáxis não chegam às localidades de Santhudjira, Mucodza, Tazaronda, Púnguê, Casa Banana, Kudzu e Nhataca, por exemplo, devido à tensão político-militar e têm medo dos constantes ataques que já causaram vários danos materiais, dezenas de mortos e centenas de feridos.

Todavia, a realidade é outra: a FIR é acusada de proibir o exercício de transporte de pessoas e bens para quaisquer zonas dos postos administrativos de Vunduzi e Kanda, facto que agasta sobremaneira os operadores de transporte de passageiros, cujos familiares dependem dessas actividade para sobreviver, para além de várias famílias que têm filhos a estudar nas escolas dos sítios cujo acesso é interdito e que usam os mesmos meios circulantes.

Visivelmente agastado, Hélio Rui, um dos transportadores, disse ao nosso Jornal que o conflito no distrito de Gorongosa está a retrain o negócio e inviabiliza o seu ganha-pão, porque já não há passageiros para Vunduzi. Antes da tensão político-militar e da interdição do acesso àquela zona pela FIR, por dia o jovem conseguia obter entre 900 e 1.000 meticais, mas, hoje, só ganha 100 a 200 meticais, uma vez que trabalha nos bairros municipais. Assim, “está a ser difícil alimentar a família, pois na vila municipal os preços praticados variam de 10 a 50 meticais por passageiro.”

Lázaro José contou-nos que em Tazaronda, por exemplo, onde está instalado um posto das forças governamentais, a caminho de Vunduzi, a FIR intimida os operadores de moto-táxi e não deixa ninguém transpor a



barreira por ela colocada. “Por essa razão já não me dedico ao transporte da vila de Gorongosa para Vunduzi e vice-versa.”

Rafael Daniel afirmou que durante o trajecto vila de Gorongosa/Vunduzi é possível encontrar homens armados da Renamo, mas eles não atacam os transportadores, supostamente porque o seu alvo são as Forças de Defesa e Segurança. Contudo, os guerrilheiros de Afonso Dhlakama aconselham sempre para não transportar nenhum elemento das forças governamentais porque se tomarem conhecimento disso ficarão irados e não se vão responsabilizar pelos seus actos.

Da vila municipal de Gorongosa aos postos administrativos de Vunduzi e Kanda a distância é de 30 e 40 quilómetros, respectivamente, e os operadores de moto-táxi faziam diariamente quatro a cinco viagens. Neste momento, ninguém deles tenta desafiar o perigo que os guerrilheiros da Renamo e as forças governamentais representam, principalmente nesta altura em que é difícil distinguir os membros de cada um dos lados em conflito, uma vez que todos trajam roupa civil como forma de se confundirem.

Raptos voltam a criar intranquilidade na capital de Moçambique

Um cidadão de ascendência hindu, identificado pelo nome de Subshash Chandra, foi raptado por cinco indivíduos desconhecidos munidos de uma arma de fogo do tipo AKM, os quais se faziam transportar numa viatura de marca não apurada, na terça-feira, 15 de Janeiro, no bairro de Sommershiel, um dos mais nobres da cidade de Maputo.

Texto: Redacção

Este rapto, que é o terceiro em menos de uma semana, aconteceu a poucos metros da embaixada norte-americana, um local fortemente vigiado, e a poucos quarteirões da sede dos Serviços de Informação e Segurança do Estado (SISE), e também a meia dúzia de quarteirões da Presidência da República de Moçambique.

Esta situação pode ser um indício de que os raptos tendem a controlar tudo e todos na urbe, principalmente as suas vítimas, o que, a ser verdade, deixa transparecer a ideia de que as autoridades policiais estão capituladas ou fingem não perceber a perigosidade do problema para a sociedade.

Segundo testemunhas, a vítima – retirada à força do carro no qual se fazia transportar com o seu filho – é proprietária de uma farmácia que não nos foi revelada, em Maputo. Subshash Chandra foi sequestrado por volta das 17h:00, no portão do seu próprio domicílio, onde os malfetores, tranquilamente, dispararam para o ar.

Depois de uma pausa entre a primeira semana de Dezembro passado e a primeira de Janeiro em curso, os sequestradores, como se tivessem estado de férias, voltam a causar pânico. Subshash Chandra foi a terceira vítima em menos de uma semana, mas informações não confirmadas dão conta de que, na mesma terça-feira, outro cidadão foi raptado em Maputo.

Na última sexta-feira, 10, um cidadão, também de ascendência hindu, identificado por Kishoor Chootalal, dono da “Casa Pandia”, destinada à venda de capulanas, foi raptado por indivíduos

os desconhecidos munidos de armas de fogo, na Avenida Filipe Samuel Magaia, próximo do Hotel Moçambicano, em Maputo, num sítio movimentado. À semelhança do que aconteceu na Sommershiel, os meliantes dispararam e feriram o motorista da vítima ora em parte incerta.

Já no domingo, 12, quatro indivíduos até aqui não identificados sequestraram, numa manhã, um cidadão que dá pelo nome de Nasser Momad, no bairro Bunhiça, no município da Matola. Testemunhas contaram a um jornal da praça que um dos integrantes do bando é um agente da Polícia afecto à 5ª esquadra daquela autarquia, o que remete à ideia de que aqueles que, por obrigação, deviam garantir a segurança dos cidadãos e bens estão envolvidos em malefícios, em particular os raptos.

Os presumíveis bandidos parecem não ter ficado intimidados com a revisão pontual do Código Penal, realizada pelo Parlamento, em Dezembro de 2013, que actualizou as sanções pelo crime de raptos para uma moldura penal de 20 a 24 anos de prisão.

Refira-se que, em Novembro passado, o Tribunal Judicial da Cidade de Maputo condenou a penas que variam de 13 a 17 anos de prisão os quatro réus julgados por crimes de cárcere privado praticados contra dois cidadãos, associação para delinquir e porte de armas proibidas, com as quais protagonizavam sequestros. Os réus em causa são Arlindo Timana e Manoa Valoi sentenciados a uma pena de 17 anos de prisão maior, Inácio Mirasse, a 15 anos de cadeia, e Alfeu Penicela, a 13 anos de prisão.

Caros leitores

Pergunta à Tina...

O que podemos fazer para sermos pais novamente?

Caríssimos leitores, percebo eu que, pelas perguntas que recebemos, muitas pessoas ainda têm receio de interagir com os médicos durante a consulta e por isso ficam com dúvidas sobre o tratamento que estão a fazer, os diagnósticos que lhes foram feitos, etc. Há pessoal de saúde que mostra uma certa austeridade para com os utentes, mas também há vários outros que se importam com o bem-estar dos seus pacientes durante as consultas. Todos os utentes e pacientes das Unidade Sanitárias têm o direito à informação, por isso, eu sugiro que sejam mais abertos, e coloquem as vossas dúvidas aos médicos durante as consultas. Enquanto isso, não deixem de utilizar este meio para enviar questões e dúvidas sobre saúde sexual e reprodutiva.

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **90441**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Por respeito à vossa confidencialidade, não usamos os nomes reais.

Olá. Eu gostaria de saber se a infecção urinária pode originar uma DST.

Querido leitor ou leitora, obrigada pela tua pergunta. Ela deixou-me curiosa também, porque tenho a impressão de que muitas pessoas confundem a infecção urinária com infecções de transmissão sexual por causa de sintomas que podem ser similares. Mas a literatura e informação médica diz que uma infecção urinária não se torna uma infecção de transmissão sexual e também não se transmite de uma pessoa para outra. A infecção urinária é muito mais comum nas mulheres do que nos homens. Assim, pode acontecer que as bactérias que se encontra na urina da mulher se espalhem pela vagina e vulva, transportando-as e causando outro tipo de infecções. Estas infecções que se desenvolvem na vagina podem ser transmitidas de uma pessoa para outra. Mais ainda: nas mulheres, as dores que se sentem na bexiga e nos rins podem ser confundidas com as dores que as mulheres sentem na zona pélvica quando se tem alguma lesão interna ou infecção de transmissão sexual. Daí que a pessoa pode também pensar que tem uma ITS quando tem apenas uma infecção urinária. A minha sugestão é que voltes ao médico, faças exames mais apurados e peças que o médico explique exactamente qual é a gravidade/magnitude da tua infecção. Depois de receber o tratamento, é necessário cumprir com rigor o tratamento recomendado.

Olá Tina. Juntei-me a uma jovem em Julho de 2011. Ela deu-me duas gémeas prematuras, mas em Março de 2012 faleceram. O pior é que ela já não concebe e nós queremos filhos. Ela já tem 18 anos. O que podemos fazer para sermos pais novamente? Ajude-nos, por favor. Obrigado.

Olá caríssimo. Imagino a vossa frustração. Eu não sei quantos anos tu tens, mas é um alívio saber que a tua parceira tem apenas 18 anos. Porque significa, para mim, que ela ainda tem uma vida pela frente e a possibilidade de engravidar outra vez. Há muitas mulheres que passam pela mesma situação que a tua parceira, e depois recuperam a capacidade de conceber. Se a tua parceira concebeu, significa que ela não é infértil ou estéril. Pode ser que o corpo dela ainda precise de convalescer ou que ela precise de fazer um tratamento especializado para voltar a conceber. É importante que ela seja examinada por um médico especialista, ginecologista-obstetra, para que se saiba o que fazer para que ela consiga conceber no futuro. Tenho a certeza de que haverá uma solução. Boa saúde.

O que ficou das festas na cidade de Inhambane

Depois de tudo regressa sempre o sossego. Com pequenos laivos de desvios que são imediatamente abafados por não haver espaço, nesta urbe, para grandes manobras dos fora-da-lei. E agora, que a euforia das festas já se foi, com algumas pessoas a deixarem-se levar pelas emoções até atingirem o êxtase da loucura, esquecendo-se de que o caminho existente ainda pela frente é lodoso, tudo voltou à sua marcha desinteressada. Com as esplanadas vazias, com os mercados acolhendo as mesmas pessoas que vão comprar pouco, com as lojas dos indianos – outrora hegemónicas no comércio – a terem dificuldades para render, e com os marinheiros ensardinando diariamente as pessoas nas suas precárias embarcações.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

Mas Inhambane foi sempre assim. É uma cidade que alguns tentam mudar, mas logo descobrem que este será um local que dita as regras do jogo dos seus habitantes, e nunca será o contrário, ou seja, não são os habitantes a ditarem as regras de jogo da cidade, e muito menos aqueles que virão para aqui.

Por exemplo, durante a quadra festiva, onde se esperava um magote de turistas, nacionais e estrangeiros, ou de gente daqui que, vivendo em outros destinos queriam voltar temporariamente para rever familiares e amigos, e retemperar os espíritos com os cheiros únicos da baía e do palmar, a cidade remexeu-se. Nem tanto. Contava-se com a presença de mais almas, mesmo assim a festa aconteceu.

O ponto mais belo destas águas humanas vindas de muitos rios para desaguiarem aqui verificou-se na Praia do Tofo, no dia 1 de Janeiro. Todos foram para lá, ou melhor, quase todos foram para lá, ou melhor ainda, dirigiu-se para lá aquilo a que nos arriscamos a chamar multidão. Uns foram sozinhos, outros levaram apenas a esposa ou o marido, outros ainda juntaram famílias inteiras e amigos e peregrinaram à praia que leva o belíssimo nome de uma mulher (Nhatofu), e que a subversão a transformou em Tofo. Mas não tem problema. Fica assim.

Na verdade aqueles grupos todos que convergiram para a Praia do Tofo pareciam pertencentes à mesma família. Andavam, todos eles, ao mesmo compasso da tranquilidade, da urbanidade, do sossego, da paz, da pós-meditação. Pareciam bananas do mesmo cacho, maduro e pronto a ser servido após uma lauta refeição, ou, quem sabe, a banana por si só, naquele cacho esplendoroso, poderia ser a lauta refeição em si.

As próprias águas da Nhatofu, nesse dia, tiveram um comportamento misericordioso, arrebatador, contrariamente a outras alturas em que se enfurecem, como o próprio Deus, sendo Ele misericordioso, quando lhe



provocam sabe trevejar e agir com ira. Mas no dia 1 de Janeiro de 2014, Deus estava lá também, comandando tudo, o mar obedecia-Lhe e as pessoas também. Obedeciam-Lhe.

Agostinho Trinta não dorme com os jovens

Temos, com certeza, muito respeito pelo bom do governador da província de Inhambane. E, sendo assim, nas suas horas de sesta, sobretudo à noite, merece um repouso absoluto. Mas, durante a quadra festiva, os jovens não deixaram aquele cidadão descansar à vontade.

Paradoxalmente, depois de todo o mar de rosas que vos apresentámos anteriormente, uma grande franja da juventude juntou-se, durante cinco dias ou mais, num local chamado “Prancha”, nome que vem do facto de ali ter havido em tempos uma cerca com rede de tubarão preparada para os banhistas e, no interior da mesma, ter sido colocada uma prancha para saltos para a água. Hoje não existem, nem a cerca, nem a prancha, mas o nome ficou, e os jovens gostam de ir para ali divertir-se durante a noite, contemplando a maravilhosa paisagem oferecida pela baía iluminada através do “neo” da Maxixe e da própria cidade de Inhambane.

Esse lugar pode ser comparado ao “Calçadão” da cidade de Maputo, com a diferença de que fica praticamente nas “barbas” do palácio governamental. E será aí onde vai começar o pomo da discórdia. Os jovens não se lembraram de que ali vive um cidadão que, mesmo sendo

vulgar, está investido de poderes invulgares, e lá esteve com as bandeiras completamente despregadas.

Abriram ao máximo o volume das aparelhagens instaladas nos seus automóveis, cujo som se ouvia a distâncias consideráveis, violando a tranquilidade do “boss”. E ele, com toda a razão, não gostou, mandou um ultimato, segundo o qual se os jovens quisessem continuar a desfrutar daquele lugar, então que respeitassem o sossego dos outros. E, aliás, ali perto, há um convento, onde mora o Bispo da Igreja Católica, que também, como todos nós, precisa de ser respeitado na sua privacidade, assim como os hóspedes do Hotel Capitão, também vizinho da “Prancha”. E a poluição sonora é condenável.

Já agora, apelamos aos utentes da “Prancha” para observarem as regras ali estabelecidas. O Conselho Municipal da Cidade de Inhambane instalou colectores de lixo, e é para li onde devem ser atiradas as garrafas vazias, que constituem escória depois de grandes consumos a que a juventude se entrega não só durante as quadras festivas, porque este ritual faz parte da vida dos munícipes daqui, e não só. O que acontece, porém, é que muitos não respeitam essa regra, atirando as garrafas para a baía. Parem com isso, jovens!

Lê @Verdade mesmo quando estiveres de férias www.verdade.co.mz

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2A8BBEFA



Sobreviver ao futuro incerto

Depois da perda prematura dos seus pais biológicos, Rosa Catiza, de 14 anos de idade, viu o seu futuro mergulhado num mar de incertezas. Desamparada e à mercê da boa vontade de terceiros, a adolescente tinha uma vida condenada a privações de natureza diversa. Porém, a mudança do destino da rapariga efectivou-se quando foi acolhida pelo Mosteiro Mater Dei das irmãs missionárias de caridade, onde encontrou a segunda família.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

Não tinha ainda completado um ano de idade quando Rosa Catiza perdeu a sua progenitora, vítima de uma agressão física protagonizada pelo pai. Não há relatos sobre as circunstâncias que levaram ao acto macabro, mas aos poucos vai juntando os pedaços da triste história da sua vida. Ela apenas sabe que vivia na Unidade Comunal de Saua-Saua, vulgo Namiepe, bairro de Namicopo, arredores da cidade de Nampula.

O progenitor da menor abandonou a casa, deixando a filha entregue à sua própria sorte. Sem nenhum parente próximo para ampará-la, Rosa ficou à deriva. Porém, mais tarde, um cidadão identificou-se como alguém da sua família, mas por falta de condições financeiras para cuidar da menina encaminhou-a para o Mosteiro Mater Dei e, não se fazendo de rogadas, as missionárias acolheram-na.

Desde pequena, Rosa Catiza aprendeu a viver em comunidade. Cresceu no meio de muitos desafios cujas graças são atribuídas à bondade divina e a um trabalho aturado por parte das missionárias. O grupo de irmãs de caridade cuida carinhosamente de Catiza e outras crianças na mesma situação. As outras que são acolhidas naquele mosteiro já crescidas têm outra experiência.

Catiza não teve a sorte de ser adoptada por uma família. O caso dela não é isolado, sendo que existem muitos menores de idade na mesma situação. Quase todos nunca conheceram os seus pais biológicos, pois prematuramente perderam a vida por diversos motivos. Acidentes de viação, agressões físicas no seio dos cônjuges, entre outros, são algumas das razões apontadas. Os problemas sociais figuram como sendo as principais causas.

A filha do Mosteiro Mater Dei

Para Catiza, o mais triste é saber que nenhum dos seus parentes se encontra vivo. Mas no Mosteiro Mater Dei encontrou uma verdadeira família. É neste local onde a rapariga diz ter reconhecido o brilho do sol, porém tal não significa que se esqueceu da sua origem.

É de louvar o trabalho das missionárias com vista a garantir o sustento de Catiza desde criança. Administrar leite artificial em substituição do natural foi e continua um desafio que constitui o quotidiano daquela instituição que vela por perto de uma centena de crianças. Já com 14 anos de idade, é quase possível acreditar que ela chegou à casa das missionárias quando ainda não tinha um ano de vida.



“A alimentação que oferecemos é simplesmente básica, constituída por carnes, ovos, leite fresco, feijões, farinha de milho, arroz, entre outros produtos. No geral, é uma alimentação variada”, disse Maria de Cármen, gestora do Mosteiro Mater Dei para quem tudo tem sido feito pela graça de Deus.

Tendo em conta a diversidade cultural, crescer com um comportamento em comunidade é difícil, sobretudo quando se tem pessoas de diversas origens. No Mosteiro Mater Dei vive-se num ambiente familiar, pois essa tem sido a educação transmitida aos acolhidos, tendo como princípios o espírito de tolerância, perdão e solidariedade entre os seres humanos.

Pelo facto de ser uma congregação religiosa cristã, muitas crianças professam a mesma religião. Mas a tal não são obrigadas. Depois de atingirem determinada idade, há toda a liberdade de escolherem o credo..

Abstinência da vida sexual

No convívio da comunidade no mosteiro, as meninas não se envolvem em relações sexuais. A abstinência é palavra de ordem no seu seio. Naquela instituição tem uma cultura diferente, onde no processo de educação é reiterada a necessidade de relegar a vida sexual para último plano..

Fica claro que a formação é uma prioridade e, posteriormente, o emprego para o auto-sustento. Depois disso, as meninas podem preocupar-se com relacionamentos íntimos. Não foi necessário uma vara mágica para que as raparigas seguissem fielmente esses e outros conselhos de vida.

O índice do analfabetismo, o qual afecta na sua maioria as mulheres, é apontado como a principal causa da decadência dos valores sociais, uma vez que as raparigas são obrigadas a abandonar os estudos e outras ocupações construtivas para cuidarem dos filhos nos respectivos lares.

Por si só, as raparigas do Mosteiro Mater Dei concluem que é importante dedicarem-se aos estudos para garantirem um futuro melhor e com prosperidade.

“Depois da formação, apelamos as meninas a preocupar-se em arranjar um emprego. Mais tarde, devem casar-se para formar uma família”, afirmou Maria de Cármen. Entretanto, existem casos de sucesso, em que há meninas que já saíram do convento e hoje são pessoas bem-sucedidas. Neste momento, tentam localizar as suas famílias alargadas.

Mamparra of the week

Armando Guebuza e Afonso Dhlakama

Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

Os mamparras desta semana são os senhores Afonso Dhlakama e Armando Guebuza, que juntos vão dividir o podium devido à sua intransigência na busca de uma solução para o conflito que agora se alastra para a zona sul do país e que está a custar a vida de civis inocentes e militares. As diferenças entre o governo (da Frelimo) e o maior partido da oposição, a Renamo, só podem, segundo diversos sectores da sociedade moçambicana, ser ultrapassadas através de um diálogo franco ao mais alto nível.

Começa a ficar claro que o chefe da delegação governamental, José Pacheco, (que no ano passado foi citado num artigo sobre o saque desenfreado de madeira num relatório de uma agência britânica) e Saimone Macuiane, da Renamo, jamais chegarão a um consenso. Os homens não se entendem na questão da paridade, por isso o último já não comparece aos encontros.

De referir que Pacheco e Mucuiane têm os mandatos dos respectivos líderes, nos casos Armando Guebuza e Afonso Dhlakama, para assinar o que quer que seja.

A questão é: porque é que estas lideranças não se encontram? O que é que lhes custa? Será que eles ainda não se aperceberam de que o pavio da “última” guerra civil já foi aceso, e o país vive num clima de medo e de terror, pois eles não se estão a entender?

Estando Dhlakama, como se diz amiúde, em “parte incerta”, e o Presidente Guebuza, podendo localizá-lo, porque não o procura?

Nos discursos proferidos por ambos, seja de “parte incerta” ou conhecida, estes senhores apregoam a paz, mas no terreno ambas as forças estão a agir de forma contrária.

Que tipo de paz é esta se diariamente somos confrontados com notícias que dão conta de que os confrontos estão em espiral não só em Sofala mas também na província de Inhambane? Que tipo de paz é esta apregoada se diariamente somos confrontados com notícias de que jovens estão a desertar do Exército alegadamente porque não sabiam que estavam a servir de escudos?

Que dificuldades estas duas figuras têm de se sentar e fumar o cachimbo da paz?

A questão da PARIDADE não pode continuar a ser pretexto para a morte de moçambicanos inocentes!

Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparrices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

Assaltantes aterrorizam operadores comerciais em Nampula

Devido à onda de assaltos à mão armada, perto de uma dezena de proprietários de armazéns e estabelecimentos comerciais localizados no bairro de Muahivire-Expansão, na cidade de Nampula, pondera a hipótese de encerrar as portas. Em menos de um mês, foram registados pelo menos quatros casos e a Polícia tem-se mostrado inoperante naquela circunscrição.

Texto & Foto: Virgílio Dêngua

Desde o passado mês de Novembro, o comércio ao longo do prolongamento da Avenida das FPLM, no bairro de Muahivire-Expansão, na unidade comunal de Mutotope, passou a ser tomado por uma tensão velada, especialmente depois das 17h00. O clima de insegurança instalou-se quando um grupo de malfeitores se introduziu num dos armazéns, tendo-se apropriado de alguns produtos alimentares.

Primeiramente, os meliantes dedicavam-se ao assalto a residências e indivíduos na via pública durante o período nocturno. Nos últimos dias, o grupo virou as suas atenções para os estabelecimentos comerciais. Todas as semanas, há relatos de incursões dos malfeitores. A inoperância e a falta de patrulha por parte dos agentes da Polícia são apontadas pelos moradores e os comerciantes como sendo um dos aspectos que encoraja a acção ousada dos gatuños. O caso mais recente deu-se no passado dia 29 de Dezembro, quando dois indivíduos encapuzados assaltaram os armazéns Issufo Ali Ibraimo (ISAI).

“De Dezembro para cá, a criminalidade dobrou”, afirma ao @Verdade uma fonte ligada a uma das vítimas do assalto aos armazéns ISAI, que testemunhou o ocorrido. O indivíduo, que não quis ser identificado, explicou que o caso se deu por volta das 17h00, quando se preparava o encerramento do estabelecimento. Porém, de súbito, um homem fazendo-se passar por um cliente entrou no armazém, tendo apontado uma arma de fogo para o guarda e um dos filhos do proprietário.

“Quando o gatuno chegou, encontrou o guarda no portão principal, tendo de seguida o ameaçado com recurso a uma arma de fogo. Nessa altura, o filho do proprietário quis intervir-se do que se estava a passar e acabou por ser uma das vítimas dos assaltantes”, conta fonte.

Volvidos alguns minutos, o segundo integrante da quadrilha fez-se ao local. Numa primeira fase, os malfeitores apoderaram-se de telemóveis. Após apropriarem-se de aparelhos celulares dos clientes, dos trabalhadores e dos proprietários do armazém, os meliantes dirigiram-se à caixa do estabelecimento comercial. Eles procuravam pela receita do dia, mas os funcionários disseram que não havia dinheiro guardado ali, uma vez que o movimento registado ao longo do dia foi bastante fraco, facto que deixou irritados os bandidos. Como forma de amedrontá-los, dispararam alguns tiros para o tecto, porém, não lograram os seus intentos.

Um dos meliantes introduziu-se no escritório no fundo do armazém, onde o proprietário se encontrava a fazer o balanço das actividades do dia. Depois de afirmar por diversas vezes que não havia dinheiro naquele estabelecimento, o empresário Issufo Ali foi alvejado no braço esquerdo. Depois de levarem uma quantia não especificada que se encontrava no cofre principal, os malfeitores abandonaram o local. O assalto durou apenas 10 minutos.



Abalada com a situação, a esposa do proprietário dos armazéns ISAI questionou se os agentes da Polícia da República de Moçambique (PRM), afectos no posto policial de Mutotope, não teriam ouvido os disparos, uma vez que os armazéns se encontram a escassos metros das instalações da Polícia. “É impressionante! Não é possível que a Polícia não tenha ouvido o barulho dos disparos. O posto policial fica aqui ao lado”, comenta. Num outro pronunciamento, ela afirma que a família pretende desfazer-se de todos os bens e encerrar as actividades.

Armazenistas ameaçam encerrar as portas

Pela forma como ocorreram os últimos assaltos, sob o olhar impávido das autoridades policiais, aliados ao facto de os armazéns se localizarem nas proximidades do posto policial, pelo menos perto de uma dezena de proprietários dos estabelecimentos pretendem paralisar as suas actividades comerciais. Os armazenistas alegam que a zona em que operam não oferece condições de segurança, quer para os clientes, quer para os empresários.

Refira-se que, devido aos sistemáticos assaltos, alguns dos proprietários dos estabelecimentos optaram por um novo horário de trabalho. Até às 15h30, grande parte das lojas e armazéns já tem as portas encerradas.

“A Polícia é cúmplice”

Visivelmente revoltada com o ocorrido e com a crescente onda de assaltos que vem ganhando terreno nos últimos dias, a fonte que temos vindo a citar conta que, logo após a inauguração daqueles empreendimentos naquela parcela da cidade de Nampula, os proprietários, ora vítimas dos criminosos, já haviam manifestado, junto à PRM, a necessidade de patrulha policial, sobretudo nas horas de ponta. O chefe do posto garantiu que a zona era tranquila e não havia riscos de ocorrerem assaltos, principalmente no período da tarde.

“Não há dúvidas sobre a cumplicidade da Polícia nesses assaltos, uma vez que ela só se faz ao local do crime depois de passarem pelo menos cinco horas”, diz o interlocutor que acrescenta que as autoridades policiais de Mutotope teriam ordenado que o assunto não chegasse aos órgãos de informação.

Polícia acusa os empresários de não fazerem denúncias

De acordo com o porta-voz do Comando Provincial da PRM em Nampula, Miguel Bartolomeu, a solução do problema de assaltos naquela zona residencial depende das denúncias das vítimas. Bartolomeu não confirmou o envolvimento de alguns agentes da corporação nos assaltos, tendo salientando que o sucesso do trabalho que a sua instituição tem vindo a desenvolver depende das queixas apresentadas pelos lesados. “A Polícia reage a casos denunciados ou então em flagrante delito”, afirma.

Contudo, há um trabalho em curso com vista a esclarecer os casos de assaltos a armazéns na unidade comunal de Mutotope de que a PRM tomou conhecimento através da reportagem do @Verdade.

Previsão do Tempo

Sexta-feira 17 de Janeiro
Zona NORTE
Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Período de chuvas fracas a moderadas, vento de noroeste a sudoeste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas a moderadas na faixa costeira. Vento de sueste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas ao longo da faixa costeira de Inhambane e Gaza. Vento de nordeste a sueste fraco a moderado.

Sábado 18 de Janeiro
Zona NORTE
Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Períodos de chuvas fracas localmente a moderadas. Vento de noroeste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Períodos de chuvas fracas localmente a moderadas. Vento de noroeste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado, localmente nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste fraco a moderado.

Domingo 19 de Janeiro
Zona NORTE
Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas a moderadas. Vento de noroeste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas locais. Vento de sueste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado, localmente nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas na faixa costeira de Inhambane. Vento de sueste a noroeste fraco a moderado, com rajadas.

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o XICONHOCA,

Envie-nos um SMS para 90440
E-Mail para averdademz@gmail.com
ou escreva no Mural do Povo

Sem diálogo a guerra vai fazendo mais vítimas em Moçambique

Os moçambicanos, e não só, continuam a ser vítimas da guerra e da falta de diálogo entre o Governo da Frelimo e o partido Renamo, que dura desde Junho de 2013, e esta semana matou mais quatro cidadãos e deixou outros feridos.

Texto: Redacção • Foto: Cidadão Reporter

Os políticos na capital do país mantêm-se de costas voltadas, as dezenas de rondas de diálogo político sem consenso acabaram com a irredutibilidade do Governo e a intransigência do maior partido da oposição no Parlamento. Agora as partes já nem sequer se encontram, usam os media para esgrimir justificações e argumentos que não convencem o povo, que continua maravilhoso a lutar todos os dias para comer condignamente, beber água potável, ter acesso a medicamentos, à educação...

Não há desculpa para a continuação dos confrontos armados que esta semana fizeram mais quatro vítimas mortais e dezenas de feridos. Este é o número que @Verdade conseguiu apurar, graças à colaboração inestimável de cidadãos que, arriscando a sua vida ou ganha-pão, reportam aquilo que as partes tentam esconder.

Os refugiados

Várias localidades, cujos nomes não eram conhecidos nem dos melhores estudantes de geografia, hoje estão na boca do povo: Magalhange, Nhampoca, Nhamacuenguere, Phembe, Fanha-Fanha, Jonasse.

Do centro de Moçambique, a guerra que já registou confrontos no norte, na província de Nampula, alastrou-se para o sul da Pérola do Índico e há relatos, ainda não confirmados, de alguns focos na província de Maputo. O Governo vai improvisando medidas de emergência – numa época de emergência por tradição das chuvas que já estão a fazer outras, ou serão as mesmas, vítimas – para os refugiados que escapam da guerra. No distrito de Homoine parcelam-se terrenos com a mesma rapidez com que se vão criando centros de acolhimento para os “novos hóspedes”, que não sabem o que o futuro lhes reserva, mas que de uma coisa têm a certeza: “jamais voltaremos, por mais que digam que não há guerra”.

Mas a guerra existe e na terça-feira (13), doze homens fortemente armados, que tudo indica pertencerem ao partido de Afonso Dhlakama, atacaram o posto policial da localidade de Mavume, a cerca de 42 quilómetros do distrito de Funhalouro, de onde retiraram diversos pares de fardamento da Polícia da República de Moçambique e utensílios. Esta acção resultou na morte de um agente da Polícia de Protecção, de 22 anos de idade, recém-graduado da Escola de Formação Básica da Polícia, em Matalane, Maputo.

De seguida, assaltaram o posto de saúde local, onde se apoderaram de vários medicamentos e material cirúrgico. Acto contínuo, saquearam vários estabelecimentos comerciais, nos quais arrombaram portas e roubaram produtos alimentares, com destaque para óleo, arroz e açúcar.

Assim, Funhalouro tornou-se o segundo distrito da província de Inhambane onde a Renamo concentra os seus homens armados, depois de Homoine.

Na véspera, cerca de uma centena de soldados das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) foram enviadas a Phululo B, a 30 quilómetros de Mavume, uma região onde existiu, pelo menos, uma base da Renamo durante a guerra civil.

Residentes de Phululo referem que houve confrontos entre as duas partes, sendo que os da Renamo teriam abandonado o local deixando para trás alguns bens. Há indicações de que pelo menos sete militares das FADM ficaram feridos.

No distrito de Gorongosa, onde se vive a guerra todos os dias, o governo provincial institucionalizou um centro de acomodação para os mais de quatro milhares de cidadãos que fugiram das



detenções, da violência arbitrária e das execuções sumárias protagonizadas tanto pelas forças do Governo assim como pelos guerrilheiros da Renamo.

O Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) garantiu inicialmente bens alimentícios básicos – arroz, farinha de milho, açúcar, óleo e feijão – para 15 dias, dos quais metade já decorreram. Se é difícil aos moçambicanos prever qual vai ser o desfecho da guerra estes refugiados sabem, certamente, que o seu futuro não vai ser risonho.

Moçambique dividido

Na busca do pão de todos os dias, ou de um futuro melhor, todos os dias milhares de moçambicanos, e estrangeiros, precisam de usar a única via que liga o norte ao centro e sul de Moçambique: a Estrada Nacional nº1. Na manhã desta terça-feira (14) um empresário, que prefere não ser identificado, chegou ao posto administrativo de Muxunguê, vindo do norte a caminho da “terra da boa gente”. Porque uma ponte metálica estava intransitável, algures no troço de cerca de 100 quilómetros que tem de ser feito protegido pelas forças governamentais até ao rio Save, inúmeras viaturas e uma maior quantidade de pessoas aguardavam “luz verde” para seguirem viagem. A tarde chegou, a noite caiu e ninguém pôde viajar.

O raiar de quarta-feira (15) trouxe a boa notícia: a via estava pronta para o trânsito. Juntou-se a coluna de viaturas, maior do que habitual, e estranhamente – o empresário é viajante frequente neste troço e conhece o modus operandi – três autocarros de transporte de passageiros estavam à cabeça da coluna. Cerca das 8 horas foi dado o sinal de partida e a viagem começou. Percorridos pouco mais de 18 quilómetros, algumas rajadas de tiros, vindas das matas que ladeiam a estrada, cortam a calma. Os autocarros param e os militares tomam posições de combate. Nas matas não se vê ninguém. A certeza que lá estão guerrilheiros, que só podem ser da Renamo, segundo nos dizem, é confirmada pelos tiros que não param durante pelo menos cinco minutos. Começam por ser tiros de metralhadoras. Após uma curta interrupção, o tiroteio recomeça e agora os soldados das FADM também dispararam as suas armadas de grande porte. Ninguém abandona as viaturas, nem mesmo as dezenas de passageiros que estão nos autocarros onde alguns vidros já estão desfeitos. Um quarto de hora depois, tudo terminou. Os militares contam os feridos, há três entre as suas fileiras. O drama é maior entre os civis em que um foi baleado mortalmente e seis estão feridos, um dos quais é do sexo feminino e outro não é moçambicano.

As vítimas civis são transportadas para o Hospital de Muxunguê onde receberam os primeiros socorros, porém cinco estão em estado mais grave e acabaram por ser encaminhados para o Hospital Central da Beira. Dois dos feridos não resistem e chegam à maior unidade hospitalar do centro de Moçambique já sem vida.

Outros dois feridos são artistas da bola, brilharam no Ferroviário de Quelimane e foram contratados pelo representante da província de Gaza na prova maior do futebol moçambicano. Viajavam para se juntar aos “guerreiros” de Chibuto quando a guerra atravessou o seu caminho. Um dos jogadores foi atingido na perna e até ao fecho não foi possível apurar a gravidade dos ferimentos. Talvez nem sequer venha a estreir-se no “Moçambola”.

Delegado político da Renamo raptado e assassinado

Entretanto o delegado político distrital da Renamo em Nhamatada, Albano Chimue Massora, foi raptado por indivíduos desconhecidos na sua residência, na madrugada da quinta-feira (09) e o seu corpo foi encontrado sem vida, na noite desde sábado (11), no posto administrativo de Metuchira.

Sem fornecer detalhes sobre o caso, Fernando Mazanga, porta-voz da Renamo, confirmou ao @Verdade, na manhã deste domingo (12), a morte de Albano Massora e afirmou que o cadáver foi encontrado na mesma zona onde foi executado o major Oliveira Magazinhica, em Agosto de 2013, depois de ter sido torturado e mantido em cativeiro durante três dias.

Relativamente ao caso recente, apurámos que um grupo de indivíduos dirigiu-se à casa de Albano Massora, fez-se passar por indivíduos doentes que precisavam de ajuda urgente, tendo, no momento, sequestrado o ex-guerrilheiro da Renamo, que, além de ser técnico de medicina geral reformado, é docente do Instituto de Ciências de Saúde de Nhamatanda.

Apelos à paz ignorados

As forças governamentais, os guerrilheiros da Renamo, o Governo da Frelimo e os po-

líticos do maior partido da oposição não parecem ouvir os apelos ao término da guerra que vêm de todos os sectores da sociedade moçambicanos e agora estendem-se até a comunicada internacional, outrora doadores e hoje, cada vez, mais parceiros de negócios.

O Governo Japonês, cujo Primeiro-Ministro realizou uma viagem inédita a Moçambique, procurando garantir negócios futuros, afirmou que a segurança “é um elemento importante” para que as actividades económicas, incluindo os investimentos japoneses, decorram com normalidade.

“O Japão deseja que, através do diálogo entre as duas partes, a confrontação seja resolvida pacificamente e não afecte as actividades das empresas japonesas e a segurança dos japoneses”.

A representante da União Europeia apela ao fim imediato dos confrontos armados entre os homens armados da Renamo e as forças governamentais e diz que ambas as partes devem estabelecer, sem demora, um processo de diálogo político genuíno e construtivo como forma de manter a paz. A União Europeia, que parece ignorar as fraudes e todos os problemas de que enfermam os pleitos eleitorais em Moçambique – cuja solução é considerada um imperativo pelo o partido de Afonso Dhlakama –, afirmou que “as lições extraídas de eleições anteriores devem contribuir para a consolidação da democracia, conduzindo-nos ao desenvolvimento sustentável e à criação de um país pacífico, próspero, seguro e estável para todos os seus cidadãos”.

Já os Estados Unidos da América, que se auguram polícias do mundo e não poucas vezes se envolvem em conflitos militares com outras nações, consideram que o impasse que se verifica nas negociações entre o Governo e a Renamo requer uma solução pacífica e afirma que a violência jamais resolverá as diferenças políticas.

Esta semana, o antigo Presidente da República, Joaquim Chissano, por sinal signatário do Acordo Geral de Paz, quebrou o seu silêncio e manifestou a sua preocupação em relação ao actual estado que o país enfrenta e considera que para que o mesmo seja ultrapassado é necessário que o Chefe do Estado, Armando Guebuza, e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, dialoguem, e que não o façam através de delegações.

“Se (o diálogo) fosse ao mais alto nível, não se teria chegado a este nível. Teríamos resolvido o problema. Mas ainda restam dúvidas sobre o que realmente o líder da Renamo pretende. É necessário que haja uma pessoa capaz de tomar decisões pertinentes”, afirma Chissano.

Por outro lado, o antigo estadista é de opinião de que o líder da Renamo tem de se sentir confortável e seguro para dialogar com Armando Guebuza, o que não é possível agora uma vez que diversas unidades das Forças Armadas de Defesa de Moçambique e da Força de Intervenção Rápida têm sido movimentadas para a região centro do país.

“Todos nós precisamos da paz e que ninguém aceite ser arrastado para a guerra, seja por quem for. Esperamos que um dia a razão prevaleça e que o diálogo aconteça, pois não queremos que ninguém perca, todos devem ganhar. Por isso, acho que devíamos acarinhar o senhor Dhlakama, para que aceite vir ao diálogo”, sentenciou Joaquim Chissano.

Democracia

Primeiro-Ministro japonês visita Moçambique “de olho” no gás e na agricultura

O chefe do governo japonês, Shinzo Abe, esteve de visita ao país entre os dias 11 e 13, e concedeu a Moçambique um crédito de 70 biliões de yens, cerca de 670 milhões de dólares norte-americanos para a viabilização de programas de desenvolvimento em áreas como infra-estruturas e agricultura, com destaque para o polémico e muito contestado Projecto ProSavana, a ser implementado em três províncias, nomeadamente Nampula, Niassa e Zambézia.

Texto: Redacção

O valor destina-se, fundamentalmente, ao melhoramento do estado de infra-estruturas no norte do país, com realce para o Corredor de Desenvolvimento do Norte, a construção de uma usina termoeléctrica, e a edificação do Instituto Superior de Ciências de Saúde.

Este crédito vem juntar-se a outros apoios que o país nipónico tem prestado a Moçambique, tais como a ajuda alimentar, assim como os programas e projectos de melhoramento e expansão da rede de infra-estruturas, nomeadamente a reabilitação do Porto de Nacala e da estrada Nampula-Cuamba, o financiamento para a reabilitação de algumas pontes na estrada que liga Lichinga a Montepuez, o compromisso do desembolso de fundos para a reabilitação do troço Mandimba-Lichinga, assim como a edificação de escolas e unidades sanitárias.

Para a concessão deste crédito, segundo as autoridades japonesas, pesou o facto de Moçambique estar a registar, nos últimos tempos, um crescimento na ordem dos sete por cento, o que o coloca na rota dos países que podem alcançar níveis mais altos nos próximos tempos.

Para além disso, o facto de Moçambique estar a conseguir atrair muitos investimentos constitui para o Japão um óptimo modelo da Conferência Internacional de Tóquio sobre Desenvolvimento, na qual ficou acordado que o foco seria o crescimento de alta qualidade.

Interesses do Japão

Por detrás da visita de Shinzo Abe pode estar o interesse do Japão de se aproximar ainda mais de Moçambique, um país que está a entrar na lista dos maiores produtores exportadores de gás natural do mundo, cujo início da exploração está previsto para 2018.

Aquele país asiático enfrenta uma exiguidade de fontes de combustível fóssil, excepto o carvão, daí que precisa de importar grandes volumes de petróleo bruto, gás natural e outros recursos energéticos. É, também, nesse contexto que optou por estreitar as suas relações com Moçambique.

Actualmente, Japão ocupa a quinta posição na lista dos maiores consumidores de gás natural, com uma média de 100.300.000.000 metros cúbicos, atrás dos Estados Unidos da América, União Europeia, Rússia e Irão.

Para além do gás natural, a agricultura é outra área de interesse do Japão, sendo que a prova disso é a sua aposta, a par do Brasil e de Moçambique, no Projecto ProSavana, a ser implementado nas províncias de Nampula, Niassa e Zambézia e que vai absorver um investimento de dois biliões de dólares norte-americanos.

Guebuza fala sobre o ProSavana

Sobre o ProSavana, um projecto contestado por várias organizações da sociedade civil, nacionais e estrangeiras, o Presidente da República, Armando Guebuza, como que a responder aos críticos do projecto, referiu que o mesmo é estrategicamente crucial para catapultar o desenvolvimento de Moçambique e de outros países da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC).

O ProSavana, a ser implementado numa área estimada de 14 milhões de hectares, resulta de um acordo de cooperação entre Moçambique, Brasil e Japão, sendo que com a sua concretização, segundo o chefe do Estado, a região do Corredor de Nacala vai dinamizar e viabilizar outros locais.

Para Armando Guebuza, o ProSavana vai transformar a região norte do país, concretamente a zona do Corredor de Nacala, num dos instrumentos de luta contra a fome e a pobreza pois vai elevar os índices de produção e produtividade e integração de mais moçambicanos na agricultura de grande escala.

Visita contestada

A visita do Primeiro-Ministro japonês a Moçambique, durante a qual anunciou a concessão de um crédito estimado em mais de 670 milhões de dólares norte-americanos não foi bem vista pela Acção Académica para o Desenvolvimento das Comunidades Rurais (ADECRU), que olha para a vinda de Shinzo Abe como “a operacionalização da última e violenta fase de ajustamento estrutural do século XXI”, uma vez que, “por razões históricas decorrentes da derrota sofrida na segunda Guerra Mundial e, actualmente, da luta hegemónica na Ásia entre Japão e China, este país tem sido obrigado a mudar a sua política e agenda externa que durante décadas contribuiu para o desenvolvimento da agricultura e outros sectores de Moçambique, passando a servir os interesses imperiais dos Estados Unidos da América e de outras potências”.

Para a ADECRU, o Japão pretende “transformar África numa plataforma mercantil aberta para entrada e trânsito livre de sementes geneticamente modificadas e das grandes corporações transnacionais da indústria extractiva e do agronegócio, proprietárias da cadeia da indústria alimentar global”.

“ProSavana viola os direitos das comunidades”

Em relação ao ProSavana, a ADECRU considera que o mesmo é responsável pela expropria-

ção e usurpação de terras, violação de direitos humanos, violência e criminalização de militantes e lideranças comunitárias e de movimentos e organizações sociais que se opõem ao projecto.

“Igualmente, a ADECRU responsabiliza o Governo moçambicano e o Estado japonês pela crescente pressão sobre a terra, riscos iminentes de reassentamentos forçados das populações e destruição dos seus meios de sustento, fontes de água, patrimónios culturais e todos os conflitos socio-ambientais causados, com destaque para o Corredor de Desenvolvimento de Nacala”, lê-se no comunicado.

Para além destes problemas, esta organização acusa ainda os responsáveis do ProSavana de não estarem a cumprir a lei na sua implementação. “O programa ProSavana já está a ser implementado através da *componente Quick Impact Projects* sem nunca ter sido realizado, discutido publicamente e aprovado o Estudo de Avaliação de Impacto Ambiental, uma das principais e imprescindíveis exigências da legislação moçambicana para a implementação de projectos desta dimensão, normalmente classificados como de Categoria A”, conforme denunciado, em carta aberta, pela sociedade civil moçambicana em Maio de 2013 durante a realização da Conferência Internacional de Desenvolvimento em Tóquio (TICAD V)”.

Contrariamente ao Presidente da República, que acredita ser o ProSavana “um dos instrumentos de luta contra a fome e a pobreza”, a ADECRU diz que isso (o combate à fome e à pobreza) só é possível com o aumento da “fatia” do Orçamento Geral do Estado destinada ao sector da agricultura em mais de 10 por cento e aconselha o Governo a priorizar a soberania alimentar, a agricultura de conservação e a agro-ecologia.

Em relação ao crédito concedido pelo Japão a Moçambique, no valor de 672 milhões de dólares norte-americanos, a ADECRU diz que este acto se insere numa “perspectiva de continuidade do colonialismo, desconsiderando todas as chamadas de atenção sobre os seus efeitos negativos”.

Vozes da sociedade civil

Carta Política da V Assembleia-Geral da ADECRU sobre a Realidade das Comunidades Rurais e do País

Texto: ADECRU

Igualmente responsabilizamos o Governo e o Estado moçambicano diante da pressão sobre a terra, reassentamento forçados das populações e destruição de seus meios de vida e ameaças ao acesso à água, patrimónios culturais e todos os conflitos sócio ambientais causados.

Reafirmamos o nosso engajamento incondicional a prioridade impenhosa de endurecimento da luta pela defesa da terra e dos recursos naturais, pela reforma agrária genuína e pela garantia e protecção dos direitos comunitários das populações. “O direito a terra está indissociado da valorização das diferentes formas de viver e produzir” nas comunidades, reconhecendo a contribuição das populações e comunidades rurais que têm dado a conservação dos ecossistemas e biodiversidade; do reconhecimento dos recursos naturais como bens e patrimónios colectivos para as gerações actuais e vindouras.

Defendemos e reafirmamos que os direitos à terra, água, à saúde, educação, habitação e alimentação adequadas estão directamente ligados, sendo o Governo o seu principal provedor.

Recusamos a acreditar que possa haver qualquer possibilidade de convi-

vência no mesmo espaço entre o agronegócio e a agricultura de conservação praticada milenarmente pelas comunidades rurais e populações nelas residentes. O sistema produtivo do agronegócio implica a desflorestação, uso de agrotóxicos e destruição de ecossistemas e biodiversidade, cuja produção alimenta a cadeia alimentar global. Alertamos para a perigosidade de programas imperialistas como o Prosavana que irão destruir os sistemas de produção camponeses e o carácter pluriactivo das famílias camponesas.

O Fundo Nacala e a Nova Aliança para Segurança Alimentar e Nutricional do G8 enquanto instrumentos operacionalizadores do Prosavana, representam a destruição da agricultura camponesa. O silêncio dos Governos de Moçambique, Brasil e Japão na resposta as demandas legítimas e soberanas das comunidades do Corredor de Nacala, dos camponeses e camponesas, movimentos sociais e organizações da sociedade civil de Moçambique, Brasil e Japão, para a detenção do Programa Prosavana, espelha o grau de conveniência, arrogância e alienação da soberania dos povos.

Quanto aos direitos dos (as) camponeses (sas), das comunidades rurais

e do povo moçambicano ao exercício da soberania constatamos que o Estado e Governo tem desempenhado um papel central de instrumento e agente local do imperialismo global em detrimento das comunidades, moçambicanos e moçambicanas, representando sérios riscos e ameaças a Paz, democracia e desenvolvimento soberano.

Notamos com grande preocupação e indignação que temáticas nacionais sobre questões ambientais atinentes a conservação e usufruto da biodiversidade e compromissos do País estejam a ser negociados e tratados sem a participação efectiva e soberana das populações e comunidades rurais directamente atingidas pela mineração e hidrocarboneto, dependendo de agendas internacionais dos Governos, corporações e algumas organizações e agências de cooperação internacional.

Nestes termos é crucial o aprofundamento da mobilização e auto-organização das comunidades camponesas e rurais em seus territórios como forma de promover e fortalecer os princípios e actividades de economia comunitária e inter-comunitária em resistência aos padrões hegemónicos e construção de alternativas viáveis.

(conclusão)

Democracia

Direitos humanos continuam a ser violados em Moçambique

Moçambique, apesar de ser signatário de muitas convenções internacionais sobre os direitos humanos, continua na cauda no que diz respeito à sua protecção e promoção, devido, por um lado, à morosidade que se verifica no processo de ratificação de protocolos internacionais considerados cruciais para o efeito e, por outro, ao facto de o Ministério Público, entidade responsável pela garantia da legalidade, não dispor de pessoal nem de condições para responder à demanda das violações que ocorrem.

Texto: Redacção

Visando a melhoria do quadro dos direitos humanos no país, em 2008, o Centro de Integridade Pública (CIP) no seu Relatório de Governança e Integridade em Moçambique (RGIM-2008), recomendava a adesão e ratificação dos pactos e protocolos adicionais ou facultativos relativos a essa matéria, nomeadamente o Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais, o Protocolo Facultativo do Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos, o Protocolo Adicional à Convenção contra a Tortura e outros Tratamentos ou Penas Cruéis e o Protocolo Facultativo da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra Mulher.

Porém, volvidos cinco anos, o cenário continua preocupante e intolerável. As detenções ilegais, o uso abusivo da força e de armas de fogo por parte da Polícia que em alguns casos resultam em mortes e as condições desumanas de algumas cadeias ainda constituem uma grande preocupação, embora sejam situações do domínio tanto das instituições estatais, bem como das da sociedade civil.

Uma análise feita pelo CIP em torno da definição dos mecanismos de garantia das liberdades básicas, do papel da Polícia e dos tribunais, da legislação e adopção de convenções internacionais sobre direitos humanos, divulgado em Dezembro passado aponta que parte significativa das recomendações deixadas em 2008 não foi seguida.

“O Estatuto do Tribunal Penal Inter-nacional (ETPI) não foi ratificado”, aponta, não obstante várias organizações tais como a Ordem dos Advogados de Moçambique e a Liga dos Direitos Humanos, entre outras, terem pressionado no sentido de a Assem-

bleia da República (AR), o órgão legislativo do país, tomasse tal medida.

Ainda durante esse período (2008-2013), o Estado moçambicano ignorou as recomendações relativas à adopção de medidas legislativas que permitam o acesso de entidades independentes, ou seja, organizações da sociedade civil, aos estabelecimentos prisionais e às esquadras da Polícia, com vista a monitorarem a situação dos reclusos. “Nenhuma medida legislativa foi tomada nesse sentido, embora existam algumas medidas administrativas”.

Estado evita responsabilização internacional

O Estado moçambicano, ciente dos graves atropelos aos direitos humanos que os seus agentes cometem e a sua consequente responsabilidade perante esses casos, tem adoptado uma estratégia selectiva no processo de adesão aos instrumentos internacionais que regulam sobre a matéria com vista a não se vincular às normas que implicariam a sua responsabilização directa ou do governo perante as instituições internacionais, em caso de violação desses direitos, constata no documento.

Assim, nos últimos cinco anos, segundo o relatório, Moçambique não fez quase nada em relação ao quadro legal e institucional relativo aos direitos humanos e o Estado continua a “dar primazia aos direitos civis e políticos e aos direitos colectivos e difusos, descurando os direitos económicos e sociais”.

Relativamente à ideia das penas alternativas à prisão, sugerida aquando da revisão do Código Penal, o CIP refere que embora seja importante, essa providência não esgota as medidas legislativas necessárias para efectivar o regime das penas alternativas. Para esta organização, ainda é necessária a introdução de normas legislativas complementares para que sejam aplicadas de forma eficaz e com êxito.

“A Lei Contra a Violência Doméstica (Lei n.º 29/2009, de 29 de Setembro) prevê a aplicação do trabalho a favor da comunidade como pena principal ou como pena de substituição, mas, apesar disso, essas medidas ainda não estão a ser aplicadas”, argumenta.

Falta de recursos humanos

O documento que temos vindo a citar refere que de 2008 a esta parte “houve estagnação quanto à situação dos direitos humanos e liberdades básicas” no país. A falta de recursos humanos e condições de trabalho, por parte do Ministério Público, entidade defensora da

legalidade, para acautelar ou reagir contra todos os casos de violação de direitos humanos que ocorrem no país pode estar por detrás da actual situação.

Para fazer face à actual estagnação, o CIP entende ser necessária a colocação de magistrados do Ministério Público e de juizes da instrução (em regime de turnos, durante todo o dia) junto das esquadras de Polícia e outros centros de detenção de modo a evitar privações arbitrárias de liberdade, assim como para reduzir o tempo que separa a detenção da liberdade provisória.

Propõe ainda que decorram formações contínuas dos agentes policiais em matéria relativa aos direitos humanos e liberdades básicas; a incorporação de matérias relativas aos direitos humanos, liberdades básicas e penas alternativas à prisão na formação de magistrados e outros actores judiciais; a assinatura de protocolos de cooperação entre o Instituto de Patrocínio e Assistência Jurídica (IPAJ) e organizações da sociedade civil que lutam pela defesa de direitos colectivos e difusos; e a instituição de um regime de “arquivo aberto”, contendo informação relevante sobre a estatística da actividade da Polícia (volume, tipologia e destino dos casos) e dos órgãos judiciais.

Líderes africanos devem defender os direitos humanos

Ainda sobre os direitos humanos, o antigo Chefe de Estado e co-presidente da Conferência Internacional sobre a População e Desenvolvimento, Joaquim Chissano, entende que os líderes do continente africano devem assumir uma posição forte de defesa dos direitos humanos dos cidadãos na nova Agenda para o Desenvolvimento Pós-2015.

Numa carta aberta aos chefes de Estado africanos, o ex-Presidente moçambicano encoraja os líderes africanos “a tomarem uma posição forte em prol dos direitos humanos fundamentais que garantam as liberdades básicas de todos os seus cidadãos”.

“Peço que os nossos líderes se apoiem nas lições do passado, mas que também prestem atenção às realidades presentes e que olhem para o que o futuro nos oferece, porque esta nova agenda para o desenvolvimento vai afectar

a vida de milhões de africanos numa época muito crítica para o continente”, diz na missiva Joaquim Chissano, co-presidente da ICPD, organismo ligado à ONU.

Refira-se que entre os dias 24 e 31 de Janeiro irá decorrer a cimeira da União Africana, em Addis Abeba, na qual os líderes africanos vão adoptar uma posição comum do continente sobre a nova agenda para o desenvolvimento, que irá substituir os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, das Nações Unidas, depois de 2015.

O antigo Chefe de Estado de Moçambique alerta ainda para as implicações para as futuras gerações da proposta a ser apresentada este mês pelas lideranças africanas. “A agenda internacional que iremos ajudar a forjar não é só para nós, para o momento, mas para as próximas gerações e para o mundo”, disse.

Guebuza e Dhlakama façam as pazes e deixem o povo em Paz!

CAPAZES

A verdade em cada palavra.

A paz é possível e é uma verdade que todos querem.



O Jornal mais lido em Moçambique.

Alice Mabota acusada de incitação à violência pela PIC

A presidente da Liga dos Direitos Humanos (LDH), Alice Mabota, foi esta quarta-feira (15) notificada pela Polícia de Investigação Criminal (PIC) alegadamente para dizer se é ou não a autora de uma mensagem que circula(va) via telemóveis e que apela a que “se acabe” com o Presidente da República, Armando Guebuza, antes que ele faça o mesmo com o povo moçambicano.

Texto: Redacção

A mensagem em causa apela também à realização de uma “manifestação imediata para a retirada dele (Armando Guebuza) no poder antes que seja tarde”. Entretanto, Mabota entende que o país está a viver um período particularmente sensível e um levantamento popular, nesta altura, poderia degenerar num caos, que condicionaria a realização das eleições presidenciais, legislativas e provinciais deste ano, o que, no seu entender, constitui intenção do actual Governo.

Conhecedora dos procedimentos legais e achando-se diante de uma situação descabida, Alice Mabota, na altura em que foi lhe entregue a notificação, recusou-se a recebê-la, tendo apenas garantido aos dois agentes, um da PIC e outro da PRM, que se apresentaria na Sétima Esquadra, na hora marcada, para conversar com o comandante e não para prestar algum esclarecimento.

À saída da esquadra, Mabota referiu que “só foram perguntar se a mensagem é da minha autoria e eu disse que não era. Eu forneci-lhes os meus três números de telefone para eles investigarem e ver se a mensagem foi enviada a partir de um deles”.

Mabota disse ainda ter exigido à Polícia que investigasse com profundidade o caso porque também está interessada em que o mesmo seja esclarecido. “Não sei se fui notificada por a mensagem ter apelado a que se acabe com Guebuza ou por se temer uma possível manifestação”.

Contudo, importa referir que em Setembro de 2010, o Governo moçambicano impôs o registo obrigatório dos cartões SIM, após a realização, nos dias 1 e 2 de Setembro, de uma manifestação popular convocada com recurso a um sms. Quatro dias depois, isto é, a 6 daquele mês, o mesmo Governo ordenou a suspensão temporária da medida alegando motivos de “segurança nacional”.

A existência do cadastro dos usuários da telefonia móvel visava evitar situações similares pois sem o registo tornava-se impossível descobrir quem escrevia as mensagens de apelo a manifestações, à violência, etc. Entretanto, apesar de hoje os números terem sido registados, a percepção é de que ainda há dificuldade em se fazer uma investigação minuciosa para se chegar ao autor ou à origem de um sms.

Não obstante a pressão para que as empresas de telefonia móvel procedessem ao registo de cartões SIM, o cenário que se verifica é que o processo não é tão simples como pareceu ao Governo na altura. Embora continue obrigatório, persistem dúvidas sobre a fiabilidade deste sistema.

É que as operadoras permitem, por exemplo, que em caso de necessidade se faça um pré-registo à distância, facto que não permite verificar se a pessoa que o faz é de facto o dono dos dados que fornece.

“Isto é obra de Edson Macuácuá”

Para Alice Mabota, a sua notificação não tinha nada a ver com a suspeita de ela ser a autora da suposta mensagem, sendo “obra” de Edson Macuácuá, porta-voz do Presidente da República, Armando Guebuza. Entretanto, aconselha-o a abordá-la pessoalmente, ao invés de recorrer a falsas “armadilhas”.

Segundo Mabota, “este Governo de hoje está podre por causa destes lambe-botas. Mas a mim não me apanham, eles não têm a minha idade. Antes de eles saberem o que é a Frelimo, antes de eles usarem fraldas, eu já trabalhava dentro da própria Frelimo”.

As críticas da presidente da LDH estendem-se ao G40, pois acredita que o conselheiro do Chefe do Estado não age sozinho. A este grupo Mabota apelidou de analfabetos e mercenários “Eses (Edson Macuácuá e membros do G40) tentam denegrir a imagem das pessoas por causa do dinheiro que recebem, são mercenários e pensam que estão a fazer política enquanto estão a lamber botas”, sentenciou.

Eis o teor da mensagem que motivou a notificação de Alice Mabota pela PIC:

“Família moçambicana, acordem!!! Guebuza não nos quer ver vivos. Melhor acabarmos com ele do que ele connosco. Apela-mos à manifestação imediata para a retirada dele do poder antes que seja tarde. Colabora com a ideia passando a mensagem para os outros. A sms é da Dr. Alice Mabota”.

Absalão Siweia recusa-se a devolver viatura alocada pelo município durante a campanha

O candidato da Frelimo a edil da terceira maior cidade do país, Nampula, Absalão Siweia, recusa-se a devolver uma viatura disponibilizada ilegalmente pelo conselho municipal daquela urbe durante a campanha eleitoral, cujo escrutínio se realizou no dia 01 de Dezembro, do qual saiu derrotado por Mahamudo Amurane, do Movimento Democrático de Moçambique.

Texto: Redacção

Trata-se de uma viatura de marca Toyota, modelo D4D, cabina dupla, cuja cha-pa de inscrição não foi possível apurar, usada por este candidato no processo de campanha eleitoral, que decorreu entre os dias 5 e 17 de Novembro.

Uma fonte da edilidade, que confirmou o caso ao @Verdade, disse que a recusa da entrega da viatura em causa está a inviabilizar sobremaneira o processo de elaboração do inventário do actual elenco, liderado por Castro Namuaca, que está a cumprir os seus últimos dias como edil daquela cidade, e que deverá entregar as pastas a Mahamudo Amurane, candidato vencedor das eleições do dia 1 de Dezembro.

De acordo ainda com o nossa fonte, Absalão Siweia foi por inúmeras vezes notificado para a entregar a viatura, o que não fez até ao momento, levando a que o assunto fosse objecto de debate numa das reuniões havidas na sede do Comité Provincial da Frelimo em finais de Dezembro do ano passado.

O encontro antecedeu a última sessão da Assembleia Municipal, que foi realizada nos princípios deste mês. A edilidade foi igualmente forçada a requerer a intervenção do “partido dos camaradas”, mas sem sucesso.

Terminado o processo eleitoral, de acordo com a nossa fonte, a viatura em causa continuou a ser usada por Siweia, mas para fins pessoais, tais como transporte de blocos de construção, tendo em conta que estava a erguer um muro de vedação na sua residência, localizada no bairro Carrupeia.

Devido à gravidade da situação, o actual edil, Castro Namuaca, incumbiu o vereador dos Transportes a missão de “resgatar” o meio circulante e deixá-lo no parque do conselho municipal, nem que para o efeito fosse necessário recorrer ao uso de

meios coercivos.

Entretanto, o vereador da área mostrou-se receoso uma vez que o processo de alocação da viatura ao candidato da Frelimo foi feita a pedido do partido pelo qual Absalão Siweia concorria, a Frelimo, tendo a mesma sido disponibilizada no mês de Agosto do ano passado, quando ele foi confirmado como candidato.

Frelimo distancia-se do caso

Contactado pelo @Verdade, Francisco Amphuai, primeiro secretário da Frelimo a nível da cidade de Nampula, desdramatizou o caso, alegando desconhecer se a edilidade teria alocado ao candidato desta formação política alguma viatura para o seu uso durante a campanha eleitoral. “Trata-se de informações avançadas por pessoas de má-fé, que pretendem a todo o custo manchar a imagem do partido e do seu candidato derrotado”.

Amphuai referiu igualmente que, nas actividades de “caça ao voto”, a Frelimo sempre pautou pelo respeito pela lei e que os meios circulantes usados têm sido cedidos pelos seus membros e agentes

económicos parceiros do partido, o que significa que está descartada a possibilidade do uso de meios provenientes das instituições públicas.

Refira-se que, depois de confirmada a derrota da Frelimo e do seu candidato na cidade de Nampula, há denúncias de pilhagem e vandalização dos recursos e meios da edilidade pelos funcionários, distribuição arbitrária de talhões para a construção de habitação cujos processos se encontravam encalhados há anos, entre outros actos de sabotagem.

Publicidade



cutting through complexity™

Serviços de Auditoria Interna

KPMG é uma empresa com bastante know how em serviços de contratação e terciarização de contratos de auditoria interna, tanto a nível local como na arena internacional. O nosso objectivo é ser líder nos mercados que servimos e, especificamente, ser o número um em reputação no mercado moçambicano.

Os serviços de Auditoria Interna da KPMG Moçambique podem ser diferenciados pelos seguintes factores principais:

- Somos a líder no mercado moçambicano em auditoria interna;
- Usamos auditorias internas estrategicamente focadas na gestão de risco;
- Temos uma equipa qualificada e experiente em auditoria interna com experiência também em auditoria local e regional;
- Temos especialização na indústria e auditores treinados em diversos sectores que vão desde telecomunicações a ONG's;
- Acesso a competências especializadas para complementar o serviço de Auditoria Interna em áreas técnicas que exigem habilidades de especialistas, como a fiscal e legal.

A KPMG tem a capacidade, competência, profissionalismo, entusiasmo e motivação para parcerias no desenvolvimento de soluções de auditoria interna que agrega valor significativo para as organizações e contribui activamente para a consecução de seus objectivos estratégicos e do negócio.

Contacte-nos!

KPMG Auditores e Consultores
Rua 1.233, nº 72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel.: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358E-
-mail: mz-fminformation@kpmg.com

Regresso às aulas: o drama de sempre... mais a guerra

A menos de 20 dias do regresso às aulas, mais de cinco milhões de alunos dos Ensinos Básico e Secundário estão na contagem final do tempo com vista ao regresso aos espaços comerciais para a compra de material escolar. O Ministério da Educação (MINED), como sempre, acredita que até meados de Fevereiro os livros estarão em todas as escolas do país. Uma meta, diga-se, ambiciosa para quem sempre foi incapaz de distribuir com eficácia num clima de paz e estabilidade política... e são 13.180.000 livros para 12.000 escolas em todo o território nacional.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguzeu

Os olhos abriram-se de espanto. O queixo caiu, de choque. Olegário Mfumo, de 43 anos de idade, guarda de profissão, não queria acreditar quando descobriu que não podia comprar todos os livros para o seu filho que, este ano, vai frequentar a oitava classe. O livro mais barato custa 250 meticaís. A partir de Junho do ano transacto, aquele pai zeloso economizou, até Dezembro, 2.000 meticaís a contar que fosse mais do que suficiente. Debalde. Veio o pesadelo da matrícula e 350 meticaís foram-se de uma assentada. Mas, antes já tinham seguido o mesmo caminho outros 100. Destino: seis fotos tipo passe. A isso, juntam-se mais 50 para o impresso do aluno. Ao todo foram gastos, naquele acto, 500 meticaís.

No início da semana passada, quando ainda faltava adquirir os livros, comprou uma embalagem de cadernos, por 250 meticaís, aos quais é preciso acrescentar os 245 para o material de desenho.

O uniforme não ficou por menos de 400 meticaís. Quando se recordou de que tinha de comprar os livros do oitavo ano só haviam sobrado 600.

Aliás, desde que Alberto, o filho mais novo, frequenta a escola beneficia dos livros de distribuição gratuita e de isenção de matrícula. Mas, o que não fazia parte do imaginário de Olegário Mfumo é que o ensino secundário é diferente.

Neste ciclo, da matrícula aos livros, tudo deve ser pago. A solução é adquirir os livros mais importantes. No caso vertente, o de Matemática e o de Português.

O drama da quadra festiva

Constâncio Oliveira, de 42 anos de idade, reside no bairro do Costa do Sol e é pai de cinco filhos. O salário que aufera numa empresa de segurança, 2400 meticaís, não lhe deixa pregar os olhos neste período. Tem, sabe de ciência certa, de adquirir uniforme e livros para dois dos seus filhos. Um na oitava classe e outro na décima primeira. O certo, diz, é que nenhum deles terá livro. Ou seja, o que vai frequentar o oitavo ano em 2014 terá de passar pelo mesmo calvário do irmão mais velho: desenrascar-se.

“Se o irmão estudou e fez a 10a classe com sucesso, o mais novo terá de fazer o mesmo. Não há dinheiro. A gente vive como pode e não como quer”, afirma com uma certeza sem fissuras.



A desculpa nem reside nos gastos efectuados na quadra festiva. Constâncio sabe que nenhuma espécie de poupança permitiria adquirir tudo o que os filhos precisam para enfrentar as vicissitudes do ensino secundário. E se algo de anormal acontecer não será porque o dinheiro abunda, mas pela bondade de terceiros. “Há sempre alguém que oferece um e outro livro”, refere.

O mesmo acontece com Maria Cossa, uma viúva de 44 anos de idade, residente no bairro dos Pescadores. O negócio de Maria não lhe permite ter lucro certo. Vende mariscos e depende do humor do mar. A vida desta mãe de quatro filhos ficou mais difícil depois de perder o marido. “Ele encarregava-se das grandes despesas. O meu negócio servia simplesmente para ajudar. Agora tenho de pagar matrículas, comprar uniforme e livros”.

Na verdade, assegura, o pouco que ganha ao revender pescado mal chega para comer. Sem, contudo, contar que na quadra festiva a casa dos Cossa esbanjou alegria e desperdiçou um dinheiro que, agora, faz falta. “Gastei até o que não tinha e quando as festas terminaram, na hora do balanço, coloquei as mãos à cabeça”, diz. Cruza os braços, baixa o rosto e sentença resignada: “não tenho dinheiro para comprar material escolar para os meus

filhos, principalmente os que frequentam o secundário, que precisam de livros, cujos preços são elevados”.

O primeiro dia do resto da minha vida

Os ponteiros cruzam as 10 horas da manhã. Na entrada principal da Escola Primária Completa 3 de Fevereiro, no meio da Avenida Tomás Ndunda, uma legião de crianças cruza o portão. No meio, vai a pequena Lurdes para o primeiro dia do resto da sua vida.

Perguntámos à mãe quanto custou levar Lurdes à escola e a resposta veio pronta: 1.000 meticaís. Mesmo com a isenção de matrículas? “Sim, paguei 100 Meticaís referentes à contribuição para as despesas da escola, 15 para a caderneta e 20 foram para o processo do aluno. Só o uniforme custou 450 meticaís, mais 300 da sacola”. Aliás, nos mil não foram acrescentados os 500 pagos a um funcionário, à margem dos procedimentos legais, para garantir a vaga. “Depois da maratona para conseguir um lugar, comecei a dizer para os meus botões: ‘mas onde raio está o ensino gratuito? Será que quer dizer que não se paga a matrícula? Porque de gratuito não tem nada.

Vejamos no meu caso: o transporte é pago pelos pais; material escolar, com excepção dos livros, é pago pelos pais; a caderneta é paga pelos pais, pasme-se; o processo individual é pago pelos pais; lanche (que levam de casa) é pago pelos pais... Mas afinal onde está a gratuidade do ensino básico? ”.

A história de Lurdes teve lugar em 2010, mas hoje os problemas permanecem actuais. As aulas só arrancam lá para o dia 6 de Fevereiro, contudo o drama dos encarregados de educação já deu o seu pontapé de saída. Se o problema da escola pública reside no atraso na distribuição de livros, transporte e outras taxas que retiram a qualidade de gratuito ao ensino, no sector privado as dificuldades apresentam outros rostos.

José Ernesto, jornalista de profissão, conta que foi matricular a sua filha numa escola privada por opção. “As turmas, naquela escola, são constituídas por um máximo de 20 alunos”, justifica para acrescentar que a ideia de proporcionar à sua única filha “uma educação de melhor qualidade ajuda a suportar o sacrifício de aplicar todo o final do mês seis mil meticaís dos 30 mil que aufero. No entanto, as despesas em relação ao ensino primário, no sector privado, não acabam na mensalidade.

No acto da matrícula, conta, recebeu uma folha com o ma-

Destaque



terial escolar que devia adquirir. Uma consulta prévia às papelarias de referência revelaram algo que Ernesto não contava. Ou seja, tem de comprar uma gama de material avaliada em cerca de sete mil meticais. Sem, contudo, contar com as cadeiras extra-curriculares de carácter obrigatório como judo, cujo uniforme custa 2.300 meticais. Portanto, o sonho de Ernesto de garantir uma educação melhor para a sua filha terá de, forçosamente, ser interrompido em 2015. “Não posso gastar mais do que estava previsto. Contava investir no máximo 10 mil, mas com as disciplinas extra-curriculares, o transporte e o material escolar seria um suicídio dar esse passo. O salário não permite”, justificou.

O preço do uniforme

Confrontámos os preços do uniforme entre os sectores formal e informal. Para esse propósito, tomámos como referência uma das casas especializadas na confecção de uniformes no centro da cidade e dois mercados localizados no coração do grande Maputo. Descobrimos que no sector formal existem duas tabelas, uma para crianças e outra para adultos, mas criança neste caso é quem não transcende a faixa etária dos sete anos. Por outras palavras, se a idade mínima exigida para ingressar no ensino básico é de seis anos, significa que a partir da terceira classe um aluno paga para adquirir uniforme o mesmo que um aluno do 12º ano.

Calças: **crianças** 380 meticais; **grandes** 429 meticais
Saías: **crianças** 360 meticais; **grandes** 400 meticais
Camisas: **crianças** 200 meticais; **grandes** 400 meticais

A ginástica do livro

Com o incremento do preço do livro e consequente redução do poder de compra, há uma coisa que os alunos das escolas públicas assimilaram e, naturalmente, se tornaram exímios a fazê-lo. Por exemplo, o mesmo livro pode ser usado por seis alunos de turmas diferentes no mesmo dia. Um aluno X compra o livro da disciplina de Português e o de Geografia, enquanto que um outro

aluno Y de Matemática e de Biologia. Se o aluno X tem no primeiro tempo Biologia e o Y tem Português, os livros são trocados. Aliás, essa constante troca de livros envolve mais de meia dúzia de alunos que funcionam como uma rede. É que, muitas vezes, os professores não querem saber e quem não tem livros não pode assistir às aulas. Essa é uma solução que funciona dentro da escola, mas que não é eficaz quando se trata de fazer os deveres de casa.

Contudo, está é uma equação que Alberto vai aprender a fazer se não quiser sucumbir na “selva” que é o ensino em Moçambique, mas a que a pequena Lurdes não está alheia...

Há algo que os encarregados de educação ignoram em relação aos livros escolares: nem todos os manuais comercializados foram aprovados pelo Ministério da Educação ao contrário daquilo que refere o porta-voz desta instituição. Ou seja, do material didáctico produzido pelas editoras algum pode ser descartado.

Os livros aprovados

@Verdade andou em tempo de ronda pelas editoras para conhecer os livros que foram aprovados pelo MINED. Contudo, ficámos a saber que há livros que podem ser aprovados ao nível dos conselhos das escolas. No entanto, há manuais que não carecem de aprovação ao nível das instituições de ensino porque já contam com o “sim” do MINED. Mas isso não é tudo porque as escolas podem, simplesmente, optar por outros livros. Efectivamente, quem fica prejudicado com a situação de incerteza é o encarregado de educação que tem de arcar com as despesas e o aluno que pode ser obrigado a olhar durante o ano lectivo para um livro sem serventia. Com o intuito de ajudar, o @Verdade fez este levantamento dos livros aprovados e as respectivas editoras. Esperamos, deste modo, contribuir para uma melhor gestão e aplicação das economias familiares...

Tivemos acesso à lista de livros da Plural Editores, mas não foi possível descartar que manuais terão sido aprovados porque a mesma não esclarecia. As tentativas foram, diga-se, infrutíferas...

Preços dos livros aprovados pelo MIND

Editoras	Classes	Disciplinas	Preço	MINED
Alcance	8ª classe	Geografia	700,00	Aprovado
	9ª classe	Geografia	750,00	Aprovado
Texto Editores	8ª classe	Biologia	420,00	Aprovado
	8ª classe	Educação Visual	290,00	Aprovado
	8ª classe	Geografia	390,00	Aprovado
	8ª classe	História	410,00	Aprovado
	8ª classe	Matemática	420,00	Aprovado
	8ª classe	Química	390,00	Aprovado
	9ª classe	Biologia	320,00	Aprovado
	9ª classe	Educação Visual	290,00	Aprovado
	9ª classe	Empreendedorismo	390,00	Aprovado
	9ª classe	Física	190,00	Aprovado
	9ª classe	Geografia	290,00	Aprovado
	9ª classe	História	145,00	Aprovado
	10ª classe	Biologia	390,00	Aprovado
	10ª classe	Empreendedorismo	390,00	Aprovado
	10ª classe	Física	190,00	Aprovado
	10ª classe	Geografia (antigo)	390,00	Aprovado
	10ª classe	História	390,00	Aprovado
	10ª classe	Química	390,00	Aprovado
	11ª classe	Agropecuária	590,00	Aprovado
	11ª classe	Biologia	590,00	Aprovado
	11ª classe	Desenho Geometria Descritiva	590,00	Aprovado
	11ª classe	Matemática	590,00	Aprovado
	11ª classe	Matemática (letras)	590,00	Aprovado
	11ª classe	Português	590,00	Aprovado
	11ª classe	Química	590,00	Aprovado
	12ª classe	Biologia	590,00	Aprovado
	12ª classe	Desenho	590,00	Aprovado
	12ª classe	Filosofia	590,00	Aprovado
	12ª classe	Física	590,00	Aprovado
	12ª classe	Geografia	590,00	Aprovado
	12ª classe	Português	590,00	Aprovado
	12ª classe	Química	590,00	Aprovado
	12ª classe	Matemática	590,00	Aprovado

Destaque

Guerra e chuvas vão testar eficiência do MINED

O sector da educação prevê distribuir cerca de 13.180.000 livros gratuitos em todo o país, para um universo de mais de cinco milhões de alunos da primeira à sétima classe até ao início do ano lectivo escolar de 2014.

O custo total - da operação de aquisição e distribuição - está orçado em mais de 18 milhões de dólares e irá abranger cerca de 12.000 escolas primárias, das quais 357 começam a leccionar pela primeira vez no presente ano lectivo. O porta-voz do Ministério da Educação (MINED), Eurico Banze, reconhece a complexidade do processo de distribuição do livro escolar gratuito.

“Estamos a usar os portos da Beira, Maputo, Quelimane e Nacala, incluindo também camiões, barcos e outros meios disponíveis de acordo com a especificidade de cada região para transportar os livros escolares de distribuição gratuita”, referiu.

MINED adopta medidas para evitar a danificação do livro escolar

A medida visa, entre outras, evitar a danificação do livro escolar e a remoção de condicionantes que possam afectar negativamente o processo de ensino e aprendizagem. Em 2012 o sector foi obrigado a efectuar um reajuste orçamental estimado em pouco mais de 1.5 milhão de dólares para a reposição dos manuais danificados, situação que o governo não quer que se repita.

Banze reafirma que algumas escolas sem condições mínimas de segurança e conservação receberão os manuais de ensino na primeira semana de aulas.

A alocação atempada dos livros de distribuição escolar gratuita às zonas de influências pedagógicas (ZIP), às sedes distritais e a alguns armazéns empresariais constam das inovações do presente ano, de modo a conferir maior segurança e conservação e, desta forma, evitar perdas resultantes dos efeitos nefastos da chuva, assegurou o porta-voz.

Dos 13.180.000 livros escolares, serão alocados 850.232 à província de Cabo Delgado, 828.440 (Niassa), 2.236.682



(Nampula), 1.111.753 (Tete), 1.011.719 (Manica), 877.409 (Inhames), 773.763 (Gaza), 861.530 (Maputo-província), 487.548 (Maputo-cidade), 3.047.387 (Zambézia) e 1.094.491 caberão à de Sofala.

Tensão militar não vai condicionar o processo

Para Banze, a tensão militar, que ocorre no troço Save-Múxunguê e que agora se alastrou para a província de Inhambane não está a impedir a distribuição do livro escolar. A fonte afirmou que compete às autoridades locais de educação monitorar as condições objectivas para evitar qualquer inconveniente que impeça o transporte do material em alusão.

“O que nós queremos é que haja uma movimentação normal em todo o território nacional. No entanto, as dificuldades de transitabilidade afectam o processo de distribuição, mas não criam nenhum condicionante para a sua materialização”, explicou.

MINED ainda sem meios para estancar a venda ilícita do livro gratuito

Todos os anos a venda ilícita de livros de distribuição escolar ocorre sobre o olhar impávido do sector da Educação, que se mostra incapaz de travar o crescimento do mercado clandestino, o qual tem prejudicado o processo de ensino e aprendizagem.

Questionado sobre o assunto, Banze defende o aprimoramento do sistema de controlo e distribuição local, que ainda apresenta fragilidades e impotência para estancar as redes infiltradas no sector. “Precisamos de criar mecanismos integrados para evitar prejuízos financeiros originados pelo fenómeno em alusão”.

Há livros definidos a serem usados no ensino secundário

O nosso interlocutor recorda que os livros referentes a todas as disciplinas da 8ª à 12ª classe pertencem a três editoras, nomeadamente a Plural Editores, Alcance Editores e Texto Editores.

No entanto, cabe ao conselho de escola escolher o livro a ser usado em cada disciplina, dos três adoptados e aprovados pelo MINED.

Banze conclui que a escolha diferenciada dos livros aprovados por parte das escolas não constituirá problema para os alunos das classes com exame, uma vez que os conteúdos neles contidos são os mesmos e foram desenhados pelo Ministério da Educação. O que os diferencia são os autores.

De referir que o uso desses manuais visa assegurar a uniformização de procedimentos em todo o sistema de ensino.



Fraca afluência caracteriza processo de matrículas para a 1ª classe em Nampula

O processo de matrículas para a 1ª classe, na província de Nampula, vem sendo caracterizado por uma afluência residual de pais e encarregados de educação. Responsáveis do sector da Educação, naquele ponto do país, mostraram-se apreensivos diante deste cenário.

Contudo, até 26 de Dezembro do ano findo, 188.696 crianças foram inscritas na 1ª classe. Os números divulgados na província mais populosa do país, Nampula, apesar de expressivos, continuam aquém do que estava projectado, ou seja, a inscrição de 252.371 crianças. As projecções são bem mais sombrias nos distritos costeiros de Nampula, circunstâncias onde a educação formal é, regra geral, relegada para segundo plano. @Verdade soube que decorre um processo de sensibilização.

Alfredo Nicurupo, porta-voz da Direcção Provincial de Educação em Nampula, referiu que a situação nas classes subsequentes “é boa”, pelo que “o processo está a decorrer sem sobresaltos e com muita afluência de alunos que pretendem continuar os estudos”. Apesar dos números poucos expressivos na 1ª classe, Nicurupo fez saber que até ao final do processo estarão matriculados cerca de 355.647 alunos da 6ª à 11ª classe, um número que apresentará, se assim acontecer, um aumento de 2.6 por cento em relação ao ano passado, quando estavam inscritos 346.530 estudantes.

Para evitar que algumas crianças não tenham acesso ao ensino, o processo de matrículas foi prorrogado até o dia 20 do mês corrente.



Problema de vagas

Contrariamente ao que esperam os alunos de Nampula, 2014 não será o ano que iniciará a extinção do problema de vagas. Alfredo Nicurupo esclareceu que o problema irá prevalecer. Contudo, acredita que a solução passa pelo ingresso nas escolas privadas e comunitárias que existem na província.

Há insuficiência de livros das 3ª e 7ª classes

De acordo ainda com Alfredo Nicurupo, da Direcção Provincial de Educação em Nampula, o sector terá de lidar com um défice de livros da 3ª e 7ª classes, devido à insuficiente quantidade disponibilizada pelo Distribuidora Nacional de Material Escolar (DINAME). Para colmatar

esta situação o sector vai recorrer ao remanescente dos manuais usados no ano de 2013.

Por outro lado, a fonte referiu que até o dia 20 de Janeiro em curso, os livros de distribuição gratuita estarão nas respectivas escolas. Entretanto, a província de Nampula irá beneficiar de um total de dois milhões de livros de distribuição gratuita da 1ª a 7ª classe.



Caso de menina torturada e morta por patrões choca Paquistão

O caso de uma menina paquistanesa de dez anos de idade que trabalhava como cozinheira para uma família de classe média e foi espancada pelos patrões até morrer chocou a população do país.

Texto: BBC • Foto: MSNB

Grupos de direitos humanos dizem que mais de 12 milhões de crianças são obrigadas a ganhar o sustento nas ruas ou em casas de famílias no Paquistão. As atenções do país voltaram-se neste mês para o pequeno vilarejo de Moza Jundraakha, que significa “o lugar onde a vida é protegida”.

Mas ao contrário do que o nome sugere, o local foi palco de um crime bárbaro. A menina Iram Ramzan foi trabalhar como cozinheira para uma família de classe média – com o objectivo de ganhar dinheiro para que a sua própria família tivesse o que comer. O seu salário era de 23 dólares (cerca de 700 Meticaís) por mês.

As duas irmãs de Iram também trabalham como auxiliares domésticas para outras duas famílias. A sua mãe, Zubaida Bibi, perdeu a mão num acidente numa fábrica e colocou as suas três jovens filhas a trabalhar. Ela imaginou que as meninas estariam mais seguras a trabalharem como domésticas do que nas ruas. Mas ela estava enganada.



“Talvez nós devêssemos ter colocado elas a mendigar por sobras”, diz Bibi. “Como eu poderia imaginar que estava a mandar a minha família para esses malfeitores?” Após as agressões, a menina foi levada a um hospital, mas morreu logo ao chegar. Havia sinais de tortura no seu corpo e marcas de cordas nos seus punhos e pés. Ela foi levada ao local pelos próprios empregadores, a família Mahmood. A Polícia prendeu-os imediatamente.

Chá com biscoitos

Iram Ramzan havia sido espancada com uma barra de ferro, que foi posteriormente encontrada na residência dos seus patrões. Nasira Mahmood confessou ter batido diversas vezes na menina enquanto o seu filho de 16 anos assistia.

Na cadeia, Mahmood relatou à Polícia o crime enquanto tomava chá com biscoitos. Ela fala quase que de forma casual sobre os motivos da violência – dizendo que a morte foi um acidente e que ninguém esperava que a menina morresse. “Em três ocasiões ela roubou o meu dinheiro. Eu fiquei irada, foi só isso”, conta Nasira. “Ela disse que estava a ficar com sono, então eu amarrei-a e deixei-a lá, enquanto fui preparar o jantar.” Os investigadores disseram que Iram morreu lentamente. Nasira admitiu ter torturado a jovem assim que foi interrogada.

Outro caso

Há poucas semanas, uma outra doméstica de 15 anos de idade, conhecida por Azra, foi encontrada enforcada na casa dos patrões em Lahore. Ela teria sido vítima de abusos sexuais antes de morrer.

Organizações de direitos humanos dizem que as leis trabalhistas do Paquistão ignoram o abuso de crianças num país em que quase metade da população tem até 18 anos de idade. A Sociedade de Protecção aos Direitos das Crianças (Sparc) disse ter recebido 20 denúncias de casos como os de Iram e Azra. Estes foram apenas os episódios em que crianças morreram. Há muitos casos de abusos e agressões que nem sequer são registados.

“A ONU enviou uma recomendação ao governo paquistanês para adoptar uma política de protecção infantil”, disse a representante da Sparc, Sajjad Cheema. “Nós precisamos de saber se vamos deixar as crianças trabalharem nestas condições, e morrerem, ou se vamos protegê-las, e como o faremos.”

Dois meses depois, as Filipinas recuperam da passagem do tufão Haiyan

Ainda com dois mil desaparecidos, o país aproveita a ajuda de organizações humanitárias internacionais. Depois do abastecimento de primeira necessidade, inicia-se a fase de reconstrução, que inclui o treinamento profissional.

Texto: Deutsche Welle • Foto: Reuters

As salas de aula provisórias na cidade de Tacloban, nas Filipinas, não passam de mesas numa tenda branca, doadas por uma organização humanitária. No entanto já é, em si, um sinal de esperança as escolas estarem novamente a funcionar desde o início desta semana, na região mais atingida pelo tufão Haiyan. Jörg Fischer, que coordena a operação da Cruz Vermelha Alemã (DRK) no local, informa que as 56 salas de aula foram montadas com a ajuda da organização.

Passados dois meses da catástrofe, ele considera esperançoso o clima entre a população da cidade. “Muita coisa foi feita, o progresso é claramente visível. Quando estive em Tacloban, em 11 de Novembro, os cadáveres jaziam nas ruas, por toda a parte havia cheiro a decomposição.” Agora os mortos estão enterrados e as ruas foram desobstruídas. Ainda não se pode falar de uma recuperação plena, mas “as pessoas recomeçaram a viver a sua vida”, assinala Fischer.

Entretanto, numerosos assentos permanecem vagos nas escolas reabertas. “Apenas metade dos nossos alunos voltou”, comenta Maria Evelyn Encina, directora da escola de San Roque, próximo a Tacloban. Dos demais, não há qualquer notícia desde o tufão. “Eles podem estar em campos de refugiados ou em casa de parentes.” Ou entre as quase duas mil pessoas ainda tidas como desaparecidas.

Desde a catástrofe já se passaram quase nove semanas. No dia 8 de Novembro de 2013, o ciclone tropical Haiyan passou pelas Filipinas, arrastando para a morte mais de seis mil habitantes e deixando sem tecto quatro milhões. Num apelo recente, o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (Unocha, na sigla em inglês) pediu novos donativos para os que necessitam urgentemente de abrigo.



Algumas organizações, como a Arbeiter-Samariter-Bund (ASB) ou a Cruz de Malta alemã concluíram as suas missões no local e planeiam a partir da Alemanha as suas futuras operações. Outras, como a Cruz Vermelha e a Care, permanecem nas regiões de crise humanitária. Ambas já se encontravam nas Filipinas antes da catástrofe: a DRK há cinco anos, e a Care já há mais de seis décadas.

Nas primeiras semanas após o Haiyan, o foco era a ajuda humanitária imediata, na forma de abastecimento de água, alimentos, mosquiteiros ou artigos de higiene. Nesse meio tempo, os funcionários já se podem concentrar noutros sectores. “Agora começou a fase da reconstrução, trata-se de construir casas que sejam mais resistentes a futuros tufões”, explica Jörg Fischer.

[Haiyan deixou um rasto de morte e desolação]

Mensagens positivas

O coordenador calcula que a reconstrução de uma cidade como Tacloban, com 200 mil moradores, vá durar entre dois e três anos, opinião partilhada pela funcionária da Care Sandra Bulling. Logo em seguida à passagem do ciclone, ela foi distribuir mantimentos na Ilha Leyte: 20 quilos de arroz por pessoa,

peixe enlatado e seco, óleo e feijão.

“Há algumas semanas começámos também a distribuir material de construção e ferramentas, sobretudo lonas de plástico, mas também martelos, pregos e cordas”, relata Bulling. Muitas das casas que ela viu pela ilha são erguidas com materiais inapropriados, por isso agora a Care aposta também no trabalho de formação profissional. “Nos próximos meses, ou provavelmente um a dois anos, nós vamos treinar carpinteiros e mostrar-lhes como construir casas mais fortes.”

Sandra Bulling, da Care, na Ilha Leyte

No fim de Novembro, Sandra Bulling retornou às Filipinas. Ela lembra que essa foi uma das suas missões mais difíceis, mas ao mesmo tempo faz um balanço final positivo. “A colaboração com as autoridades locais funcionou muito bem. E as pessoas estavam incrivelmente motivadas a começar imediatamente com a reconstrução.” Muitos sobreviventes apresentaram-se voluntariamente à Care, oferecendo ajuda na distribuição dos pacotes humanitários.

Disposição para ajudar, optimismo e espírito combativo são as impressões que a funcionária da Care levou consigo para casa. E o encontro com uma menina, três dias depois do tufão. A sua família perdera a casa, procurava objectos úteis no meio dos destroços, e ela encontrou os seus livros de escola.

“O sol apareceu. Ela foi para fora, secar os livros; queria poder estar logo de volta à escola.” Bulling perguntou a si própria se ela ou a sua família teriam reagido assim, tão logo após a catástrofe, se teria tido forças para olhar imediatamente em frente. “Achei isso simplesmente admirável, essa coragem de dizer de imediato: ‘A coisa precisa de continuar, de algum jeito.’”

Dois meses mais tarde, o desejo da menina torna-se realidade, com a reabertura das escolas em Tacloban.

A verdade sobre as manifestações angolanas em DVD

“Geração da Mudança” é um DVD que retrata o historial das manifestações em Angola desde 2011 e está a ser distribuído no país, a fim de contrapor a versão das autoridades policiais e do regime sobre os acontecimentos.

Texto: **Deutsche Welle** • Foto: **Reuters**

No referido DVD foram compilados alguns vídeos inéditos e imagens chocantes de espancamentos e torturas a vários manifestantes e jornalistas nacionais e estrangeiros que se têm dedicado à cobertura das manifestações anti-governamentais em Angola.

No dia 2 de Abril de 2011, um grupo de jovens sem filiação partidária, liderado pelo “rapper” Carbone Casimiro saía às ruas da capital angolana pela primeira vez para protestar contra “as políticas desastrosas e ditatoriais” do regime do Presidente José Eduardo dos Santos, revestido de democracia.

Antes disso, no dia 7 de Março do mesmo ano, um cidadão anónimo havia convocado uma manifestação anti-governamental através das redes sociais, facto que levou a direcção do MPLA, o partido no poder, a antecipar uma contra-manifestação nas 18 províncias do país.

E no DVD em causa um cidadão questiona: “Gostaria de perguntar à sociedade angolana e estrangeira: se a manifestação é proibida como é que os do MPLA saíram todos à rua para fazerem uma manifestação?”

Mão externa nas manifestações?

Na altura, o argumento da direcção do partido no poder era o de que “tal manifestação teria como finalidade subverter a ordem pública e



derrubar o Presidente José Eduardo dos Santos”.

Figuras de proa do Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA, como o próprio Presidente José Eduardo dos Santos, o governador de Luanda, Bento Bento, e o antigo ministro da defesa, Kundi Paihama, chegaram mesmo a acusar o Ocidente de estar por detrás das manifestações anti-governamentais: “Puseram em marcha um verdadeiro plano, uma verdadeira operação contra a República de Angola, contra o MPLA e sobretudo contra o Presidente José Eduardo dos Santos.”

“32 anos é muito!” foi o lema dos jovens manifestantes numa referência à longevidade no poder de José Eduardo dos Santos, actualmente, o segundo Presidente há mais tempo no poder em África.

No dia 3 de Setembro de 2011, pela quarta vez, um grupo de jovens fartos de ver a forma como são conduzidos os destinos do país resolveu sair novamente às ruas. Desta vez para exigir a demissão de José Eduardo dos Santos.

Prevendo alguma coisa que lhes pudesse acontecer, esses jovens gravaram depoimentos nos quais revelam as suas razões para continuarem a luta pela dignidade, liberdade e justiça, três índices que consideram deficitários em Angola: “Olá, eu sou Afonso Maenda, mais conhecido por Mbanza Hanza. Estou nesta luta porque este é o legado que nos foi deixado pelos homens de outrora “, pode-se ouvir num dos depoimentos.

Despertar sobre os reais factos

Desde 2011 muitas foram as manifestações anti-governamentais organizadas pelo Movimento Revolucionário, e não só. Para que a história não se apague da memória colectiva, a Central Angola, um site da autoria de alguns jovens que faziam parte do Movimento Revolucionário, tem vindo a distribuir em diversas províncias do país um DVD, intitulado “Geração da Mudança”.

No referido DVD, foram compilados um documentário produzido pelo canal televisivo Al Jazeera, e alguns vídeos inéditos e imagens chocantes de espancamentos e torturas a vários manifestantes e jornalistas nacionais e estrangeiros que reportaram sobre as manifestações.

O activista dos direitos humanos, Jesse Lufendo, fala-nos do objectivo deste DVD: “Vem despertar as pessoas sobre o que realmente tem acontecido. Os meios de comunicação públicos em particular, dificilmente divulgam essas iniciativas dos jovens, o exercício de direito à manifestação.”

Muitos foram os actos de repressão policial que culminaram com a prisão, raptos e assassinatos de muitos dos manifestantes.

Mas, de todas as manifestações o dia 7 de Março de 2011 ficará de facto para sempre na história do país como aquele que estremeceu com a estrutura governamental e o poder do Presidente José Eduardo dos Santos.

Franklin McCain, um negro que ousou pedir café no balcão errado da América

Foi um dos pioneiros da luta contra a segregação racial. Em 1960, ele e outros três estudantes sentaram-se num snack-bar reservado a brancos em Greensboro, na Carolina do Norte, num protesto que se espalhou ao país.

Texto: **jornal Público de Lisboa** • Foto: **Jack Moebes**

“Se não consegues encontrar alguma coisa pela qual estás disposto a perder a vida, então debes perguntar-te porque estás cá”. Franklin McCain tinha apenas 19 anos mas talvez esta convicção estivesse já firme na sua cabeça quando, a 1 de Fevereiro de 1960, entrou nos armazéns da Woolworth em Greensboro, na Carolina do Norte, e se sentou com três colegas da universidade ao balcão de um snack-bar reservado a brancos. Pediram café e donuts e, quando recusaram servi-los ficaram ali sentados até a loja fechar. Voltaram no dia a seguir e em todos os seguintes – o pequeno grupo transformou-se numa multidão, que inspirou outras e ajudou a incendiar a luta pela igualdade entre brancos e negros na América dos anos 1960.

McCain morreu quinta-feira (9), aos 73 anos, de complicações pulmonares e os obituários que a imprensa lhe dedicou foram elegias da ousadia juvenil dos Quatro de Greensboro (como ficaram conhecidos), transformada em marco dos protestos contra a segregação dos negros. “McCain e os seus três colegas foram heróis à moda antiga, soldados no puro sentido da palavra: fartos da sua situação, incapazes de a tolerar por mais tempo, temendo os custos de se manterem inactivos por mais tempo, ergueram-se e foram à luta”, escreveu a revista The Atlantic.

Não foram os primeiros a protestar – de forma pacífica, sem provocações mas sem transigir – contra os estabelecimentos que tratavam de forma diferente os clientes conforme a sua raça. Mas até então, nenhuma outra iniciativa atraía tanto a atenção.

Numa das várias entrevistas que deu em 2010, no 50.º aniversário do seu sit-in, McCain explicou ao Charlotte Observer, o que levou os quatro caloiros da Universidade de Agricultura e Tecnologia da Carolina do Norte, uma escola só para negros, a pas-



sar à acção. Os pais e os avós tinham-lhes ensinado que, se cumprissem as leis e trabalhassem no duro, seriam bem-sucedidos: “Eu sentia-me parte de uma grande mentira. Todos nos sentíamos assim.” Depois de meses a discutir as injustiças da segregação, decidiram que era altura de fazer qualquer coisa e, na noite de 31 de Janeiro de 1960, escolheram o alvo: a cadeia Woolworth que, nos estados do sul, impunha a segregação aos seus clientes.

Na tarde do dia seguinte, entraram na loja de Greensboro e, depois de comprarem material escolar e pedirem a factura (para provar que tinham feito despesas), sentaram-se em quatro bancos altos do snack-bar reservado a brancos. “Estávamos assustados”, contou David Richmond, um dos quatro, que morreu em 1990. “A adrenalina corria-me nas veias, mas se alguém ao balcão tivesse gritado ‘buhh!’ eu teria fugido a correr”.

Demasiado zangado para sentir medo

As recordações de McCain são diferentes. “Não tinha medo porque estava demasiado zangado para sentir medo. Sabia que se tivéssemos sorte iríamos passar muito tempo na prisão. Caso contrário, podíamos regressar ao campus num caixão de pinho”. Desafiar a segregação que fazia lei nos estados do Sul era arriscar-se à prisão e os espancamentos eram uma rotina. Mas McCain diz que, “15 segundos” depois de se sentar sentiu algo inédito: “Foi uma sensação de liberdade, de dignidade recuperada. Senti-me quase invencível”, contou, em 2010, à rádio pública NPR.

Não foram espancados, nem presos. Mas o empregado recusou servi-los, um polícia disse-lhes para saírem dali, tocando de forma ameaçadora no cassetete, e um empregado negro acusou-os de serem agitadores. Mantiveram-se sentados e ouviram insultos

de clientes brancos, mas também palavras de incentivo. “Uma senhora de idade que estava a observar a cena aproximou-se e sussurrou ‘rapazes, tenho tanto orgulho em vocês’ e eu aprendi que nunca se deve julgar alguém antes de termos tido a oportunidade de falar com essa pessoa”.

A loja fechou mais cedo e os quatro regressaram a casa, esfomeados mas determinados. Na manhã seguinte regressaram ao mesmo lugar, seguidos por 25 colegas e alguns jornalistas. No final da semana, eram já 300 e o protesto alastrava – primeiro a outras cidades da Carolina do Norte, depois a outros Estados (há quem fale em 55 cidades, há quem conte mais de 250). Nem todos foram bem-sucedidos, mas a acumulação de protestos, escreveu o New York Times, “contribuiu para o impulso que levou à aprovação da Civil Rights Act de 1964”, que proibiu a segregação nos locais públicos a nível federal.

Em Greensboro, a luta dera frutos muito antes. A 25 de Julho de 1960, a Woolworth passou a atender todos os clientes por igual. Em 2010, a loja deu lugar ao Museu dos Direitos Cívicos e o balcão foi levado para o Museu Smithsonian de História Americana, em Washington.

Mas para McCain, o sit-in foi apenas o começo de uma vida de activismo pelos direitos cívicos. Aos 68 anos, numa entrevista à jornalista Mary C. Curtis, admitia sentir-se feliz com a nova face do país – a América que elegeu Barack Obama, um negro, para a Presidência –, mas desafiava as novas gerações a não baixarem os braços. “A todo o momento sou recordado de que em qualquer luta pela mudança são precisas apenas algumas pessoas para fazer a diferença, às vezes apenas uma”.

Repressão à caça ilegal semeia terror na Tanzânia

Nyenge Ali, morador do distrito de Ulanga, norte da Tanzânia, acordou quando policiais cercaram a sua casa. Acusaram-no de caça ilegal e, na presença de seu filho de 11 anos, obrigaram-no a ficar nu, atiraram água salgada sobre o seu corpo e bateram-no com um bastão, segundo a sua denúncia. "Não tive outra saída a não ser cumprir as ordens", contou à IPS, de Ulanga. "Sofri lesões graves. Mal me podia sentar. Implorei por piedade, mas continuaram a bater-me", acrescentou.

Texto: Kizito Makoye/IPS • Foto: MSNB



Segundo várias testemunhas, os acusados de serem caçadores ilegais perderam milhares de animais e outros bens, incluindo dinheiro, quando os agentes os capturaram ou simplesmente os roubaram. Na aldeia de Minziro, em Kagera, região próxima ao Lago Vitória, os moradores recordam que em 13 de Outubro um grupo de soldados invadiu a localidade, bateu nas pessoas e incendiou as casas de quem suspeitavam ser imigrantes sem documentos em dia.

Abraham Kafanobo, vice-presidente da aldeia, contou à IPS que a maioria dos habitantes fugiu após o incidente e temia regressar, mesmo depois do fim da campanha contra a caça ilegal. O escândalo provocou a destituição dos ministros de Turismo, de Defesa, de Desenvolvimento da Pecuária e do Interior. O então ministro do Turismo, Khamis Kageshiki, disse em Outubro que os caçadores ilegais envolvidos no tráfico de marfim deveriam morrer "na hora".

Issa Shivji, advogado e activista pelos direitos humanos, criticou a participação militar numa campanha civil e acrescentou que a forma como foi realizada significou "uma grande vergonha" para a Tanzânia. Também pediu uma rápida investigação dos supostos abusos e disse que devem ser apresentadas acusações penais contra o pessoal de segurança que participou na operação, independentemente da sua patente.

"Não é apenas vergonha, mas uma grande tragédia que exige que perguntemos para onde vamos como nação. Por que motivo os órgãos de segurança, que têm a obrigação de proteger a vida, a dignidade e o respeito da população, actuaram de maneira tão irresponsável?", questionou Shivji.

Este agricultor, de 38 anos, da aldeia de Iputi, que acusou publicamente de agressão as forças de segurança, afirma que o suplício foi uma tortura física e emocional severa. Em certo momento, garante que os seus captores o obrigaram a fazer a imagem de uma cobra piton na coxa com uma lâmina de barbear.

A história de Ali é uma de muitas que saíram à luz durante uma investigação feita pelo parlamento tanzaniano sobre os excessos de uma campanha contra a caça ilegal, destinada a reduzir o comércio ilegal de marfim. A investigação revelou que 13 pessoas foram assassinadas e milhares de cabeças de gado – sustento de muitos neste país do sudeste da África, com 45 milhões de habitantes – foram mutiladas ou mortas.

Em Outubro de 2013, o Presidente Jakaya Kikwete ordenou o reforço de mais de 2.300 efectivos da Força de Defesa Popular, polícias, guardas florestais e unidades especiais para a luta contra a caça ilegal, numa campanha que chamou Operação Tokomeza. A caça de elefantes e rinocerontes é proibida na Tanzânia, mas aumentou nos últimos anos.

No entanto, no mês seguinte, Kikwete foi forçado a acabar com a operação, pressionado pelas fortes críticas à repressão que foi desatada. "A operação contra a caça ilegal tinha boas intenções, mas os assassinatos denunciados, as

violações e a brutalidade são totalmente inaceitáveis", afirmou o Primeiro-Ministro, Mizengo Pinda, em Dezembro no parlamento.

Pinda disse que a caça ilegal atingiu dimensões alarmantes nos parques nacionais do país, especialmente na Reserva de Caça Selous, cuja população de elefantes caiu de 55 mil para 13 mil animais. O governo calcula que, durante os meses de Novembro e Dezembro, os caçadores mataram 60 elefantes, enquanto em Outubro, quando a operação estava vigente, foram mortos apenas dois.

Neema Moses, também moradora em Ulanga, contou a uma comissão parlamentar criada para investigar os abusos contra os direitos humanos que os efectivos tiraram as suas roupas, inseriram uma garrafa na sua vagina e obrigaram-na a manter relações sexuais com familiares do seu marido.

O presidente da comissão, James Lembeli, disse durante a apresentação do informe sobre os abusos que a sua equipa apurou que, sem dúvida alguma, as forças de segurança semearam o terror e cometeram atrocidades "indescritíveis" contra civis inocentes. "Algumas mulheres afirmaram que foram violadas e sodomizadas. Na localidade de Matongo, no distrito de Bariadi, por exemplo, uma mulher denunciou que três soldados violaram-na com o revólver apontado para ela", detalhou.

Lembeli garantiu que entre as vítimas havia dirigentes de governos locais, que foram humilhados em interrogatórios improvisados diante dos seus eleitores. Citou o caso de Peter Samwel, conselheiro em Sakasaka, distrito de Meatu, que teve os seus braços e pernas amarrados com uma corda e foi deixado pendurado de cabeça para baixo durante horas, segundo a investigação. As acções obrigaram algumas pessoas a abandonarem as suas casas por medo de serem feridas, ressaltou.

Mais de 200 deslocados de guerra do Sudão do Sul morrem em naufrágio no Nilo

Mais de 200 deslocados de guerra do Sudão do Sul morreram num naufrágio no rio Nilo. Fugiam dos combates na sua cidade, Malakal. Entre as vítimas há muitas mulheres e crianças.

Texto: Redacção/Agências • Foto: MSNB



A violência no Sudão do Sul – o país mais novo do mundo, nascido em 2011, ano em que o território se separou do Sudão depois de uma guerra sangrenta – eclodiu a 15 de Dezembro entre as forças leais ao Presidente Salva Kiir e soldados que apoiam o seu antigo vice-presidente, Riek Machar, que quer tomar o poder. Malakal, que é uma cidade estratégica, mudou de mãos várias vezes desde o início do conflito.

As Nações Unidas estimam que desde 15 de Dezembro já tenham morrido mil pessoas nesta guerra que prossegue apesar das negociações de paz (e dos anúncios de avanços positivos) que decorrem em Addis Abeba, a capital da Etiópia.

Cerca de 350 mil pessoas estão deslocadas no Sudão do Sul devido aos combates entre o governo e as forças rebeldes, segundo as Nações Unidas. Malakal é a porta de entrada dos campos petrolíferos na região do Nilo e, nos últimos dias, os combates pela posse da cidade intensificaram-se.

"Os dados que temos indicam que morreram entre 200 e 300 pessoas, incluindo muitas mulheres e crianças. O barco estava sobrelotado", disse um porta-voz do exército, Philip Aguer, citado pela AFP. "Afogaram-se todos. Fugiam dos combates que rebentaram em Malakal."

Lê @Verdade mesmo quando estiveres de férias www.verdade.co.mz

TRAGEDIA

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2A8BBEFA

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade

Mundo

Manifestantes paralisam o centro de Banguecoque para derrubar governo

O centro de Banguecoque foi ocupado por dezenas de milhares de manifestantes, que ergueram barricadas para barrar o trânsito e ocuparam vários locais em pontos chave da cidade, num novo protesto para tentar derrubar o governo da Primeira-Ministra Yingluck Shinawatra antes das eleições antecipadas para 2 de Fevereiro.

Texto: **jornal Público, de Lisboa** • Foto: **AFP**

Cerca de 18 mil agentes das forças de segurança e do Exército foram destacados para assegurar a ordem na capital tailandesa. Mas as autoridades não ofereceram resistência ao avanço dos manifestantes, que respondiam a uma convocatória para “fechar Banguecoque e reiniciar a Tailândia” (“Shutdown Bangkok, Restart Thailand”). Apesar da paralisação do trânsito, a rede de metropolitano e os transportes públicos fluviais mantiveram-se operacionais.

Segundo descrevia a Reuters, o ambiente nas ruas tomadas pelos manifestantes era “festivo”, e o comércio permanecia aberto – um sinal de que a população não temia que o protesto pudessem terminar em violência. Mas durante a noite, foram reportados tiros nas imediações do complexo governamental no centro da cidade e também junto da sede do Partido Democrático, que se associou ao protesto.



A Tailândia atravessa uma crise política há dois meses, com a contestação a uma proposta de amnistia que beneficiaria o antigo Primeiro-Ministro Thaksin Shinawatra – que foi deposto num golpe militar em 2006 e se exilou voluntariamente no Dubai para evitar o cumprimento de uma pena por abuso de poder. Embora a proposta tenha sido rejeitada, a contestação acabou por transformar-se num movimento sustentado contra o governo da sua irmã, Yingluck Shinawatra, que o *think tank* International Crisis Group considerou estar a ter o potencial de provocar um golpe, seja ele militar ou judicial.

Os protestos têm sido liderados por Suthep Thaugsuban, que se comprometeu a “desconvocar” os manifestantes se começarem a observar-se confrontos ou se a divisão se acentuar ao ponto de ameaçar transformar-se numa guerra civil. Contudo, Suthep prometeu manter a pressão até que a família Shinawatra abandone a política tailandesa.

A Primeira-Ministra rejeitou todos os apelos à demissão, mas numa concessão aos manifestantes convocou eleições legislativas antecipadas para o próximo dia 2 de Fevereiro. O Puea Thai, partido de Yingluck Shinawatra que domina o Parlamento, é favorito a uma nova vitória:

a sua base de apoio encontra-se sobretudo nas zonas rurais da Tailândia.

No entanto, a antecipação das eleições não correspondeu às exigências dos líderes da oposição, que reclamam a substituição do governo por um “conselho popular” que ficaria encarregue da revisão da lei eleitoral e outras reformas no funcionamento do sistema político.

“Este impasse pode prolongar-se por muito tempo. A mobilização do protesto de hoje é impressionante”, observou o analista político e antigo reitor da Universidade Ramkhamhaeng de Banguecoque, Sukum Nuan-sakul. A Primeira-Ministra convocou os partidos da oposição para uma ronda de negociações com a Comissão Eleitoral, com vista a um eventual adiamento da votação até Maio.

No entanto, como notou Nuansakul à Reuters, “Suthep já disse que não está disposto a negociar com o governo”. “Estamos perante um braço-de-ferro que pode arrastar-se durante algum tempo, até porque o objectivo de mudar por completo o sistema político deste país não pode concretizar-se de um dia para o outro”, estimou.

“Não há nenhum caminho de saída claro. Mas há sempre maneira de tornar uma situação má potencialmente pior. Uma delas é negar a possibilidade de votar”, afirma o comunicado do Internacional Crisis Group.

Referendo no Egipto carimba derrube de Morsi e reforço dos militares

É a primeira vez que os egípcios são chamados a votar depois de os militares terem derrubado o Presidente islamista Mohamed Morsi, em Julho do ano passado, e poucos esperam uma surpresa no resultado. O referendo à nova Constituição, que começou terça-feira e acaba quarta, deverá dizer “sim” às alterações propostas pelos actuais líderes do Egipto e, por extensão, a uma mais do que provável candidatura à presidência de Abdel Fattah al-Sisi, o general acusado de ter orquestrado a queda de Morsi e a decapitação da Irmandade Muçulmana.

Texto: **jornal Público, de Lisboa** • Foto: **MSNB**

Mais do que um simples voto, os eleitores egípcios estarão também a carimbar o fim da falhada experiência democrática no país, que durou pouco mais de dois anos, entre a queda do ditador Hosni Mubarak e o derrube do islamista Mohamed Morsi. O que virá depois ninguém sabe, mas os relatos recolhidos pelas agências internacionais por estes dias mostram que os defensores do “sim” estão divididos em dois campos: os que estão fartos da instabilidade no país e que acreditam num futuro mais livre e próspero, e os que estão apenas fartos da instabilidade no país.

“É claro que vou votar, e é claro que vou votar no ‘sim’. Depois de tudo por que passámos nos últimos dois anos, o que queres que diga? Precisamos de estabilidade e é isso que a Constituição nos vai trazer”, disse Ahmed Rashid, de 26 anos, ao correspondente do jornal britânico The Guardian no Cairo.

Dizer que a proposta de alteração da Constituição desenhada por Mohamed Morsi (e aprovada em referendo há pouco mais de um ano) é pouco consensual não é dizer muito sobre a situação actual no Egipto – da direita à esquerda, religiosos ou seculares, o único padrão continua a ser o de que não existe padrão algum.

A Irmandade Muçulmana, que passou de organização mais forte do Egipto a “organização terrorista” em menos de um ano, por decreto do governo interino, apelou aos seus apoiantes que se abstenham no referendo, por não atribuir qualquer legitimidade ao acto eleitoral.



No lado do “sim” estão socialistas, liberais, sociais-democratas, mas também os ultra-conservadores do Al Nour, que defendem a sharia, a lei islâmica, como parte integral da Constituição. Do outro lado, dos que se batem pelo “não”, há trotskistas e islamistas moderados. Os jovens do movimento 6 de Abril, que lutaram na Praça Tahrir pela queda de Hosni Mubarak, abstêm-se, mas por razões muito distintas das defendidas pela Irmandade Muçulmana.

O primeiro dia de referendo ficou marcado por confrontos entre apoiantes da Irmandade Muçulmana e a Polícia, de acordo com as informações do governo egípcio. Pelo menos 11 pessoas foram mortas, com os confrontos mais violentos a terem lugar em Sohag, a sul do Cairo.

Para os opositores da Constituição aprovada por Mohamed Morsi, o novo texto representa um avanço, ao proibir partidos políticos “com base na religião, raça, género ou geografia”, o que na prática

impede a formação de partidos religiosos. Para além disso, os futuros Presidentes poderão cumprir dois mandatos de quatro anos e, pela primeira vez, poderão ser destituídos pelo Parlamento. Apesar de o Islão se manter como a religião do Estado, a nova Constituição garante também alguma protecção às minorias e consagra a “igualdade entre o homem e a mulher”.

O principal ponto de fricção é o facto de os opositores considerarem que o novo texto não vai tão longe quanto seria de esperar ao fim de três anos que custaram milhares de vidas ao país. Em particular, temem o reforço do poder dos militares, que asseguraram a transição política após a queda de Hosni Mubarak, em 2011, e que assumiram um controlo ainda mais musculado com a deposição de Mohamed Morsi, dois anos depois – de acordo com o novo texto da Constituição, o ministro da Defesa do Egipto será designado pelos militares nos próximos oito anos e os civis poderão ser julgados em

tribunais militares por “ataques directos” contra os seus membros ou propriedade.

Para além dos episódios de violência registados ontem, os dias que antecederam o referendo ficaram também marcados por uma forte perseguição aos defensores do “não”. A correspondente da BBC no Cairo, Orla Guerin, fala mesmo duma “campanha distorcida”, com a campanha pelo “sim” a não dar tréguas nos *media* locais, tanto estatais como privados – o partido Egipto Forte, formado pelo antigo candidato à presidência Abdel Moneim Aboul Fotouh, denunciou que 35 dos seus membros foram detidos quando tentavam colar cartazes com apelos ao voto no “não”, pelo que anunciaram na segunda-feira que iriam boicotar a votação.

O *think tank* Carnegie Endowment for International Peace, um dos mais influentes do mundo, descreveu o processo eleitoral como “viciado e não democrático”, mas os actuais líderes do Egipto já tiraram as suas conclusões – e elas não se resumem à aprovação de uma nova Constituição. “Sem dúvida que o governo interino vai apresentar os resultados como uma legitimação do derrube de Morsi. Falta saber se vai ser essa a percepção fora do Egipto e dos principais opositores do governo”, disse à BBC Hisham A. Hellyer, analista dos *think tanks* Brookings Institution e Royal United Services Institute.

O referendo vai ser acompanhado por várias organizações egípcias, por 83 representantes da Democracy International e por uma pequena delegação do Carter Center. Os resultados finais deverão ser conhecidos entre sexta-feira e sábado.

Desporto

CHAN2014:
Com uma “mão”
dos árbitros,
Moçambique
é eliminado
prematuramente!

A uma jornada do término da fase de grupos do Campeonato Africano de Futebol para jogadores internos, o CHAN, a selecção nacional de Moçambique apressou a sua despedida. Depois da derrota por 3 a 1 diante da África do Sul, os nigerianos precisaram da ajuda dos árbitros para eliminar os “Mambas” da corrida para os quartos-de-final.

Texto: David Nhassengo • Foto: CAF

No confronto de estreia reinou uma relativa ansiedade no seio dos jogadores da selecção nacional que, diga-se, em abono da verdade, começaram com os exercícios de aquecimento às 17h32, cerca de quinze minutos depois do conjunto sul-africano ter “descido” ao relvado. Durante os referidos treinos, Josimar lesionou-se, pisado por um colega, e só a oito minutos do jogo é que se confirmou que estava apto para defrontar a África do Sul.

Nas quatro linhas, o conjunto nacional assumiu muito cedo uma atitude defensiva e na única jogada de perigo que criou, culminando com um remate à baliza do guarda-redes Khune, chegou ao golo. Haviam decorrido onze minutos e Diogo Alberto entrava para a história, ao marcar o primeiro golo da terceira edição do CHAN.

O primeiro sinal de que os donos da casa não estavam conformados com a ligeira vantagem dos moçambicanos deu-se no décimo terceiro minuto, quando Soarito foi obrigado a defender, de forma incompleta, um remate de Parker após um belíssimo centro de Mashego.

E foi de grande penalidade, a castigar uma falta de Miro sobre Sibusiso Vilakazi no interior da grande área, que os sul-africanos chegaram ao empate, por intermédio de Parker. Minutos antes do intervalo, Kekana rematou contra o poste esquerdo de Soarito.

No reatamento, os “Bafana-Bafana” voltaram na mó de cima e precisaram de 13 minutos para dar corpo à reviravolta. Hlompho Kekana apontou um espectacular golo, mercê da desatenção de Soarito que não viu o jogador sul-africano a desferir o portentoso remate de fora da grande área.

Sem muitas opções no banco técnico para responder aos donos da casa, no Cape Town Stadium, João Chissano tentou imprimir uma nova dinâmica no meio-campo moçambicano e na zona mais avançada ao chamar Mário e Manuelito para jogarem nos lugares de Lanito e Alvarito, respectivamente.

Mas quem saiu a ganhar foram os “Bafana-Bafana” que, a oito minutos dos 90 chegaram ao terceiro golo, novamente por Parker, para a euforia completa dos



adeptos sul-africanos que presenciaram o espectáculo.

Os “Mambas” de João Chissano perdiam no jogo de estreia do CHAN e complicavam as contas de apuramento aos quartos-de-final, o principal objectivo traçado para esta competição.

Os “Mambas” foram eliminados pela Nigéria

Os nigerianos entraram assustadores e aos três minutos “destaparam” os problemas defensivos da selecção nacional, sobretudo de marcação. Salami, isolado, não conseguiu ultrapassar o guarda-redes Soarito que teve de abandonar a grande área para impedir um golo certo.

Porque “quem não marca arrisca a sofrer”, no minuto 10, o central moçambicano, Dário Khan, pouco depois do grande círculo, desferiu um forte remate para o fundo das malhas de Agbim. Um espectacular golo para ser revisto.

Porém, a felicidade de João Chissano durou poucos segundos. É que Ede empatou para os nigerianos e, dois minutos mais tarde, Ali, mercê de um erro monumental de Chico, colocou a sua equipa em vantagem.

Os “Mambas” não cruzaram os braços e correram atrás do resultado. Mário, no primeiro quarto de hora, recebeu a bola dos pés de Diogo mas viu o seu “tiro” ser defendido por Agbim.

Quem não falhou foi Diogo Alberto que, isolado por Maninho e com o guarda-mão nigeriano estatelado no chão, teve a baliza totalmente escancarada para colocar o marcador novamente empatado. O extremo do Ferroviário de Maputo marcava o seu segundo golo na competição, o mesmo número de tentos de Moçambique na partida.

No minuto 53, o árbitro do encontro entendeu que o capitão da equipa cortou o esférico com o braço, no interior da grande área e, por isso, apontou para a marca de grande penalidade. Um erro tremendo pois, segundo as imagens, Dário Khan travou o esférico com a cabeça e, sempre com as mãos coladas ao corpo, usou o joelho para colocá-lo longe da zona de perigo.

Ali, chamado a cobrar, marcou o seu segundo golo e colocou a Nigéria novamente na dianteira.

Passados 19 minutos deste “fatídico” acontecimento, Miro foi protagonista de um corte surpreendente em cima da linha de golo e, tempo depois, Soarito defendeu um remate de Salami. Já perto do fim, Dário Khan perdeu uma oportunidade soberana para empatar o jogo ao falhar no desvio da boln sequência dum violento cruzamento de Miro.

Antes dos noventa minutos, o estreante Imenger, que acabava de substituir Salami, apontou o quarto golo da Nigéria e encerrou as contas da partida em 4 a 2. Com este resultado, a selecção nacional de Moçambique despediu-se prematuramente do CHAN, a uma jornada do término da fase de grupos.

Uma ronda sem muitas
surpresas

Ainda no grupo de Moçambique, a África do Sul empatou diante do Mali a um golo, numa partida também marcada por uma polémica arbitragem. Decorrido o minuto 23, o árbitro entendeu que Konate cometeu uma falta dentro da grande área sobre Mbatha, apesar de as imagens televisivas provarem que foi fora. Parker foi quem converteu o castigo máximo.

Nove minutos após o reatamento, a injustiçada selecção do Mali empatou por intermédio de Ibourahima Sidibe, um resultado com que terminou a partida.

No próximo domingo (19), os “Bafana-Bafana” defrontam a Nigéria no jogo decisivo que vai apurar uma das selecções, ou as duas dependendo do resultado entre Moçambique e os malianos.

No grupo B, o Zimbabwe empatou sem abertura de contagem diante da selecção de Marrocos e os ugandeses surpreenderam a selecção de Burkina Faso, vencendo por 2 a 1. No grupo C, os conjuntos de Gana e de Marrocos foram vitoriosos nos embates diante do Congo-Brazavile e da Etiópia, respectivamente.

A República Democrática de Congo, que venceu uma edição desta competição, derrotou a Mauritânia, por 1 a 0, e beneficiou do empate entre o Gabão e o Burundi para começar a pensar nos quartos-de-final.

Resultados até quarta-feira (15):					
Grupo A					
África do Sul	3	x	1	Moçambique	
Mali	2	x	1	Nigéria	
África do Sul	1	x	1	Mali	
Nigéria	4	x	2	Moçambique	

Grupo B				
Zimbabwe	0	x	0	Marrocos
Uganda	2	x	1	Burkina Faso

Grupo C				
Gana	1	x	0	Congo-Brazavile
Líbia	2	x	0	Etiópia

Grupo D				
RD Congo	1	x	0	Mauritânia
Gabão	0	x	0	Burundi

CAPAZES

A paz é possível e é uma verdade que todos querem.

A verdade em cada palavra.

© Jornal mais lido em Moçambique.

Desporto

Equipas de Quelimane e Nampula abrem oficinas a meio gás

As equipas que vão representar as províncias da Zambézia e Nampula no Moçambola, edição de 2014, nomeadamente os Ferroviários de Quelimane e de Nampula e o Desportivo de Nacala, abriram as suas oficinas a meio gás. Sem contratações de vulto e com a promessa de apresentarem os seus respectivos plantéis nos próximos dias, os clubes definiram como objectivo a manutenção no Campeonato Nacional de Futebol.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

À semelhança das equipas de Nampula, nomeadamente o Ferroviário de Nampula e Desportivo de Nacala, que conseguiram assegurar a sua manutenção na prova máxima do desporto-rei no país, vulgo Moçambola, o Ferroviário de Quelimane, equipa que ascendeu este ano a esta competição, abriu as suas portas nesta terça-feira (14), sem contratações de vulto. Sem muitas surpresas, o comando técnico estará a cargo de Nacir Armando, que tem a dura missão de assegurar a manutenção dos “locomotivas” de Quelimane.

Diante de uma moldura humana, Armando não avançou muitas promessas em termos de novas contratações, afirmando apenas que vai trabalhar com as novas descobertas que acredita que poderão trazer surpresas, mercê do trabalho árduo que vai impor nas próximas sessões de treino. Disse ainda que, numa primeira fase, vai trabalhar com o actual elenco e irá procurar compor um plantel constituído por jovens provenientes dos escalões de formação e das equipas locais.

O novo treinador dos “locomotivas” de Quelimane não descarta a possibilidade de recorrer à contratação de atletas de outras províncias do país, com vista a responder às exigências impostas pela direcção desta colectividade.

De acordo com Nacir Armando, pretende-se consti-



tuir uma equipa jovem, robusta e com capacidade técnica para enfrentar em igualdade de circunstâncias os clubes considerados colossos do futebol nacional.

Os próximos cinco dias de trabalho de observação dos actuais atletas serão o tempo necessário para o técnico decidir sobre a contratação de novos jogadores. No primeiro dia de treino, a equipa contou com a presença de 26 jogadores (dos quais 13 novos integrantes), nomeadamente Bangane e Michel (guarda-redes), Julinho, César, Manuel e Chabura (defesas), Agostinho, Chabar e Anifo (médios), e Jerry, Zinho, e Juninho (avançados).

Dos que estão a tentar a sorte destaca-se Vidal, ex-Sporting de Quelimane, Nhane, ex-Sporting da Beira, Ndikuna Tanzaniano, Abdala, ex- 1º Maio de Quelimane, Weia e Nabula, ex-Palmeiras de Quelimane, Everson Malawiano, Rodrigues e Ricardo, ex-FC de Angónia, Tony, Fraiday, Tobias e Zeca, ex-Sporting de Quelimane.

Já o Ferroviário de Nampula abriu as suas oficinas mais cedo em relação a outros clubes, com vista à presente temporada futebolística. Os “locomotivas” de Nampula, além de lutarem pela conquista do título, têm também como objectivo principal vencer a Taça de Moçambique.

As sessões de treino do Ferroviário de Nampula decorrem no campo da Texmoque, no bairro de Napipine. O plantel de Rogério Gonçalves conta com 13 novos jogadores, que na época passada representaram diversas equipas que militam no Moçambola.

Refira-se que, neste momento, os trabalhos estão sob o comando do técnico-adjunto, Saibo Ussene, devido à ausência do treinador principal.

Ussene, sem avançar nomes dos atletas e dos respectivos clubes de proveniência, referiu que há ainda reforços a caminho, que se juntarão ao grupo de trabalho nos próximos dias.

Desportivo de Nacala promete conquistar os primeiros cinco lugares

Por seu turno, o Desportivo de Nacala, que abrirá as suas oficinas na próxima segunda-feira (20), tem como meta a conquista dos primeiros cinco lugares da tabela classificativa, depois da experiência acumulada na edição passada do Moçambola.

Os “canarinhos”, que já contam com os préstimos de Akil Marcelino, que terá como adjunto Lucas António, são cautelosos em avançar para novas contratações, com vista a colmatar as lacunas deixadas por Coutinho e Daúdo, atletas que na época passada contribuíram de forma significativa para o sucesso desta formação.

Mahomed Munir, presidente do Desportivo de Nacala, confirmou a renovação de contrato com Gito, Mboma, Essien, Joa, o guarda-redes Romeu, e Osvaldo. Da lista dos recém-contratados, destacam-se David, o guarda-redes que na época passada representou o Ferroviário de Nampula, Laiton, ex-Palmeiras de Quelimane, Zinho, Wassian, ex-Benfica de Monapo e Charlito, ex-Ferroviário de Nacala. Nesta sexta-feira, esperam-se ainda novos reforços.

Os “canarinhos” pretendem conquistar o campeonato e, para tal, estão a trabalhar com vista a alcançar este objectivo, já que os seus jogos serão realizados no seu próprio reduto, onde a palavra de ordem é “Não à derrota”. Munir acrescentou que o clube está a negociar mais patrocínios para a presente época futebolística. Além da empresa Electricidade de Moçambique (EDM) e o município local, são apontados como prováveis patrocinadoras instituições como Hotel AFRIN, Oásis de Nampula, BCI e Standard Bank.

Na presente edição do Moçambola, estas colectividades prometem fazer correr muita tinta. E uma das vantagens que as encoraja é o facto de poderem realizar jogos nos seus próprios redutos.

Lê @Verdade mesmo quando estiveres de férias www.verdade.co.mz

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2A8BBEFA

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornaVerdade

A verdade em cada palavra.

Desporto

Ronaldo vence segunda Bola de Ouro e Pelé tem a sua primeira Bola de Ouro

O português Cristiano Ronaldo, atacante de 28 anos do Real Madrid, foi eleito o melhor jogador de 2013 e recebeu a Bola de Ouro pela segunda vez na sua carreira numa gala da FIFA, que decorreu nesta segunda-feira (13) em Zurique, na Suíça, onde o rei Pelé recebeu a sua primeira Bola de Ouro.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

Segundo o director da revista France Football (responsável pela criação do prémio em 1956), François Mori-nière, a entrega do troféu ao brasileiro é para “consertar uma injustiça” pois a Bola de Ouro foi criada pela France Football para eleger o melhor jogador da Europa. Assim, Pelé nunca pôde concorrer ao troféu, pois actuou em toda a sua carreira profissional no Santos (com uma pequena passagem pelo NY Cosmos, dos Estados Unidos, após ter pendurado as chuteiras no Brasil). Apenas em 1991, a FIFA passou a eleger o melhor jogador do mundo. O rei foi aplaudido de pé e chorou ao receber a Bola de Ouro no palco em Zurique.

O melhor do mundo

O melhor jogador do mundo, que subiu ao palco na companhia do seu filho, chorou e fez um discurso emocionado após ganhar o troféu. Cristiano Ronaldo obteve o título com 1.365 pontos, à frente de Messi, com 1.205, e Franck Ribéry, com 1.127. Os votos são depositados pelos capitães e treinadores das 209 selecções nacionais – embora a FIFA tenha informado que somente 184 delas tomaram parte na pesquisa, mais 173 representantes dos media seleccionados.

“Conquistar a minha segunda Bola de Ouro era a minha maior ambição”, reconheceu Cristiano Ronaldo que fez questão de mencionar os companheiros do Real Madrid e da selecção. “Sem colectividade não há prémios individuais. Agradeço também aos meus treinadores no clube e na selecção por terem confiado em mim”.



Antes de se despedir, Cristiano Ronaldo admitiu que estar a viver “um momento de grande alegria pessoal” e destacou o facto de ter recebido o troféu das mãos de Michel Platini e Pelé.

Planos para 2014

“Tentarei dar o meu melhor, como sempre, e espero voltar no ano que vem para ganhar a terceira Bola de Ouro da minha carreira. É isso que vou fazer”, concluiu o português que foi considerado o Jogador do Ano pela FIFA em 2008, antes de Messi começar a sua sucessão de quatro premiações.

Ibra, Jupp, Silvia e Nadine e os onze melhores

O goloço do ano, na verdade marcado em 2012, depois de a lista da FIFA ser fechada, ficou com Zlatan Ibrahimovic. Com uma mistura de lances

semelhantes ao voleibol e golpe de artes marciais sobre a Inglaterra, o sueco venceu a disputa com o sérvio Nemanja Matic, do Benfica, e Neymar.

Entre os treinadores, a Alemanha destacou-se. Jupp Heynckes, antigo técnico do Bayern de Munique, e Silvia Neida, técnica da selecção, ganharam nas suas respectivas categorias.

A melhor jogadora do mundo também é alemã: a guarda-redes Nadine Angerer, do Brisbane Roar, que deixou a brasileira Marta e a americana Abby Wambach para trás.

O prémio presidencial da FIFA foi atribuído ao belga Jacques Rogge, que até há poucos meses era o presidente do Comité Olímpico Internacional.

A equipa ideal do ano 2013, da FIFA, tem os seguintes onze eleitos: o guarda-redes Manuel Neuer (Bayern de Munique); os defesas Philipp Lahm (Bayern de Munique), Sergio Ramos (Real Madrid), Thiago Silva (Paris Saint-Germain) e Daniel Alves (Barcelona); os médios são Andrés Iniesta (Barcelona), Xavi (Barcelona), Franck Ribéry (Bayern de Munique); e os avançados eleitos foram Cristiano Ronaldo (Real Madrid), Lionel Messi (Barcelona) e Zlatan Ibrahimovic (Paris Saint-Germain).

La Liga: Empate nervoso entre Barça e Atlético

Com campanhas invejáveis até o momento no Campeonato Espanhol de Futebol, Barcelona e Atlético de Madri entraram em campo neste sábado para definir o simbólico título da primeira volta. A expectativa era de um jogo aberto, mas a importância do confronto criou um cenário diferente. Numa partida muito tensa, que teve Neymar e Lionel Messi a entrarem apenas no segundo tempo, os dois líderes da competição nacional não passaram de um empate, a 0, no Vicente Calderón.

Texto & Foto: FIFA

O resultado garantiu o ‘título’ ao Barcelona, que termina a primeira volta com 50 pontos. O Atlético de Madri tem a mesma pontuação, mas fica logo atrás devido a um saldo inferior. E, curiosamente, quem de facto comemorou o resultado foi o Real Madrid que venceu o Espanyol pela marca mínima e reduziu para apenas três pontos a desvantagem em relação aos rivais.

Incentivado pela pressão dos adeptos, que lotaram o Vicente Calderón no passado sábado (11), o Atlético de Madri começou a partida com muito mais intensidade que o Barcelona. Da mesma forma que nos confrontos da Supercopa da Espanha, no início da temporada, quando conseguiram dois empates e por pouco não terminaram com o título, os colchoneros adiantaram a marcação no campo de ataque e não demoraram a assustar.

Sem conseguirem sair para o jogo, os visitantes – que tiveram um ataque formado por Alexis Sanchez, Pedro e Fàbregas quase sofreram o golo logo aos quatro minutos de jogo. O médio turco Arda Turan fez uma linda jogada pela direita, deixou Jordi Alba para trás, invadiu a área e bateu rasteiro para o meio. A bola



tabelou na defesa e Piqué apareceu a cortar de cabeça.

Na jogada seguinte, o Atlético de Madri voltou a assustar. Responsável por incomodar a defesa catalã ao longo do jogo, o atacante Diego Costa recebeu a bola na linha da grande área, dominou com o peito e rematou para a baliza. Victor Valdéz mostrou segurança e agarrou salvando o Barcelona.

Aos poucos, o Barcelona recuperou e passou a trabalhar mais a bola no campo de ataque. Diego Costa, no entanto, continuava a incomodar, como na jogada após cobrança de um pontapé de canto, quando Miranda apareceu no primeiro poste e desviou de cabeça para trás. A defesa do Barcelona parou e o atacante completou

de carrinho, com grande perigo.

Já o Barça teve a sua melhor oportunidade na parte final da primeira etapa. Aos 32 minutos, Iniesta ganhou espaço entre a marcação pela esquerda e fez o cruzamento. Pedro antecipou-se aos defesas e atirou por cima do travessão.

Era pouco para o líder, que voltou para o segundo tempo modificado, com Messi no lugar de Iniesta. No entanto, a primeira boa oportunidade foi do Atlético de Madri. Num rápido contra-ataque puxado por Koke, aos 14 minutos, Diego Costa recebeu à entrada da grande área, rematou de primeira, com a perna direita, mas errou a pontaria. A bola passou à esquerda da baliza de Valdez.

Messi, por sua vez, apareceu apenas aos 23

minutos, quando Neymar já estava em campo. O argentino começou a jogada pelo meio, abriu na esquerda com Alba e apareceu na área para desviar de cabeça, com liberdade, mas a bola foi pela linha de fundo. De seguida, Messi desceu abertamente e bateu cruzado, mas a bola parou no guarda-redes Courtois.

Depois de ver o argentino perder o golo, o Atlético de Madri preferiu ser mais cauteloso e resguardou-se na defesa. A falta de espaço impediu que o Barcelona criasse jogadas de perigo no fim, definindo o resultado da partida. Um empate sem golos, bom para o terceiro classificado, o Real Madrid.

Desporto

Liga Portuguesa: O último bis de Eusébio

Tarde de domingo (12) perfeita para as águias com vitória indiscutível sobre o FC Porto, por 2-0, e o primeiro lugar da Liga Portuguesa de futebol. No campo, onze camisas encarnadas e apenas um nome: Eusébio.

Texto: **jornal online** - Foto: **LUSA**

A dúvida acabou mal os guarda-redes entraram para o aquecimento. Oblak era o escolhido para a baliza, deixando Artur no banco. Depois, Jorge Jesus voltou a surpreender. Este não era um meio-campo mais combativo e de luta, com Ruben Amorim, mas para encostar o adversário, com Markovic. E Paulo Fonseca estava enganado: o Benfica jogava mesmo com dois avançados, Rodrigo e Lima, e ainda tinha Gaitán. Artilharia pesada. Só Matic e Enzo para o trabalho de sapa. Com o Porto da época passada, teria passado um mau bocado. Desta vez o efeito foi mesmo o pretendido pelas águias. Dominar o jogo, a bola e vencer.

Do outro lado não havia surpresas, Fonseca escalou o seu onze base desta época. As novidades para agitar o jogo, caso fosse necessário, estavam no banco: Quaresma e Kelvin.

Carlos Eduardo não se conseguia soltar devido à influência de Matic e teve de procurar outros terrenos para receber a bola. Com isto o jogo dos dragões tornou-se demasiado previsível e o domínio do Benfica era natural. Depois apareceu Markovic. Velocidade estonteante com a bola nos pés, em direcção à baliza adversária (a fazer lembrar o jogo em Alvalade) e técnica refinada; o sérvio oferece o golo a Rodrigo que fuzila Helton e acorda o inferno da Luz. O ambiente aquecia mas no relvado as coisas esfriavam. O Porto começa a ter mais bola mas não incomoda Oblak enquanto o Benfica baixa a intensidade; só nas compensações surge uma ocasião de golo que Jackson falha na pequena área.

Muito intenso

Os segundos 45 minutos tiveram tudo o que se espera de um clássico: emoção a rodos, intensidade, golo(s) e polémica. Markovic (grande jogo, certinho a defender e letal no ataque) esteve perto do 2-0. Helton defende mas o golo do Benfica chegaria quase de seguida. Antes, começara o festival do disparates com o protagonista principal Artur Soares Dias (ASD). Mangala defende com a mão um cabeceamento de Matic (Jesus imita Paulo Bento e diz que assim é um "lance de andebol"), o árbitro não vê.



Grande penalidade por marcar e expulsão perdoada ao central portista. A bola sai e o canto traz a vendetta encarnada. Cabeceamento de raiva de Garay na cara de Mangala e de Helton. Mais um golo, que leva a Luz ao êxtase.

O FC Porto, que já tinha passado um mau bocado em Alvalade para a Taça da Liga, estava a sofrer ainda mais em Lisboa. Fonseca nem hesitou e chama Quaresma. Um trunfo que poderia fazer renascer a alma da equipa. Danilo e Alex Sandro não apareciam, Varela e Licá idem, só Fernando destoava com uma exibição magnífica. Numa das primeiras vezes que o 7 portista toca na bola, sai uma trivela fantástica que isola Jackson. Mas Soares Dias prefere marcar uma

falta sobre Quaresma. Péssima decisão. Damilo vê o amarelo por protestos.

Por esta altura o ambiente escaldava, parecia finalmente um clássico. Rodrigo falha o 3-0 na cara de Helton aos 61 minutos e aos 74' Garay encosta em Danilo na grande área. O lateral portista cai, o lance é duvidoso mas só havia duas decisões possíveis: marcar penálti ou deixar seguir. Mas há a terceira via, daqueles que não têm dúvidas e raramente se enganam. Como ASD. Mostra o segundo amarelo e expulsa Danilo. Se o Porto nunca demonstrou argumentos para discutir o jogo, a partir daqui seria quase impossível. Já perto do final, Mangala impede Enzo de se isolar com um excelente corte. ASD apita e

marca... livre? Não. Bola ao solo.

Além de Rodrigo e Markovic, merecem destaque Matic – o seu jogo de despedida? – e Oblak. Teve pouco trabalho mas mostrou-se muito sereno. O Benfica não sofre golos há 419 minutos, 385 com o esloveno na baliza. O Porto fica a três pontos da liderança mas Fonseca terá pressão acrescida; há muito que não se via os dragões serem dominados pelos rivais lisboetas de forma tão contundente. E os 12 pontos perdidos na primeira volta igualam o total de Vítor Pereira em toda a temporada passada. Para já é JJ quem sorri. Mas é preciso não esquecer que a Liga termina com um Porto-Benfica. Emoção garantida até final.

Premier League: Arsenal vence fora e retoma liderança

Pressionado após a vitória de seus principais concorrentes pelo título do campeonato inglês de futebol, o Arsenal visitou o Aston Villa nesta segunda-feira (13) e conseguiu mostrar, mais uma vez, que deve disputar a liderança da competição nacional até o fim. Os Gunners derrotaram os donos da casa, por 2 a 1, no Villa Park, e retomaram o topo da tabela de classificação.

Texto & Foto: **FIFA**

Sem dar margem para uma possível surpresa, a equipa londrina decidiu o confronto ainda no primeiro tempo. O Arsenal aproveitou dois minutos de desatenção dos anfitriões para obter dois golos de vantagem e depois administrar o resultado. Aos 34, Jack Wilshere abriu o marcador. A seguir a este lance, serviu o francês Olivier Giroud, que registou os números finais ao jogo.



Já na segunda etapa, com o incentivo dos seus adeptos, o Aston Villa ensaiou uma reacção e chegou a reduzir. Aos 31 minutos, Lowton fez o cruzamento para a área, a defesa do Arsenal não afastou e Benteke atirou de cabeça fazendo o primeiro da equipa de Birmingham. O golo, no entanto, não foi suficiente para evitar a vitória dos visitantes.

A única partida desta segunda-feira fechou a 21ª jornada do cam-

peonato inglês, confirmando o bom momento vivido pelo Arsenal. Com o triunfo sobre o Aston Villa, o clube londrino chegou aos 48 pontos, mais um do que o segundo classificado, o Manchester City, que venceu o Newcastle neste domingo. Na terceira posição, com 47, o Chelsea também garantiu um resultado positivo sobre o Hull City no fim-de-semana.

Na próxima jornada, entre os três principais concorrentes ao título, o Chelsea, apesar de jogar em casa, tem o confronto mais complicado. Os Blues recebem o poderoso Manchester United em Stamford Bridge. O Arsenal, por sua vez, faz o duelo londrino com o Fulham, enquanto o Manchester City enfrenta o Cardiff.

Lê @Verdade mesmo quando estiveres de férias www.verdade.co.mz

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2A8BBEFA

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade

VERDADE

A verdade em cada palavra.

Ouro para os trovadores da música moçambicana

Dois anos depois do incêndio que deflagrou nos seus estabelecimentos, consumindo parte essencial do seu espólio discográfico, a editora Vidisco Moçambique reapareceu, nos finais de 2013, com um produto artístico “novo”. É uma Colecção de Ouro da música moçambicana que reúne 32 obras de igual número de músicos de todo o país.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Nos finais do ano passado, 2013, dois anos depois de nos meados de 2011, os estabelecimentos onde funciona a discográfica Vidisco Moçambique serem atingidos por um incêndio que consumiu parte importante do seu espólio, eis que a organização reapareceu no mercado musical com um produto “novo”. Entretanto, associadas ao feito, para este ano serão realizadas inúmeras actividades – a partir do Festival da Colecção de Ouro da Música Moçambicana.

“A obra tem várias interpretações. Nela existe a música moçambicana produzida por artistas de várias épocas. Cada um com uma linha melódica e de composição diferente. Mas complementam-se. Estamos a falar de artistas que cantam desde 1950. No primeiro volume da Colecção de Ouro, o ouvinte pode visitar as diferentes etapas da nossa música”, refere a conceituada intérprete moçambicana Elvira Viegas que – participando com a composição Lirere – nos apela a praticar a “piedade e amor ao próximo”, como explica o jornalista e escritor Samuel Matusse.

O facto de a nossa matéria qualificar os artistas envolvidos – Fanny Mpfumo, Manecas Tomé, Eusébio Faustino, Wazimbo, Xidiminguana, Helena Nhantumbo, Madala, Dillon Djindji, Ali Faque para citar alguns – como sendo trovadores da canção moçambicana, deve-se ao facto de, na sua maioria, as suas obras transparecerem uma lírica bem concebida.

Embora com diferentes nuances, prevalece na obra uma grande preocupação em relação ao debate sobre o amor. Para os cidadãos mais nostálgicos e conservadores, esta Colecção de Ouro preenche alguma lacuna, na medida em que possui algumas obras que apesar de terem sido bem-sucedidas – e marcado gerações numa determinada época – nunca antes tinham sido registadas num material discográfico.

O pessoal ligado à editora Vidisco Moçambique acredita que esta obra também cumpre uma função de divulgação da nossa cultura. Por isso, “esperamos que, com esta obra, a nível internacional também tenhamos um disco que nos identifique”.

Objectivos associados

Além da Vidisco Moçambique que, para a produção desta obra se posiciona como a equipa executiva, associaram-se duas empresas moçambicanas nomeadamente, a Moçambique Celular, uma operadora de telefonia móvel, e a instituição bancária BCI.

Segundo o director da Vidisco Moçambique, está a associada à Colecção de Ouro a realização de um festival de música com o mesmo nome a ter lugar nos meados do ano que, numa primeira fase, acontecerá concomitantemente com as festividades da independência nacional.

Porque parte dos familiares dos artistas envolvidos na obra, sobretudo os já falecidos, experimenta carências sociais a vários níveis, uma percentagem – não especifi-



ficada – do dinheiro da venda dos discos ou que possa ser gerada em qualquer actividade afim em volta da obra será revertida a favor dos familiares dos músicos.

Reagindo em relação à componente social de que o projecto Colecção de Ouro consta, a cantora Elvira Viegas afirmou que se congratula “com o facto de a Vidisco Moçambique ter decidido investir parte dos rendimentos da venda deste disco a favor dos familiares dos artistas envolvidos. Sabemos que a maioria dos músicos moçambicanos não tem fontes alternativas de subsistência além do trabalho artístico. Em resultado disso, os seus familiares experimentam necessidades diversas”.

Num outro desenvolvimento, Viegas, que conhece bem a situação, explicou que “isso significa que se, por diversos motivos, o artista não pode sustentar os seus familiares, logo, as suas crianças passam a enfrentar dificuldades a partir da necessidade de estudarem”.

Neste sentido, além do belo, do lúdico, da diversão e entretenimento, da reflexão que as músicas que compõem este primeiro volume – o segundo será lançado neste ano – desta Colecção de Ouro, cuja beleza é irrefutável, há algo sublime: “A obra é bonita, tem um bom aspecto, mas, no fundo, a sua missão – no âmbito desta iniciativa – só ficará completa se todas as pessoas que nela se envolvem tirarem algum benefício da mesma”.

Participação de jovens

Refira-se que para a selecção dos artistas que fazem parte da obra buscou-se, primeiro, os músicos moçambicanos considerados os maiores sucessos de todos os tempos.

Para o efeito, “contámos com o apoio da Rádio Moçambique na pessoa do seu director. Por essa razão, a maior parte das músicas que constam do álbum ganharam os Prémios do Ngoma Moçambique, um programa que durante muitos anos contribuiu para a divulgação das melhores músicas do país”.

“A obra é bonita, tem um bom aspecto, mas, no fundo, a sua missão – no âmbito desta iniciativa – só ficará completa se todas as pessoas que nela se envolvem tirarem algum benefício da mesma”

Portanto, “essas são as músicas que – durante os anos que passaram – foram recolhidas pelo povo moçambicano, com a ajuda de um júri, como as melhores”.

Numa fase inicial, foi reunido um universo de 200 músicas, das quais foram-se eliminando algumas até que se ficou com apenas as 32 que compõem os dois discos.

A localização geográfica – ou a origem dos artistas – foi um dos factores que

se teve em conta para que se produzisse uma representatividade equilibrada de todo o país. É que a filosofia deste projecto apregoa que para que uma obra seja considerada Colecção de Ouro de música moçambicana é importante que ela transpareça o sentido da unidade nacional de que, politicamente, se fala. “Isto significa compreender que da mesma forma que existiram sucessos no sul do país – que é o que mais se considera por estarmos aqui – também houve obras bem-sucedidas no centro e norte de Moçambique que alegraram todos os moçambicanos”.

Além dos artistas mais experimentados e com longos anos de carreira, estão incluídas no primeiro volume da Colecção do Ouro obras de artistas jovens e com poucos anos de percurso. Tais são os exemplos de Sizaquel Matlombe, Gabriela, Kaliza e a banda Garimpeiros.

Este pormenor não foi acautelado por acaso. Há três objectivos a ele associados, como afirmou o dirigente da Vidisco Moçambique: “Com esta obra nós temos a intenção de minimizar a discussão que existe entre os artistas mais velhos e mais novos. Por isso, envolvemo-los no mesmo espaço. Queremos que todos os jovens possam interpretar as músicas de todos os músicos que já não existem. Por exemplo, eu sei que Valdemiro José tem no seu trabalho discográfico a música Xiripo de Madala, que já faleceu”.

Além do mais, para o futuro, “eu acredito que a Colecção de Ouro – como uma obra discográfica – pode fazer com que os artistas mais novos tenham motivação para criar trabalhos com excelente qualidade para que as suas criações sejam incluídas num dos seus volumes”.

Mecenas menos firme

Ao perceber importância na ideia de se realizar o festival Colecção de Ouro, e reconhecendo o papel determinante que as empresas jogam para a materialização de eventos culturais, perguntámos ao representante da Moçambique Celular – a empresa patrocinadora da produção – se se podia ter a segurança de que, no campo do apoio empresarial, o evento é um dado adquirido. O problema é que sentimos pouca firmeza no posicionamento do representante da organização.

De qualquer modo, o estimado leitor pode fazer a sua leitura nesse comentário: “Não me vou comprometer em nome da Mcel. O que posso dizer é que se trata de uma empresa orgulhosamente moçambicana. A Colecção de Ouro da música moçambicana é um produto genuíno e de qualidade. Por isso, nos próximos tempos nós teremos de negociar com a Vidisco Moçambique para avaliar as possibilidades de associar a nossa marca e imagem ao interesse de materializar o festival”.

Quando os reclusos se regeneraram

Há pessoas que reprimem vocações e outras assumem-nas. Os “Anamavenchiwa”, um conjunto artístico constituído por 24 reclusos da Penitenciária Industrial de Nampula, pertencem a este último grupo. Por meio do teatro e da dança, os prisioneiros não só demonstram a sua inclinação para as artes cénicas, mas também que a sua regeneração é possível. A iniciativa, na verdade, é de uma organização não governamental italiana denominada “Progettomondo.mlal”.

Texto & Foto: **Sebastião Paulino**

Criados em 2007, os Anamavenchiwa, que na língua local significa “os levantados”, são um grupo artístico constituído por reclusos condenados a penas que variam entre os 8 e os 19 anos de prisão. Começaram como um conjunto de dança e, hoje, integram o teatro e a poesia. Quando surgiram, eram formados por apenas 10 reclusos seleccionados pelo projecto de regeneração encabeçado pela “Progettomondo.mlal”. Presentemente, são compostos por 24 indivíduos.

Os reclusos que formam os Anamavenchiwa são os que têm vindo a apresentar um bom comportamento na vida em reclusão. Inicialmente, os ensaios eram dirigidos pelos professores da Casa Provincial de Cultura de Nampula e realizados no pátio da penitenciária todos os sábados, mas presentemente os presos fazem-no por conta própria.

Desde a sua criação, o conjunto participou em vários festivais culturais, com destaque para o Tambolane Tambolane em Pemba, o Festival Cultural da Beira, os Jogos Tradicionais em Lichinga e na Ilha de Moçambique e O Festival Regional de Teatro realizado no distrito de Lago.

Em quase todos os festivais que o grupo fez apresentações ocupou o primeiro lugar, facto que motiva a direcção daquela instituição prisional a seleccionar, todos os anos, jovens reclusos com o fim de integrarem o conjunto. Zito Momas, recluso e integrante do grupo Anamavenchiwa, é um dos fundadores da colectividade. Ele afirma que com o aparecimento da “Progettomondo.mlal” a Penitenciária Industrial de Nampula deixou de ser um mundo à parte. “Hoje, temos ocupação e os dias passam depressa, pois temos algo que ocupa a nossa mente”, afirma.

Fazer parte dos “Anamavenchiwa” não tem sido fácil. A selecção é feita pelos guardas prisionais. Os artistas escolhidos para actuar fora da unidade prisional são submetidos, durante a semana, a testes com vista a medir a propensão à fuga. Por exemplo, são colocados em liberdade durante o período de dia para circular pela cidade e, ao entardecer, regressam às celas.

Além das danças tradicionais, os Anamavenchiwa dedicam-se igualmente à música ligeira. Nesta área contam actualmente com dois álbuns no mercado. O primeiro trabalho discográfico foi lançado em 2009 e intitula-se “Maravilhas nas barras da prisão”. Esta obra contém 10 faixas musicais, cantadas em língua local, o Emacua.

Nesta obra, segundo Zito Momas, pretendia-se sensibilizar os prisioneiros sobre as males que têm cometido contra a sociedade. “Sabemos que nem todos os que cá estão cometeram algo errado, mas existem outros que roubaram, mataram, violaram e cometeram outros tipos de atrocidades. Queríamos nós, através desse álbum, sensibilizar a todos de maneira que a não voltem a cometer os mesmos erros”, disse Momas.

Na verdade, a principal mensagem neste primeiro trabalho discográfico dos Anamavenchiwa é o choro de arrependimento dos reclusos. O segundo álbum foi lançado em 2012 com o título “Amalapo” que em português significa “Desconhecidos”. Este trabalho artístico contém também 10 faixas e grande parte é interpretada na língua local.



Os artistas pretendem com este trabalho transmitir mensagens de convívio entre as pessoas de culturas diferentes dentro das celas. “Dentro da cadeia é necessário que haja respeito entre nós porque todos somos seres humanos. Agora já não se bate num indivíduo quando entra na cela como acontecia no passado. Nós, através das nossas músicas, estamos a sensibilizar os reclusos para que não tenham uma má atitude”, afirmou Momas.

Emílio Francisco, condenado a 16 anos de prisão, afirmou que a sua integração naquele grupo artístico foi a melhor opção da sua vida, facto que se deu em 2006. Ele diz que, através do agrupamento, consegue distrair-se e, a cada dia, sente a sua pena menos dura, uma vez que tem a liberdade de circular fora daquele estabelecimento prisional.

Das várias faixas musicais que o grupo gravou até ao momento, a maior parte delas difunde mensagens de reconciliação e de esperança de um dia voltar ao convívio familiar. “Todos temos a esperança de um dia voltarmos à casa e levarmos uma vida normal”, disse Francisco.

Nas manifestações artísticas tradicionais, o grupo dedica-se às danças Insiripuithi, Mapico e à Marrabenta. Segundo Francisco, os instrumentos destas danças são fabricados localmente pelos próprios reclusos.

Sonhos

A maior parte dos reclusos da Penitenciária Industrial de Nampula tem sonhos a realizar. A título de exemplo, Emílio Francisco, que se dedica à danças tradicionais, referiu que, quando cumprir a sua pena, vai continuar com a actividade na sua comunidade, como forma de preservar a cultura moçambicana.

Zito Momas, vocalista dos “Anamavenchiwa”, também tem o sonho de dar continuidade à actividade artística. Durante os fins-de-semana, ele tem trabalhado com alguns produtores de música da cidade de Nampula, que têm ajudado na produção das suas composições. Momas disse que, depois de cumprir a sua pena, pretende lançar o seu primeiro álbum a solo. Neste momento, conta com 14 músicas gravadas, das quais 12 vão compor o seu trabalho discográfico. Nas suas músicas, transmite mensagens sobre os problemas que apoquentam o quotidiano da sociedade.

O director da Penitenciária Industrial de Nampula, Chico Alberto Quembo, afirmou que, ao submeter-se os reclusos àquelas actividades, pretende-se que os mesmos não sejam rejeitados pela sociedade por falta de conhecimentos. “Ocupando o recluso em algumas actividades, temos a plena certeza de que depois da sua soltura deixarão de cometer crimes e passarão a dedicar-se às artes”.



KERYGMA

Cremildo Bahule
cremildo.bahule@gmail.com

Stewart Sukuma, um autógrafo e uma cizânia

Normalmente, há fases da vida em que já não vivemos para nós. Por causa dos nossos actos e das nossas certezas chegamos a latitudes que menos esperamos. Em alguns momentos, boas. Noutros, más. Como dizia Carlos Cardoso: «Não é preciso ser famoso / nem grande sabichão / com um pouco de esforço / cada bicho ultrapassa a sua própria condição». Stewart Sukuma, com esforço, coragem e algumas gandaías, conseguiu ultrapassar a sua condição e agora está numa latitude em que é uma das «figuras» da música moçambicana. De Cuamba caminhou para reluzir e fazer parte desse grande arco-íris que é a arte de cantar. (Não há espaço aqui para falar da sua qualidade musical, pois o objecto do artigo é outro: o autógrafo de cizânia).

Há dias, Sukuma colocou um comunicado na sua página oficial do facebook pedindo desculpas por não ter consentido dar um autógrafo e tirar uma foto com uma menina, de 12 anos de idade, de nome Dalessa. Para justificar a sua atitude disse: «recusei-me a fazê-lo achando que poderia, com isso, arrastar mais pessoas para o local onde estava, algo que naquele momento não me agradava». Por causa desta postura, críticas ofensivas, maioritariamente, caíram para cima de Sukuma. De todas as apreciações que incidiram sobre si a que mais gritou foi: «Sukuma é embaixador de boa vontade do UNICEF para ajudar as crianças, então ele deve fazer esse papel onde estiver e não devia rostar a pequena Dalessa por causa da sua presunção». Por sentir o peso da condenação, o músico pediu desculpas aos seus fãs e reiterou que o seu acto de responsabilidade social continuará mais forte no apoio à criança desfavorecida em Moçambique e no mundo. E para restituir a alegria da menina Dalessa, Sukuma prontificou-se a fazer um espectáculo em Chókwè em homenagem à menor e tirar uma foto especial com ela.

Sukuma errou, é um facto. Acredito que há várias maneiras de contornar essa situação. Pedir desculpas é uma atitude louvável. Emocionada, a petiza dirigiu-se ao seu ídolo. Será isto uma falta de respeito, visto que Sukuma estava no seu momento de lazer, ou «as crianças de hoje são ousadas e sem apreço em relação aos mais velhos», conforme avançam algumas correntes de opinião? O tio da menina, que aticou este caso queria denegrir a imagem do músico ou estava a defender a menina e a chamar à consciência o músico?

Neste enredo há campos de debate inesgotáveis que se abrem e que nos devem ajudar a reflectir sobre a postura dos nossos músicos perante os seus fãs – o sentido inverso é válido. Quando somos conhecidos e no superlativo da fama, consideram-nos «figuras públicas» (termo baralhado e redundante). Somos obrigados a ser mais altruístas e mais mecânicos nas nossas acções. Já não vivemos a nossa vida como queremos. Vivemos para agradecer aquele que compra o nosso disco, a nossa obra de arte, o nosso livro, que vê as nossas peças teatrais e gosta de ir ao campo de futebol para nos ver a jogar e marcar golos. Ou seja, a notoriedade torna-nos – por meio da música, neste caso concreto – elementos sociais que simulam disposições e linguagens. Se eu sou defensor de animais não devo andar a atropelar cães e gatos na rua. Se assumo que sou vegetariano, as minhas atitudes devem ser coerentes ao meu pronunciamento.

O outro elemento de reflexão é a ideia que nós temos de «celebridade». É preciso que comecemos a usar filtros para purificá-la. Antes de Sukuma ser celebridade é uma pessoa. Como pessoa e ser social precisa dos seus momentos de lazer e tranquilidade. Tem o direito, como qualquer outro cidadão, de ir à praia, de comer a sua mucapata no Dolce Vita ou nas barracas do Museu. Em Moçambique, as nossas celebridades ainda têm a sorte de circular à vontade e sentarem, se quiserem, em cima de um muro e travar uma cavaqueira. Contudo, Beyoncé, Seu Jorge, Sting, Justin Bieber, Sade, por exemplo, não têm esse privilégio porque os seus fãs, nessas sociedades, são amos dos artistas e têm atitudes possessivas. Mas, também, existe o lado avesso e ensurdecador da fama: músicos que andam com o nariz íngreme, com a cara cheia de armaduras de tal sorte que para sorrir é preciso que se utilize o escopro e o martelo. Estes últimos parecem viver num mundo fechado. De castidade. E depois, um dia, revelam-se indecorosos nas suas acções como o que aconteceu com aquele que é «amigo de Zuma».

Termino a minha redacção com duas simples observações. Primeira, para nós os apreciadores, a música é uma profissão como todas as outras. Nessa lógica é necessário respeitar o direito de quem a faz e honrar os seus momentos de privacidade e direito pessoal. Acho que é uma falácia, que povoa o imaginário de muitos de nós empolgados por um músico, ao pensar que ele, por ser notório e estar na voz do povo, deve ser tratado como um divo. Se assumirmos que ser músico é uma profissão, então há profissionais em Moçambique – advogados, economistas, professores, médicos para citar exemplos – com melhor notoriedade e com mais cacau, sim, com mais dinheiro, que muitos músicos que pululam nas nossas televisões (embora não tendo dinheiro para encher o tanque dos carros bonitos que nos mostram no seus vídeos). Segunda, para os músicos, sei que vocês são humanos e precisam da vossa intimidade. Contudo, compreendam logo que pelo vosso ofício não são divindades e ninguém deve elevar-vos a essa categoria ou deve-se ajoelhar, sempre que vos vê, porque as vossas caras estão na televisão a ostentar um brilho que ofusca a realidade do cidadão que luta contra a pobreza absoluta. Estamos conscientes de que não é fácil separar o músico da pessoa que precisa de privacidade.

Ser dois em um ou um em dois é a sina que os músicos carregarão para o resto da vida. Por isso, quanto menos rastos de incómodo e vergonha deixarem com as suas atitudes, nós agradecemos e as crianças (como Dalessa) ficarão felizes.

P.S.: Sukuma, todo o ser humano erra. Louvo-te pelo gesto: pedir desculpas à menina. Espero que no novo ano a tua atitude filantrópica se torne mais frutífera e que contentes as crianças com a tua música e gestos. Aguardo surpresas do teu novo disco para dançar até me embriagar.

Um bailarino com alma guerreira

Na cidade da Matola encontrámos Antoninho Joaquim Mabote, um artista cuja alma “brota” danças tradicionais e modernas que – ao manifestá-las – alegram os que o vêem. Apesar do seu inquestionável talento, a sua relação com a arte não tem sido pacífica. Por isso, para a sua afirmação no sector, muitas batalhas tiveram de ser travadas. O substantivo Antoninho Sotchwa – como mais tarde, carinhosa e popularmente, os seus admiradores o trataram – é sinónimo do seu espírito guerreiro.

Texto & Foto: Redacção

Presentemente, o bailarino de 47 anos de idade é residente do bairro Trevo, algures na cidade da Matola. A sua carreira é uma narrativa que se pode relatar a partir de 1986, quando tinha 19. É nessa época que começa a frequentar as casas nocturnas locais. O seu intuito era fazer amizade com a classe artística, com enfoque para os músicos destacados na época. O conceituado cantor moçambicano Mário Ntimane é um exemplo, mas Sotchwa também apreciava imenso as músicas de Lucky Dube bem como dos Soul Brothers, uma banda sul-africana.

Com um rosto de um homem sofrido, nessa altura, cantando ou dançando, é como se Sotchwa não tivesse conseguido impressionar – para não dizer alegrar – os detentores do poder para apoiar os artistas e a sua produção. Faltou-lhe alguém que o visse como um diamante bruto por lapidar ou simplesmente um talento sobre o qual se devia investir.

Como se pode perceber no seu comentário, as dificuldades da época infringiram-lhe uma sanção punitiva cujo impacto se reflecte nos dias actuais: “Comecei a cantar em 1986. Na altura só tínhamos os estúdios da Rádio Moçambique para gravar as músicas. Por essa razão, e sobretudo devido ao elevado número de cantores, não era fácil aceder ao equipamento da estação emissora. Infelizmente, quando decidi apostar noutras vias a fim de gravar o meu primeiro trabalho discográfico, nenhum patrocinador acolheu favoravelmente a iniciativa”.

Naquele Moçambique do período pós-independência, em que as actividades artísticas e culturais pareciam uma espécie de refúgio, Antoninho não encontrou abrigo na arte.

“No começo da minha carreira tive a oportunidade de ser membro de banda Cossa, um grupo constituído por membros da referida família, que ao se aperceberem do meu desejo e vontade de aprender integraram-me na colectividade. Fiquei com eles durante um ano, mas depois afastei-me e decidi continuar a trabalhar a solo”.

O artista revela que teve imensas dificuldades para se afirmar como cantor. De qualquer modo, se tomarmos em consideração que, nessa época, os companheiros de Antoninho Sotchwa – muitos dos quais tinham o sonho de se tornarem músicos – acabaram por desistir, podemos assumir que ele é um exemplo de persistência.

“Muitos artistas tinham-me dito que a estrada da arte era longa e difícil de percorrer. Ao mesmo tempo, eu havia descoberto que Lucky Dube – um dos músicos sul-africanos que admiro – também tinha experimentado imensos obstáculos antes de se posicionar como um astro”, refere Sotchwa que explica a fonte da sua persistência na carreira.

Há muito desassossego nas suas músicas que se percebe não somente a partir dos ritmos, como também das mensagens que o artista emite. Estamos diante de um crítico social. Como tal, questões relacionadas com a discórdia, a exclusão social e outros problemas que se registam no seio da sociedade moçambicana são as mais abordadas nas suas composições.

Atento e receoso em relação aos problemas enfrentados pela classe artística no/do seu país, Sotchwa não perde



a esperança e considera que é preciso lutar continuamente para se ser bem-sucedido.

O pseudónimo Sotchwa

“Não há conquista sem batalha e não há batalha sem guerreiros”, afirma Antoninho Sotchwa, o homem que sentiu a dor da exclusão social no campo das actividades artísticas. Tal como sugere o seu pseudónimo – cujo equivalente em português é soldado –, o cantor lutou e combateu a discriminação e a exclusão social com que se debateu.

O seu sonho, esta vontade de querer ser músico conceituado, fê-lo agir como se fosse um verdadeiro militar num campo de batalha. Não desistiu! Enfrentou os obstáculos, que se lhe apareciam ao longo do percurso, com coragem e determinação.

“Os soldados são pessoas que batalham e, mesmo tendo a consciência do perigo, não deixam de ir à guerra. Por isso, resolvi identificar-me com esse nome e essa atitude”, refere o artista.

Em conversa com o nosso repórter, Antoninho Sotchwa manifestou a sua indignação em relação aos conteúdos obscenos emitidos em certas composições musicais, no país. Na sua opinião, devia haver uma instituição que avaliasse a música, antes de ser disseminada, caso tenha mensagens que ferem sensibilidades.

Ao artista não faltam argumentos: “o controlo do tipo de mensagens que o artista emite não é apenas um assunto a ele inerente, mas também ao Estado que tem o papel de dinamizar as actividades culturais no país. Sabe-se que a partir da música também se constrói a imagem da nação”.

A preocupação central do artista é a necessidade de se disseminar – através das artes – uma informação socialmente responsável que contribua para o desenvolvimento do país. Por isso, “embora as actividades culturais sejam uma espécie de negócio, temos de saber fazê-las de forma coerente”.

À procura do sucesso

Até 2002, Antoninho Sotchwa já possuía composições suficientes para gravar um trabalho discográfico. Por isso, associou-se a alguns músicos mais experientes, como é o exemplo de Mário Ntimana, com quem gravou o seu primeiro disco intitulado Tatana Siteo. Cinco anos depois, em 2007, com o apoio dos seus vizinhos, Sotchwa regista o seu segundo trabalho discográfico publicado no mercado nacional.

Como um guerreiro determinado, neste ano o artista pretende publicar o seu terceiro disco em Março. A obra contará com 10 temas nos quais fala sobre a sociedade moçambicana contemporânea.



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

O cão... outra vez!

Gostava de falar da morte quando os meus caminhos eram comandados por Lúcifer. Falava dela com gozo. Dizia a toda gente que a morte faz parte da vida, por isso não nos devemos assustar quando alguém morre. Cantava a morte em todo o lado, como se Deus nos tivesse criado para nos matar. Ficava indiferente quando alguém morresse e, pior do que isso, regozijava-me por estar a viver de morte em morte. Ia ao cemitério calcorrear aquelas campas todas, e voltava para casa. Dava mais valor à morte do que à vida, e parecia que eu próprio tinha nascido para morrer.

Era a sinistra lamparina do diabo que me dirigia nas trevas. Eu queria ir cada vez mais para o fundo. Pensava que a razão da minha existência estava lá, e que tudo o que tivesse a ver com a vida que se lixasse. E a morte será mais importante que as maravilhas de Deus. Cingia os meus rins todos os dias ao encontro da morte, ignorando o tropejar de Jehová que me barrava as veredas do mal. Eu perfurava as cercas de Deus, derrubava-O, derrubei-O muitas vezes até que Ele se cansou e despejou sobre mim um raio como o fez sobre Saul.

Agora sim! Só depois de Ele me ter vergastado é que tomei uma atitude. Olho agora para a vida com todo o respeito que ela merece. Olho para a vida como dádiva do próprio Alfa e Ómega. Agora sim! Sou superior a todas as mortes. Agora que estou nas mãos do Senhor, o diabo jamais me resgatará. Fui capturado pelos anjos. Saí das sinagogas e vivo dentro da fortaleza de Cristo. E se vivo dentro da fortaleza de Cristo, quem é você para estar contra mim?

Lembrei-me de tudo isto quando, na última terça-feira, encontrei um homem conhecido nas jardas da vida, no Comando da Polícia Camarária de Inhambane.

- O que vens fazer aqui?

- Eh pá, tenho um cão que se está a comportar mal. Salta o muro dos vizinhos, apavora as pessoas e faz uma série de coisas que me estão a assustar também. Antes que um dia aconteça o pior, prefiro matá-lo.

- Para matares o teu cão precisas de vir para aqui?

- Sim, venho pedir aos agentes camarários para irem comigo abater o animal.

- Aonde?

- Na lixeira.

Quando me disse aquilo lembrei-me do dia em que fuzilaram Gulamo Nabi, na Lixeira do Hulene. Como um cão.

- Onde está o desafortunado do teu canino?

- Está na bagageira do meu carro, ali fora.

Fiquei arrepiado com esta conversa cruel que gravitava à volta da morte.

- Não tens outra forma de mudar a situação?

- Pensei em envenená-lo, mas assim ele vai sofrer antes de morrer.

- Com as balas que vai levar no corpo não vai sofrer?

O homem deu-me as costas, mas logo a seguir voltou-se para mim com os ombros encolhidos. Abraçou-me, saímos juntos para junto do carro e, quando abriu a bagageira, vi o animal amordaçado, provavelmente pressentindo o pior que lhe ia acontecer. Estava condenado à morte. Ia ser executado. Na lixeira. Como Gulamo Nabi.

- Meu irmão, vai-te lixar, não mates esse cão!

- Se eu não o mato, acabará por ser ele a matar-me, ou a matar alguém.

De repente vi dois agentes da Polícia Camarária saindo com armas aparentemente de calibre 12. Iam divertir-se. Com a morte de um Cão.

Bolas! E há muitos compatriotas que estão a ser mortos diariamente aqui em Moçambique, como este cão.

Quando o estômago ruge a arte foge!

O chaveiro moçambicano Pedro Carlos Panguana – cujo vasto reportório artístico-musical jaz nos arquivos fonográficos da Rádio Moçambique – é um caso a partir do qual se pode concluir que, no país da Marrabenta, o génio não basta para se viver simplesmente da habilidade. Remou e remou contra uma maré que não parou de crescer até que, sem ser “bem-sucedido”, acabou por se prostrar numa actividade manufactureira. O seu estômago rugiu e a arte fugiu. E assim se “matam” os génios no país...

Texto & Foto: Redacção

É um talento que o país perdeu. Mas ainda se pode recuperar. Afinal, as suas obras – inúmeras, esclareça-se – povoam os departamentos arquivísticos da Rádio Moçambique. Outras, em número não especificado, convivem consigo na sua residência, alimentando o anseio que quem, além de o conhecer como cantor, se identifica com a sua música.

O seu nome é Pedro Carlos Panguana. Podia ser considerado – sem nenhum receio – um músico, porque é ao canto que durante largos anos da sua vida, se dedicou até que a ideologia da luta contra a pobreza absoluta que, no seu país, se apregoa obteve as provas de que a arte de cantar não era adequada. Devia definir outra, mais mecânica e, provavelmente, que demanda menos exercício mental. Por essa razão, acabou por se dedicar, definitivamente (?), à reparação e fabricação de cadeados. O músico Panguana é chaveiro. Percebamos a sua história como cantor.

O artista nasceu em 1950. Actualmente, com 64 anos de idade, o artista recebeu-nos na sua oficina adstrita ao quintal da sua casa, no bairro do Nkobe, algures na cidade da Matola. Não sabemos por onde começar a conversa. Mas nem é necessário tamanho desassossego. Quando se fala de uma catarse que ocorreu por razões alheias à nossa vontade – e é isso o que aconteceu em relação ao “matrimónio” de Panguana com a música – não se deve ter receios. Desabafa-se! E é isso o que Pedro Carlos Panguana faz. Há vezes que falar é terapêutico.

“Todas as minhas músicas foram radiodifundidas da Rádio Moçambique, mas nunca ganhei dinheiro. Por isso decidi abandonar a música. Agora dedico-me, completamente, à produção de chaves”, começa por dizer Panguana.

A sua relação com a música iniciou nos finais de 1960, tendo-se afirmado ao longo da década seguinte, no Grupo do Canto Coral da Igreja Wesleyana. Por causa da sua dedicação e talento no canto, muito cedo Pedro Carlos Panguana tornou-se o vocalista principal e maestro da colectividade.

Por outro lado, Panguana passou a ser solicitado por



várias igrejas para prestar o aludido serviço. Em resultado dessa vocação e empenho, em 1980 o cantor realizou o seu primeiro registo musical, nas Produções 1001. A sua obra, Lhwehi Wa N'sati, foi bem-sucedida de tal sorte que nos dias actuais é escutada com alguma nostalgia.

De acordo com o intérprete, há vezes que a Rádio Moçambique transmite a obra em referência. Afinal, “todas as minhas músicas têm boa qualidade”, refere.

Depois do sucesso conseguido na primeira composição, o artista ganhou ímpeto para gravar um disco – na altura vigoravam os de 45 rotações. Por isso, a sua primeira obra discográfica só tinha duas faixas musicais. Produziram-se 5 mil cópias que foram compradas em menos de duas semanas. O cantor relata que a Rádio Moçambique é que vendeu as obras. No entanto, “o retorno financeiro foi insignificante”.

A publicação do primeiro disco foi acompanhada pela realização de muitos concertos. Os palcos do Gil Vicente Bar, em Maputo, acolheram alguns dos

mais marcantes. “Cantei para um público muito vibrante. A casa estava cheia. Fui muito aplaudido. Por isso, o evento foi gratificante. Naquela época cantávamos por amor à camisola. Investia os meus poucos recursos para receber fama em troca”, recorda-se o artista.

A actuação sobre a qual Pedro Panguana se refere, no Gil Vicente Bar, é simbólica por várias razões: Além da cobertura jornalística da histórica Revista Tempo, também contou com a participação dos mais conceituados músicos moçambicanos, na altura. Avelino Mondlane, João Bata e Fernando Luís são alguns exemplos. “Quando fizemos uma digressão na província de Gaza, todos eles consumiam bebidas alcoólicas, menos eu. Por isso, muitas vezes, eles ficavam espantados com o facto de que eu fazia boas actuações – cantar e dançar – sem beber nem fumar”.

Pedro Carlos Panguana não toca nenhum instrumento musical. O seu dom é a voz que possui. Compõe as suas próprias músicas, tendo em conta a necessidade de realizar uma espécie de intervenção social. “Nas minhas músicas, invoco o amor e a ordem social”, diz.

Porque para cantar, Pedro Panguana – que é primo de Baptista Panguana, outro músico moçambicano célebre, já falecido – investia o seu próprio salário, ao longo dos anos 90, o artista decidiu desistir da arte. É que a actividade não lhe garantia a subsistência. Desde essa época até à actualidade, o cantor produz e repara chaves. “Sou chaveiro desde os meus 17 anos. Comecei a trabalhar nesse sector em 1967, mas sempre ameie a música. Nunca pensei que um dia teria de abandoná-la. Infelizmente, o estômago falou mais alto”.

Com seis filhos sob a sua responsabilidade – um dos quais deficiente, demandando, por isso, cuidados redobrados –, vezes sem conta, Panguana viu-se forçado a ignorar a paixão da sua vida, o canto.

Em 2010 parou de trabalhar na empresa onde trabalhava. Mas como Bashir Jassat, o patrono da referida empresa, lhe ofereceu uma máquina de fabrico de chaves, dois anos depois, em 2012, Carlos Panguana criou a sua oficina no bairro Nkobe. É naquela zona onde se pode recuperar um talento musical, já na terceira idade.

Lê @Verdade mesmo quando estiveres de férias www.verdade.co.mz

CONTAMINAÇÃO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2A8BBEFA

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...



Em muitos idiomas europeus, a palavra NOITE é formada pela letra "N" seguida do número 8 na respectiva língua.

A letra "N" é o símbolo matemático de infinito, e o 8 "deitado" também simboliza o eterno.

Assim, em todas as línguas, NOITE significa a união do infinito!!!

Eis uns exemplos:

- Português: noite = n + oito
- Inglês: night = n + eight
- Alemão: nacht = n + acht
- Espanhol: noche = n + ocho
- Francês: nuit = n + huit
- Italiano: notte = n + otto

RIR É SAÚDE



O motorista vai a grande velocidade, e a senhora, aflita, cheia de medo, diz-lhe:
- Faça o favor de tomar cuidado; olhe que já tenho 10 filhos por criar!
- Tem dez filhos, minha senhora! E então é a mim que a senhora pede para ter cuidado...

O Anjo:
- Está lá fora um tipo que se casou uma vez.
S. Pedro:
- É um desgraçado; leva-o ao Paraíso
- Está lá outro, que se casou duas vezes.
- É um idiota... que vá para o Inferno!

- Estas ondas são maravilhosas, não achas? - diz o dono do iate, entusiasmado.
- São, realmente - responde o convidado, já a sentir o enjoo - . E se voltássemos para trás, agora que já as vimos todas?

Um indivíduo dirige-se a um baile de máscaras, com as duas mãos a tapar o pênis. O porteiro pergunta-lhe:
- Você vem mascarado de quê?
- De provérbio.
- De provérbio?
- Sim, homem: "Mais vale um na mão que dois a voar"

Uma senhora, de certo modo avantajada, diz para a amiga:
- Que malcriado aquele cobrador do "chapa"! - O que é que ele fez?
- Imagina tu! Quando me levantei para sair, gritou: "Há dois lugares vagos!".

LIÇÕES DE VIDA...

Uma história do Dr. Arun Gandhi

Lição de vida... para toda a nossa existência...!!!

O Dr. Arun Gandhi, neto de Mahatma Gandhi e fundador do MK Institute, contou a seguinte história sobre a "vida sem violência", uma forma de comportamento adoptada pelos seus pais, numa palestra proferida em Junho de 2002 na Universidade de Porto Rico:

"Eu tinha 18 anos e vivia com os meus pais, na instituição que o meu avô havia fundado, e que ficava a 18 milhas da cidade de Durban, na África do Sul. Vivíamos no interior, no meio de canaviais, e não tínhamos vizinhos; por isso eu e as minhas irmãs ficávamos sempre entusiasmados sempre que havia a possibilidade de irmos até a cidade visitar amigos ou irmos ao cinema.

Certo dia, o meu pai pediu-me que o levasse até a cidade, onde ele participaria numa conferência durante todo o dia. Eu fiquei feliz com esta oportunidade. A minha mãe fez uma lista de coisas que precisava do supermercado e, como permaneceríamos lá muito tempo, o meu pai pediu-me também que tratasse de alguns assuntos pendentes, como levar o carro à oficina. Quando me despedi, ele disse: "Encontrar-nos-emos aqui, às 17 horas e voltaremos para casa todos juntos".

Depois de cumprir todas as tarefas, fui até ao cinema mais próximo. Deixei-me levar pelas emoções do filme, que me esqueci da hora. Quando dei conta já eram 17h30. Corri até a oficina, peguei no carro e apressei-me a ir buscar o meu pai. Já eram 18 horas. Ele perguntou-me ansioso: "Porque chegaste tão tarde?"

Eu sentia-me mal pelo ocorrido, mas não tive a coragem de lhe confessar que tinha ido ao cinema. Então, disse-lhe que o carro não ficara pronto, pelo que aguardara na oficina. Porém, eu não sabia que ele já havia telefonado para saber do carro. Ao perceber que eu estava a mentir, disse-me: "Algo não está certo no modo como eu te tenho criado, porque não tiveste a coragem de dizer a verdade. Vou reflectir sobre o que terá falhado na educação que te tenho dado. Caminharei as 18 milhas até a nossa casa, para pensar sobre isso".

Deste modo, trajando as suas melhores roupas e calçando uns sapatos elegantes, começou a caminhar para casa, pela estrada de terra e sem iluminação. Não pude deixá-lo sozinho... Guiei por seis horas e meia atrás dele. Vendo o meu pai sofrer por causa duma mentira estúpida que eu havia dito, decidi ali mesmo que nunca mais faltaria à verdade.

Muitas vezes lembro-me deste episódio e penso: "Se ele me tivesse castigado da maneira como todos nós punimos os nossos filhos, será que eu teria aprendido a lição?" Não, não creio. Teria sofrido o castigo e continuaria a fazer o mesmo. Mas esta acção não violenta foi tão forte, que ficou impressa na minha memória como se fosse ontem. "Este é o poder da vida sem violência".

HORÓSCOPO - Previsão de 17.01 a 23.01



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças; Semana, um pouco, complicada em matéria de dinheiro. Algumas dificuldades poderão perturbar o seu equilíbrio emocional. Despesas já esperadas serão motivo de alguma preocupação.

Sentimental; Semana que poderá caracterizar-se por um grande encantamento. A sua sexualidade estará em alta e deverá tirar partido dessa circunstância. As noites convidam ao romance, aproveite bem o seu relacionamento sentimental.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças; Este aspecto caracteriza-se por uma situação estável e uma semana tranquila, pois os seus problemas não passam por questões relacionadas com dinheiro.

Sentimental; A sua relação sentimental poderá ser o centro de todos os seus problemas. Seja realista e não se deixe abater por pensamentos que lhe reduzirão as suas forças e capacidades. Dentro de si, poderá aparecer uma pequena luz em relação a um futuro próximo.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças; Não se pode considerar que através um bom momento, no que se refere a questões de ordem financeira. Será uma situação que lhe poderá tirar a estabilidade que tanto necessita. Tente ter uma visão otimista e encontrará motivações que o tranquilizarão.

Sentimental; Este aspecto poderá ser muito agradável, dependerá de si e da forma como se relacionar com o seu par. Seja compreensivo e evite atribuir culpas a quem as não tem.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças; Esta área será a sua luta constante. As previsões para a semana, não sendo as melhores, também não se poderão considerar como catastróficas. Continue a viver e a lutar contra esta contrariedade, com a habitual coragem que o caracteriza.

Sentimental; Um relacionamento sentimental muito agradável será o que esta semana lhe reserva. O diálogo, a compreensão e o prazer de estar com quem gosta deverá ser aproveitado, da melhor forma.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças; Seja, extremamente, cuidadoso em tudo o que se relacionar com este aspecto. Evite as despesas desnecessárias e os compromissos financeiros que não possa assumir.

Sentimental; Este aspecto poderá caracterizar-se por um vazio, muito grande. Seja dialogante e compreensivo. Não misture trabalho com questões de ordem sentimental. Caso o consiga, tudo se poderá modificar e encontrará, junto do seu par, o carinho e a compreensão tão necessários.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças; As finanças poderão ser motivo de alguma preocupação. Não veja tudo pela negativa e pense que será um momento menos bom mas que, rapidamente, se modificará. Tudo dependerá de si e da forma como reagir às situações que forem surgindo.

Sentimental; Esta semana será muito promissora, no aspecto sentimental. A aproximação do casal será grande e os resultados serão, verdadeiramente, gratificantes. O diálogo, a compreensão e o carinho serão o caminho para uma boa semana.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças; Tudo o que se relacionar com dinheiro poderá ser motivo de alguma preocupação. Tente fazer uma boa gestão dos seus dinheiros e aguardar que este período, menos positivo, termine.

Sentimental; O seu relacionamento amoroso poderá contribuir, de uma forma muito positiva, para equilibrar outros aspetos. Deixe que o seu par se aproxime de si, além de lhe fazer, muito bem, contribuirá para se esquecer das suas preocupações.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças; Questões de ordem financeira não lhe deverão criar grandes problemas, serão caracterizadas pela estabilidade; no entanto, recomenda-se alguma prudência nas despesas e evite qualquer aplicação de capital.

Sentimental; A sua relação passa por um momento algo turbulento e complicado. Os níveis de confiança entre o casal irão estar por baixo e poderão surgir algumas situações de ciúme que, embora não justificadas, poderão criar algumas contrariedades.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças; As situações relacionadas com dinheiro começam a revelar tendência para se equilibrarem; assim, naturalmente, começará a encantar o futuro imediato de uma forma muito mais positiva.

Sentimental; Será uma semana muito agradável, em perspectiva. Não se afaste do seu par e divida com ele os seus pensamentos e desejos mais íntimos; se o fizer, terá um período que não se irá esquecer, tão depressa.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças; As suas finanças caracterizam-se pela regularidade e não será este aspecto que lhe levantarão problemas. Não serão aconselháveis, durante este período, investimentos e aplicações de capital.

Sentimental; Tente ser mais realista na sua relação e não permita que o ciúme entre no seu coração. O seu par merece a sua confiança e se conseguir ultrapassar dúvidas sem fundamento este aspecto poderá tornar-se muito agradável.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças; Semana regular, no aspecto financeiro. Algumas dificuldades que possam surgir serão ultrapassadas. Para o fim da semana, a situação tenderá a melhorar.

Sentimental; Período caracterizado por alguma insatisfação, no aspecto sentimental. Caso não tenha encontrado, ainda, a sua alma gêmea poderá ter esta semana a tal oportunidade porque tanto esperava.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças; Semana muito equilibrada em todas as questões que envolvam dinheiro, contribuindo para aumentar os seus níveis de confiança. Este período poderá proporcionar uma pequena entrada de capital que surgirá de uma forma, perfeitamente, inesperada.

Sentimental; A sua relação amorosa poderá conhecer, nesta semana, um período, extremamente, gratificante. Não evite o diálogo construtivo e abra o seu coração com o seu par.

SOPA DE PALAVRAS - SOLUÇÃO

B	Z	C	B	E	F	H	A	N	A	T	U	R	E	Z	A	J	K	L	B	A	P	D	M	G	A	E	D	I	V
O	Z	H	F	L	S	P	T	A	B	P	R	E	C	I	S	A	C	O	N	S	E	Q	U	E	N	C	I	A	S
T	D	A	G	E	X	O	H	A	D	V	E	R	S	I	D	A	D	E	S	B	R	O	K	O	V	D	S	M	B
O	A	R	U	G	Q	S	E	T	E	T	V	D	B	K	C	V	D	U	S	I	S	R	U	C	J	X	R	U	H
D	A	Z	C	E	J	F	Q	S	U	K	A	U	T	F	E	Q	U	I	A	S	T	R	S	W	T	J	E	D	V
I	F	S	Q	R	C	O	N	Q	U	I	S	T	A	D	A	J	D	E	F	G	O	Q	A	R	U	F	S	A	B
O	U	I	W	S	R	E	C	E	N	S	E	A	M	A	R	T	O	R	U	C	J	D	E	F	I	L	H	R	S

Cartoon



Carta aberta ao magnífico reitor da Universidade Eduardo Mondlane

Magnífico reitor, é com profunda tristeza que escrevemos esta carta. Somos estudantes do curso de Licenciatura em Gestão de Negócios (LGN) à Distância, ingressados no ano 2009 quando era curso de Bacharelato em Gestão de Negócios (BGN). Aliás, foi em 2008 que se introduziu o curso de Bacharelato em Gestão de Negócios em que foi admitido o primeiro grupo de estudantes, os da turma 0.

No ano seguinte, continuou a admissão dos estudantes neste curso, o que levou a que se constituíssem quatro turmas, nomeadamente as Turmas 1 e 2, que iniciaram as aulas no primeiro semestre de 2009 e turmas 3 e 4 no segundo semestre. Até este ano estava tudo a correr muito bem, tínhamos um belíssimo acompanhamento do Centro de Ensino à Distância, através do Dr. Gulamo Tajú (ex-director do Centro), do Dr. Maluleque (responsável para Área Pedagógica), dos coordenadores dos módulos e dos docentes.

A nossa infelicidade iniciou em 2010, quando, completamente cobertos de inocência, vimos o Dr. Gulamo Tajú (ex-director do Centro), o Dr. Maluleque (responsável para Área Pedagógica), os coordenadores dos módulos e os docentes fracassarem no acompanhamento que vinham dando aos estudantes e entrou uma nova personagem na nossa história: a Faculdade de Economia.

Ficámos felizes no momento ao sabermos que era uma mais-valia na monitoria do nosso curso mas infelizmente aconteceu completamente o contrário. Magnífico reitor, quando a Faculdade de Economia entrou na monitoria do nosso curso, começou a verdadeira desordem no acompanhamento.

Primeiro notámos o desaparecimento completo do Dr. Gulamo Taju no acompanhamento do curso. Em seguida houve ausência do acompanhamento dos coordenadores dos módulos e por último a notória desordem dos docentes.

No Ensino à Distância no sistema E-learning estavam concebidas:

A realização dos testes Online;

A realização dos exames nos centros de informática;

A classificação da nota final igual a 60% da nota do exame + 20% das notas de testes e trabalhos + 20% de notas de interacção nos Chats e Fóruns;

A divulgação das pautas sempre na plataforma; e

A frequência de aulas no sistema bimestral.

Porém, quando a Faculdade de Economia assumiu o

curso tudo inverteu para:

A realização dos testes Presenciais;

A realização dos exames nos centros de informática nas províncias e em Maputo nas salas normais (exames feitos manualmente, ou seja, não no computador e com diferença nas horas de realização e comparação aos estudantes das províncias diferente de Maputo);

A classificação da nota final igual a 60% da nota do exame + 20% das notas de testes e trabalhos + 20% de notas de interacção nos Chats (conversas) e Fóruns;

A divulgação das pautas na plataforma, ora via skype;

A frequência de aulas no sistema Semestral;

Magnífico reitor, porque permite que indivíduos que não têm nenhum conhecimento sobre o Ensino à Distância no sistema E-Learning monitorem o nosso curso?

Está claro que a Faculdade de Economia confunde o Ensino à Distância no sistema E-Learning com o Ensino Presencial. Se não, então existe uma máquina montada para boicotar este invejável sistema de Ensino à Distância baseado em sistema E-Learning.

Magnífico reitor, este ensino veio ajudar a nós os outros que trabalhamos nos distritos onde é impossível continuar a formação no regime presencial. E o governo está ciente disso, por isso introduziu este tipo de ensino para aumentar o número de quadros formados neste país. Querem frustrar essa nobre iniciativa?

Magnífico reitor, tudo indica que a Direcção da Faculdade de Economia está muito contra este tipo de ensino porque sempre introduz inovações que não estão concebidas para este sistema de ensino. Infelizmente, procuram dificultar e descredibilizar os esforços que os estudantes têm feito para a conclusão deste curso.

Magnífico reitor, porque não deixa o Centro de Ensino à Distância monitorar por completo os cursos à distância para se obter melhores resultados? Desconfia da capacidade do Centro de Ensino à Distância que foi instituída para esse fim?

Nós notámos que o Centro de Ensino à Distância perdeu a autonomia, sobretudo na monitoria do curso LGN desde 2010 e, talvez, seja por isso que o curso virou uma autêntica desilusão para todos os estudantes. Apenas para o seu conhecimento, magnífico reitor, até hoje os estudantes vivem os seguintes constrangimentos:

Desde 2008 até hoje nenhum estudante conseguiu defender e muito menos graduar-se;

Existem estudantes que pediram certificados de cadeiras feitas há mais de três anos sem sucesso;

Nenhum certificado de notas foi emitido devido a uma extrema confusão de notas, uma sabotagem da Faculdade de Economia;

Grande desordem nos dias de realização dos testes e exames sobretudo em Maputo (Faculdade de Economia);

Calendários dos testes e exames mal programados;

Raramente se cumpre o Regulamento Pedagógico;

Divulgação tardia dos resultados dos exames e frequentes publicações de pautas com omissão de resultados de muitos estudantes;

Falta de monitoria dos docentes na plataforma. Nem todos dominam as tecnologias;

Plataforma bastante ineficiente se comparada com a primeira (Aulanet), o que resulta de mudanças sem uma prévia consulta aos estudantes;

Magnífico reitor, pedimos a vossa urgente intervenção porque estamos a viver num profundo desespero. Muitos de nós são funcionários do Aparelho de Estado e precisamos de entregar os nossos aproveitamentos académicos para beneficiarmos de promoções profissionais ou académicas (continuação dos estudos Pós-Graduação).

Provavelmente seja do conhecimento do magnífico reitor que a UEM foi a primeira instituição de ensino a introduzir cursos à distância no sistema E-Learning, mas até hoje não graduou nenhum estudante, enquanto as instituições que introduziram este tipo de ensino anos depois já graduaram pelo menos o primeiro grupo. Magnífico reitor, será que isso lhe deixa confortável?

Qual é a meta da UEM em relação aos cursos à distância? No entanto, aguardamos a vossa nobre intervenção e solução neste problema crónico dos estudantes do Curso de Licenciatura em Gestão de Negócios à Distância que vem sendo protagonizado pela Direcção da Faculdade de Economia.

Não frustrem os esforços do governo para formar mais indivíduos de nível superior como uma das formas de combater a pobreza.

Os estudantes deste curso precisam de saber quando é que o mesmo irá terminar, principalmente os das gerações 2008 e 2009, pois até hoje não têm nenhuma informação.

Magnífico reitor, pedimos, por insistência, que verifique esta situação e reponha a ordem.

Mais não disse!

Fungula Masso

Uma visão sobre a criminalização do adultério

O Código Penal de 1886, ora em revisão, inculcava no seu leque o tipo legal de crime de adultério. Este crime foi revogado devido ao seu carácter discriminatório, que favorecia mais o homem em relação à mulher em situações de punibilidade, ferindo assim o preceito constitucional que estabelece o princípio da igualdade. Para além deste factor, nota-se logo um desenquadramento da criminalização das relações sexuais consentidas entre adultos, posto que isto viola o direito à privacidade e à reserva e intimidade da vida privada.

A questão que se coloca é: qual é o *artio legislatori*, ao pretender-se recriminalizar o adultério?

Dentre os fins do Estado vingam a justiça, a segurança e o bem-estar em todas as suas vicissitudes. Será que ao criminalizarmos o adultério iremos alcançar a tão almejada justiça, a segurança e o bem-estar?

Ou por outro lado, teremos as esquadras de Polícia, a Procuradoria e os tribunais abarrotados de processos em que os cônjuges se acusam mutuamente de cometer o crime de adultério, e para comprovar a veracidade

das acusações haverá também um leque de ofícios nos departamentos de assuntos jurídicos das operadoras de telefonia móvel a solicitar extractos das chamadas e mensagens dos respectivos clientes?

Consequentemente, haverá muitas pessoas com os seus registos criminais sujos, o que contribuirá bastante para a elevação do índice de desemprego, posto que dificilmente as empresas recrutam pessoas que já cometeram infracções criminais. No nosso humilde entender, e tendo em conta os ordenamentos jurídicos de outros países, acreditamos que seria mais prudente regular a questão do adultério no fórum cível, estabelecendo uma indemnização ao adúltero e concubina ou amante e não criminalizar o adultério.

Tal entendimento também é movido pelo facto de o casamento ser um contrato regido pelo direito civil e não faria muito sentido que um contrato civil desemboque na área criminal. Ademais, deve-se entender que a *ratio legislatori* anteriormente ao criminalizar o adultério era movida por influências religiosas que não permitiam o adultério.

Recomenda-se que se observe a questão de forma global, posto que a criminalização do adultério é contrária à Declaração Universal dos Direitos Humanos, à Constituição da República de Moçambique, por ferir o direito à reserva da vida e intimidade privadas, isto sem descurar que no plano internacional já corre uma batalha para descriminalizar esta prática em países que aplicam a lei da Sharia, onde as mulheres adúlteras são mortas apedrejadas ou mesmo de outras formas bárbaras.

Moçambique é um país que assegura e defende a promoção e protecção dos Direitos Humanos, tanto no plano nacional assim como no global, e a descriminalização do adultério em 2002 foi um exemplo claro desta situação.

Caso haja lugar à discórdia quanto à criminalização ou não do adultério, somos da opinião de que devido à sensibilidade deste instituto e por tocar em questões ligadas a direitos fundamentais, que se submeta ao referendo que é uma figura plasmada no plano constitucional. E mais não disse.

Joaquim Gaspar

Lê @Verdade mesmo quando estiveres de férias www.verdade.co.mz

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2A8BBEFA

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade

A verdade em cada palavra.

Cidadania



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade 11/1 às 3:07 ·

Depois de pouco mais de um mês de interregno, os raptos voltaram à carga esta sexta-feira (10) e raptaram, em plena luz do dia, numa zona movimentada, um moçambicano pertencente à Comunidade Hindu, identificado por Kishor Chootalal, de 57 anos de idade, o qual é proprietário da "Casa Pandia", um estabelecimento comercial destinado à venda de capulanas na baixa da cidade de Maputo.

<http://www.verdade.co.mz/newsflash/4314018>



Manuel Nhavotso +monhè em moz nao vao a tropa porquê? 4 · 11/1 às 3:40



Rajesh Gohel Vocês acham k temos governo nonosso país? Olha a vossa volta. So temos pessoas a pedir voto kdo chega eleições e depois esquecem promessas. Bando de idiotas· 11/1 às 4:07



Zulficar Mahomed Todos que se sentem ameaçados façam uma carta ao Ministério do Comércio e ao Ministério do Trabalho a comuniquem o encerramento das suas actividades até ao restabelecimento da segurança. Com uma parte dos 7 ou 8% de "crescimento anual do país," que montem câmaras de vigilância nos centros urbanos. Os danos e a insegurança serão menores · 11/1 às 3:33



Edrisse Carimo Mas esses individuos,n sei posso assim os chamar,n teem vergonha n cara? Raptar pra obter dinheiro fácil.levar milhões d alguém q trabalhou a vida inteira só numa sentada. vagabundos. · 11/1 às 3:28



Momade Ahmade Isso só acontece porque o povo não quer se unir. · 11/1 às 4:13



Catria Jacinto más o qui será que o desgraçado do guebuza tá fazendo para por fim este pesadelo ein? · 11/1 às 3:14



Dinis Jorge Esta comendo com eles porisso nao vai acabar enquanto ele for o P.R 11/1 às 3:42



Mauro Fenol Alberto A coçar os culh... e aver o filme Com o Titulo "Tensão politico-Militar em Moçambique" · 11/1 às 3:53



Catria Jacinto bem relaxadox! mi dà a vontade de queimar o kabelo branco desse kabecinha de vento qui si chama guebuza! 11/1 às 3:57



Micas Alexandre Matsuve hum outras coisas phà, guebuza até parece um anjo d deus, toda hora a adorarem o nome dele... eish vale a pena kem me dera essa benxao? · 12/1 às 13:56



Gulumba D. Mutemba Os monhês mal pagam os trabalhadores, maltratam os nossos irmãos, sempre apoiaram as vitórias fraudulentas, sempre ficaram indiferentes nos sofrimento do povo, lamento muito, mas esses gajos merece o que está acontecer com eles, se nao nao dao dinheiro aos seus trabalhadores entao o dinheiro vai para os raptos, bem feito pra eles, tenho dito, que país onde a injustiça é prato mas forte, tarde ou cedo todos vao sentir na pele, agora os monhês foram traídos com a frelimo, quando o povo chorava a injustiça do governo frelimista, os monhês sempre defenderam que a frelimo é o melhor partido, agora que sintam tambem na pele a injustiça da frelimo, agora que foram descartados ja conseguem ver que este partido é uma merda, só lamento muito por ver que na lista das vitimas os chineses, brasileiros, frelimistas com muita mola nao fazem parte, directo ou indirectamente o dinheiro que os sequestradores cobram de resgate, vai abastecer a economia do pobre, porque ladrao quando tem dinheiro gasta de qualquer maneira, diferente do monhê, que só sacrifica se a trabalhar e nao gastas dinheiro de qualquer maneira, porque nao sabem curtir, meus caros o dinheiro está em boas maos quando está com sequestradores, mas com monhê, só fica no arquivo, ja que no mundo pessoas enriquece a todo custo, mesmo se for para matar, meus caros sequestradores, força, mas inclum tambem os dirigentes na vossa lista. · 11/1 às 8:00



Jorge Miguel Miguel Boa pergunta quantos Moçambicanos d raça negra k tem muito dinheiro k nunca foram raptados por exemplo familiares dos quadros da frelimo (governo)? 11/1 às 6:40



Luis Alfredo John o governo moçambicano que é culpado pk os sequestradores sao muenhes e mto ms sequestram se entre eles isso o k quer dizer ao governo ? sera que em moçambique nao ha uma lei? 11/1 às 14:54



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade 13/1 às 0:54 ·

Cidadão Agnaldo reporta: alunos da Escola Secundária de Xai-Xai impediram a realização da repetição dos exames, alegando que a medida é injusta e prejudica os alunos que não estiveram envolvidos numa eventual fraude. Há registo de feridos no local. O certo, contudo, é que de trata da única escola cujos alunos e encarregados de educação impediram a realização de exames



Julião Gonçalves Metaveia Tem razao, eles nao sao culpados se o ministerio da educaçao deixa os exames avulso e com qualquer k seja pk os inocentes devem pagar o erro deles, que eles resolvam la dentro ese problema para evitar nax proximas vezes esa fuga de exames ja que tem pernas 3 · 13/1 às 1:19



Affonso Ilhazia Vão todos ser chumbados. É regra. Houve fraude, se anula o exame. De que jeito a repetição vai atrapalhar ou prejudicar a quem não foi fraudulento? Estão com medo de quê ? · 13/1 às 3:47



Eddy Marchal Sochangana Sochangana Pois é injusta essa realização mesmo, por mim deviam avançar bm forte p uma revolução prk é o k mais precisa a provincia d Gaza, pois é esta k xtá mais cmtaminada pelo virus da demência dsta governação trágica, tem os mais crónicos doents d Frelimitose... · 13/1 às 3:31



Carlos Pedro Protesto. O dslexo è deles nos ã temos k pagar por erro dos outros e vuce ã pod aceitar k alguém arriske a tua vida ã a si próprio. Ate esses encontrads co exames sao mulhers ou primos amants dos directors provincias or dstri-tas pedagogigos. Deve s reponsabilizar a eles ã a nos. Pk eu nem sei donde ve e nem ond s faz enxams. 13/1 às 1:23



Carlos Pita Alguns comentários são tão ridículos e infatis...eu faxo as seguintes questões: * como o exame foi violado? * q investigações foram feitas para encontrar o autor? *prk k em virtude de se ter altas notas a direção tira siuspeitas ao ponto de mandar repetir o exame, será são contra as boas notas? Por último, dizer q o MINISTERIO DE EDUCAÇÃO está doente. 13/1 às 20:20



Danilo Moçambique Macuácu Em chokwe tambem muitos alunos protestaram. E parece que muitos nao fizeram o exame embora a DDE esteve a sensibilizar os alunos grevistas 13/1 às 8:30



Kiki Uate Mandem embora professores, pessoal da DPE e MINED. 1 vez so! A ver se essa brincadeira nao acaba. Se ha corruptos para quando a punicao dos corruptores (mined)? 13/1 às 7:12



Agostinho Muchave Chumbem todos que aderiram a greve! P nunca mais pensar em fazer greve. Cabulam, são dados uma chance, boicotam. Chumbem todos. 13/1 às 5:52



Aurelio Macamo A oportunidade cria ladrão. Se os vendedores dos exames nao os tivessem colocados à disponibilidade no mercado, nada disto estaria acontecendo...Baixos salarios na Educação são a razão detudo isto...! Os alunos não tem culpa nenhuma... 13/1 às 5:01



Josuel Ze A base p evitar td slisto mandem embora td fuxionario d ministerio ou ctrolarem bem a tdx.a fraud cmexa c grandx tubaroe 13/1 às 4:49



Gulumba D. Mutemba Sao pessoas dessa natureza que pais precisa, nao vejo nenhuma diferença esntre alunos que cometeram fraud e alunos que o Mined os submete a segunda época e mesmo burros deixa-os passar automaticamente, è teiatro k o Mined está a fazer, o nosso ensino é uma merda, nada muda, quase todos alunos do ensino secundário passa sem saber nada, sao automaticamente deixado passar. 13/1 às 4:16



Fernando Mavie Compraram, sim os exames no director da excola cm seus pedagogicos pk sao eles k levantaram ox exames na Dpec, e ja nao xtao cumprir o trato. Xperavam oké? 13/1 às 3:19



Victor Severiano Munjovo Se ate guebuza quer tudo como e que o aluno nao pode sacar um vinte? Copiaram ao pai da nacao... Afinal doi, tal pai tal filho. 13/1 às 3:12



Milton Carlos Fondo Mapilele Nao quero ser dogmatico segundo o meu ponto de analise a verdade e que ha uma fragilidade no proprio sistema do ensino, agentes, docentes incluve os chefes para dizer que foi algo combinado nao so por um simples mas coajuado com um "boss". 13/1 às 2:52



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade Ontem às 4:49 ·

O presidente e proprietário do clube de futebol Vilankulo FC, Yassin Amuji, anunciou o fim da colectividade que dirige a mais de 10 anos, depois de declarar que o mesmo está à venda por cerca de 30 meticais.

<http://www.verdade.co.mz/desporto/432115>



Placido Monteiro Caros comentadores as vezes é preciso inteirar-se na materia pra dpois condenar. Sempre ha razoes pra decisoes. Não xkexamos k ele é proprietario e fundador do clube.s · Ontem às 5:00



Elidio Cambulaa Dsculpe pela expressao, mas meus kueridos irmao, vamos pensar e analisar as coisas antes de boquejar coisas sem sentido. Este clube por cada viagem gastava 75 mil meticais, e poucos appiavam incluindo a propria LMF, n ajudava. Sempre choramos procurando bons resultados mas alguns de vocesestao akui a sabotar invece de apoiar, alias, embora cada um e livre de se expressar como achar, ms coisas com sentido. Coisas feitas por mocambcanos mesmo, duvido k inixita isto na europa onde o desporto e amado e fazem dele o seu dia a dia. Continuando assim nunca chegaremos longe. · há 20 horas



Nmarcel Rafael Amigos, espero que cada um de nós aqui nesta red social, tenha capacidade de fazer uma reflexão lógica a respeito do comportamento do jovem presidente. Se ele chegou a esse ponto é sinal que há muita porcária no nosso futebol, porque vontade de trabalhar não lhe faltou e todos nós vimox isso. · há 8 horas



Manasseis João Nhachungue Pois é?... Na verdade a gente que pensa com os pés. Olha que está aqui um culhão de gente preocupado com o preço e alguns até se propoem candidatos á compra do clube... Acham k comprar um clube dá no mesmo que comprar badjias?... Engano Puro! · há 15 horas



Celestino Massingue Aquele sr é muito aberto e nao tem medo d dizer ele falou tudo oki doe eu escutei entrevista dele direto pra RM desporto no sabado é disse k se continua a minha raça lá nao vai crescer o futebol n pais nuca · há 18 horas



Carlos Junior Ha pexoes q s metem em coisas q ã percebem pah, a troco d qê?se ã ta informado ã comenta. Cada um é livre d opinar ms c sentido. O jovem Yassin lutou mto p manter o VFC nu moxambola,ms as dificultdds foram mts,e as entiddes q velam pela modalid foram padrstx · há 19 horas



Zacarias Adinane Foi fundador sim. Nao se xkexam k o mesmo foi por duas vezes melhor dirigente desportivo a nivel nacional. E foi o unico ate agr · Ontem às 5:15



Manasseis João Nhachungue Yassin Amuji já explicou a razão que lhe levou a tomar essa decisão em vários órgão de comunicação social, faz tempo; incluindo aqui no fcbk ja postou isso pessoalmente. Ainda nao basta? há 9 horas



Faruk Ibrahim Yassin Amuji devia ter sido acarinhado, mas neste pais os empreendedores estao condenados ao fracasso. Dessa agua ja eu bebi, quando me aventurei a criar uma equipa de futebol que fez grande furor na Beira, Inhambane e Xai-Xai. Que o digam os que a conheceram. Beira Manpower Futebol Clube. · há 16 horas



Néulio Naftal Mbulu 30 mt?? #averdade_falou_mentira eu juro há 20 horas



Vinho Julio Francisco Coitado do nosso futebol pk qndo tetamos sobre-sair do Anonimato vem um vendaval que nos arranca e caímos la longe onde Judas Perdeu as botas.! coitado dos adeptos do Vilanculos q tanto gostam de futebol e enchiam por completo o Municipal de Vilanculo..! Ontem às 6:03



Nicolau Da Helena Salomone Com certeza enchiamos aquele complexo municipal tamox muito trixthá 9 horas



Jose Edna Nguenha Ele ja tinha dito k nao keria ganhar dnheiro sobre a venda do clube ele so keria uma pessoa responsavel k pderia conseguir gerir... Por isso ele dcidiu entregar a comissao provincial · Ontem às 5:41



Hamilton Caetano Machatine hmmmhm.... não gostei de saber.....sabotaram o jovem... · Ontem às 5:36



Mateus Francisco Navaia Mas acham mesmo que ele é bruto para vender o clube por 30mt? Procurem lhe investigar é muito provável que anda muito magoado por descida do clube dele e muitos outros factores que influenciaram que prefere não falar. · Ontem às 5:35